UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Bianca da Cunha

Maria José Torresan Candido

ERA UMA VEZ: O BRUXÓLICO E O IMAGINÁRIO NO ESTUDO DE CONTOS

FLORIANÓPOLIS

2015

Bianca da Cunha

Maria José Torresan Candido

ERA UMA VEZ: O BRUXÓLICO E O IMAGINÁRIO NO ESTUDO DE CONTOS

Relatório de Estágio I apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I da 8ª fase do Curso de Graduação em Letras Português - Licenciatura sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS

2015

“Palavras são, na minha nem tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de ferir e de curar”.
J. K. Rowling (Harry Potter)

RESUMO

Este relatório tem a finalidade de registrar as experiências e os resultados das atividades desenvolvidas no decorrer do estágio de docência no Ensino Fundamental, do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da UFSC. O estágio de docência foi realizado na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, na turma de 7º ano do Ensino Fundamental, no período vespertino. O estágio compreendeu dois grandes projetos. O primeiro consistiu no Projeto de Docência "Era uma vez: O bruxólico e o imaginário no estudo de contos". Para a realização deste projeto, desenvolvemos duas atividades: observação das aulas e prática docente. O fator relevante para a escolha do tema do projeto foi o interesse das acadêmicas em trabalhar com narrativas imaginárias, além disso, tínhamos a convicção de que os contos fantásticos, que exploram o sobrenatural, poderiam despertar (mais facilmente) o interesse dos alunos desta faixa etária. Objetivamos, com a seleção dos contos de temática bruxólica, além de despertar o interesse pela leitura, que os alunos aprimorassem as habilidades de leitura e escrita. Para isso, desenvolvemos atividades com o propósito de formar alunos capazes de usar adequadamente a língua materna em suas modalidades escrita e oral, de refletir criticamente sobre o que leem e escrevem, e também, com a intenção de formar sujeitos autores de seu próprio discurso. A concepção de linguagem que elegemos para fundamentar as ações previstas em nosso projeto de docência ancora-se na *concepção dialógica/interacionista de linguagem*, proposta por Bakhtin. É essa concepção de Linguagem que compreende nossa noção de Gêneros do Discurso, de Ensino de Língua, de Leitura/Escrita e de Fala/Escuta. O primeiro contato com o gênero conto aconteceu a partir de leitura-fruição de textos deste gênero. Após este momento inicial, elaboramos atividades de interpretação dos elementos da narrativa de alguns contos, propusemos uma produção escrita de texto do gênero conto, possibilitamos a refacção dos textos e solicitamos aos alunos que produzissem fanzines a partir das suas produções para socialização e exposição. O segundo projeto que realizamos para o estágio consistiu em ministrar oficinas extraclasse junto aos demais colegas estagiários da disciplina MEN 7001 – Estágio de Língua Portuguesa e Literatura I. Nosso Projeto Extraclasse aconteceu em cinco encontros. Nestes encontros pudemos compreender a organização do jornal, fizemos uma análise da estrutura dos jornais: "Diário Catarinense" e "Zero", e produzimos alguns gêneros textuais da esfera jornalística para a 6ª edição do jornal "Notícias do Beatriz".

Palavras-chave: Linguagem; Gêneros do Discurso; Ensino de Língua; Conto.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 7
2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL 8
2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO 8
2.1.1 A escola 8
2.1.2 A turma 9
2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA 11
2.2.2 Problematização 11
2.2.3 Escolha do tema 12
2.2.4 Justificativa 13
2.2.4 Referencial teórico 15
2.2.4.1 Linguagem 15
2.2.4.2 Gêneros do Discurso 16
2.2.4.3 Estudo da Língua 17
2.2.4.4 Leitura/Escrita 19
2.2.4.5 Fala/Escuta 20
2.2.4.6 Avaliação 21
2.2.5 Objetivos 21
2.2.6 Conhecimentos trabalhados 22
2.2.7 Metodologia 22
2.2.7.1 Recursos materiais 23
2.2.7.2 Recursos bibliográficos 24
2.2.8 Cronograma das aulas 24
2.2.9 Planos de aula 26
3 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE 142
3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA 142
3.1.1 Introduções 142
3.1.2 Justificativa 143
3.1.3 **Reflexões teórica** 144
3.1.3.1 Linguagens 144
3.1.3.2 Gêneros do Discurso 145
3.1.3.3 Estudos da Língua 147
3.1.3.4 Leitura e Escrita 148
3.1.3.5 O Jornal e seus Gêneros 149
3.1.3.5.1 Notícias 150

3.1.3.5.2 Reportagens 151
3.1.3.5.3 Entrevistas 152
3.1.3.6 Avaliações 152
3.1.4 Objetivos 153
3.1.4.1 Objetivos geral 153
3.1.4.2 Objetivos específicos 154
3.1.5 Conhecimentos trabalhados 154
3.1.6 Metodologia 156
3.1.6.1 Recursos materiais 157
3.1.6.2 Recursos bibliográficos 157
3.1.7 Cronograma das aulas 158
3.1.8 Planos de aula 159
3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE 183
4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR 187
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 189
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 190
7 ANEXOS 192

1 APRESENTAÇÃO

Este relatório contempla cada etapa das atividades relativas ao Projeto de Docência realizado pelas acadêmicas da 8ª fase do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido, da Universidade Federal de Santa Catarina. Com orientação da Profª. Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz que nos auxiliou com informações concernentes à organização da experiência de estágio em escolas de ensino fundamental (6º ao 9º ano), pudemos concluir o Projeto de Docência correspondente à disciplina MEN7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I. Nosso Projeto de docência foi desenvolvido na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, localizada no bairro Pantanal, na cidade de Florianópolis, a partir da observação de aulas e acompanhamento da rotina escolar do professor regente da turma do 7º ano – 72, do período vespertino.

Nosso estágio foi desenvolvido mediante algumas etapas, a saber: i) aproximação da instituição de ensino para estabelecer relações com os profissionais que atuam nesta escola: diretor, coordenador pedagógico, professores, auxiliares de sala, e demais servidores; ii) observação participante que envolve o acompanhamento e registros escritos de treze aulas da professora regente com a finalidade de perceber o que é lecionar; iii) prática de docência em vinte aulas que contribuíram no processo de formação de "ser professor", acompanhadas de análise de materiais didáticos utilizados, elaboração de planos de aulas, etc.; e, por último, a participação em atividades extraclasse que compreendeu na elaboração da 6ª edição do jornal *Notícias do Beatriz*, produzido por todos os integrantes que realizaram seu Estágio Supervisionado I na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. Como requisitos para a conclusão da disciplina MEN7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, fez-se necessário ainda, avaliação e socialização da experiência docente.

Este relatório está estruturado em seções que detalham a experiência realizada, são elas: apresentação e caracterização do espaço escolar; o projeto de docência; análise da prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental; apresentação do plano de trabalho elaborado para o ensino de língua em atividades extraclasse, seguido dos relatos de seus resultados e análises; e, por fim, os anexos de todo o trabalho de campo desenvolvido que documentam os estudos planejados.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2.1.1 A escola

A Escola Beatriz de Souza Brito, nosso campo para o estágio supervisionado I, possui mais de cinquenta anos e está localizada no bairro Pantanal, Florianópolis. "Beatriz" pertence à rede municipal de ensino e recebeu este nome em homenagem a uma professora da cidade de Florianópolis. A escola é composta por alunos de diversas partes da região, pertencentes a diferentes classes sociais; o ensino fundamental desta escola básica está organizado em três ciclos, de acordo com o blog da escola: Ciclo I, do primeiro ao terceiro ano (6 a 8 anos de idade); Ciclo II, do quarto ao quinto ano (9 a 10 anos); Ciclo III, do sexto ao nono ano (11 - 14 anos de idade).

Um dos principais compromissos, definidos no Projeto Político pedagógico – PPP d escola, é formar bons leitores e escritores. Este compromisso não é apenas do professor de Língua Portuguesa, mas dos docentes de todas as áreas do conhecimento. Para isso, a Escola Beatriz definiu alguns princípios que devem orientar a ação de todos os professores e, com base nesses princípios, os professores de cada área do conhecimento trabalham com a especificidade de cada disciplina. Como princípios gerais tem-se:

1) Ler e escrever como compromisso de todas as áreas do conhecimento;
2) A sequência didática como metodologia de ensino;
3) Os gêneros textuais específicos de cada área do conhecimento como unidade de ensino;
4) A Interdisciplinaridade: que vai se efetivar na medida em que todos os professores trabalharem com leitura e escrita dos gêneros próprios de cada área do conhecimento pela metodologia das sequências didáticas.

Para que este compromisso seja honrado por todos os profissionais de todas as áreas é oferecido o curso de formação continuada "Ler e escrever, compromisso da escola".

Sobre o processo avaliativo, não há reprovações, os alunos que não alcançam a média são incentivados a estudar no contraturno os conteúdos que não se apropriaram.

Em relação aos projetos da escola, destacamos: "Beatriz para além de seus muros", em que turmas fazem saídas de estudo; o jornal "Notícias do Beatriz"; a prática de esportes não convencionais para as aulas de Educação Física, como: *skate*, *surf*, *badminton* (popularmente conhecido como peteca), tênis de mesa, etc.

Utilizar o aspecto cultural para acrescentar ao conteúdo programático das disciplinas é o grande diferencial da escola “Beatriz”. A inserção de projetos no planejamento pedagógico foi de grande contribuição para o incentivo à interação. Diante da heterogeneidade em salas de aula é necessário criar um ambiente de diálogo sobre culturas de diferentes povos, que vão ao encontro dos interesses de cada aluno. A literatura, a arte e o esporte contribuem de forma significativa para a socialização de crianças e jovens.

Segundo o PPP da escola, o “Beatriz” possui nove salas de aulas grandes, com dois ventiladores cada, um quadro branco, um armário para guardar os livros didáticos, uma mesa de mármore e uma cadeira para o professor, contamos trinta carteiras e cadeiras para os alunos. Além disso, há uma secretaria; uma sala de direção; uma sala de professores; uma sala de coordenação pedagógica; uma sala de planejamento; uma sala de apoio pedagógico; uma biblioteca; quatro espaços socráticos (bancos e livros disponibilizados para que os alunos tenham maior acesso à leitura); uma sala de informática que possui dezessete computadores (16 para uso dos alunos) com internet e sistema operacional Linux; sete banheiros, sendo um adaptado; uma cozinha e depósito; um refeitório amplo com cardápio escolar elaborado por uma nutricionista, objetivando a alimentação saudável dos alunos; um almoxarifado; um depósito de material de limpeza; um ginásio de esportes para as aulas de Educação Física; uma sala multiuso; uma sala de auxiliares de ensino; e um estacionamento com poucas vagas para os professores e funcionários da escola.

A instituição conta com cinquenta funcionários, dentre eles vinte e seis efetivos, onze terceirizados e treze em caráter temporário. A Escola “Beatriz” possui um diretor, uma secretária, uma assistente, uma supervisora escolar, dois professores de orientação, supervisão e coordenação educacional, dois bibliotecários, uma assistente na biblioteca, uma professora na sala informatizada, vinte e oito professores e doze profissionais de serviços gerais e cozinha.

A organização, estrutura física e os espaços em funcionamento na escola Beatriz de Souza Brito atendem às necessidades de aprendizagem socioeducacionais dos alunos. Além disso, percebemos que a escola conta com profissionais preparados, capazes de proporcionar uma educação de qualidade.

2.1.2 A turma

Segundo o quadro geral de turmas da escola Beatriz de Souza Brito, há quinhentos e oito alunos matriculados do 1º ao 9º ano e dezoito turmas para atendê-los.

Nossa observação das aulas de Língua Portuguesa e, posteriormente, a docência, aconteceu na turma do sétimo ano vespertino (turma 72). Nessa turma há vinte e oito alunos oriundos de diversas localidades de Florianópolis e com idades entre 11 a 15 anos, o que proporciona a diversidade social e cultural do grupo. A turma escolhida para o nosso estágio de docência tem aulas de português distribuídas em três dias da semana: uma aula nas segundas-feiras, das 15h00min. às 15h45min.; uma aula às terças-feiras, das 13h30min. às 14h15min.; e duas aulas às quintas-feiras, das 13h30min. às 15h00min.

Com o intuito de conhecermos os alunos e elaborarmos nosso projeto de docência, aplicamos um questionário de dezessete questões relativas a aspectos da vida dos alunos dentro e fora da escola. Ao todo, vinte e três alunos responderam ao questionário no dia 06 de abril de 2015. Neste questionário, os alunos não precisaram colocar seus nomes, somente o sexo (masculino ou feminino), com isso, foi contabilizado treze alunos do sexo masculino e dez do sexo feminino. Uma das questões foi referente à cidade em que nasceram, nessa, vinte e um alunos responderam ter nascido em Florianópolis, um no Paraná e um em Campinas-SP. Dentre as perguntas, estavam: “quais eram seus responsáveis”; “qual o meio de locomoção usado por eles”; “a disciplina que desperta mais interesse e a que desperta menos”; “se possuem o hábito da leitura”; etc. Sobre as respostas, a maioria dos alunos possuem pais divorciados; o meio de locomoção deles está dividido entre ônibus e ir à pé para a escola; dentre as disciplinas que despertam mais interesse dos discentes, estão: Ed. Física e Geografia; dentre as disciplinas que despertam menos interesse, estão: Matemática e Português; sobre o hábito da leitura, a grande maioria disse que lê com frequência.

Durante o estágio de observação, percebemos que a turma 72 se divide em grupos pequenos, o que é comum nas escolas. A organização da sala é tradicional, as carteiras são organizadas em fileiras, há alunos com lugares fixos e outros não. A professora sempre registra no quadro branco as atividades a serem realizadas para o dia e a sua relação com os alunos é tranquila e amigável.

A professora da turma 72 tem cinquenta anos e exerce a profissão há 19 anos e 11 meses. Atualmente, a profissional possui carga horária de 60 horas semanais. Ela trabalha com o Ensino Fundamental e Ensino Médio. É professora efetiva da rede municipal de ensino de Florianópolis e da rede Estadual de ensino, passou nos primeiros concursos que prestou. A professora afirmou que durante sua graduação precisava trabalhar e, por isso, objetivava se

formar no tempo mínimo, de quatro anos e meio. Sobre a metodologia das suas aulas de Língua Portuguesa, ela procura estimular a leitura, para isso, disponibiliza um dia na semana para visita à biblioteca para troca e/ou empréstimo de livros, além disso, estimula a produção textual dos gêneros estudados. Após a leitura das produções, ministra aulas de análise linguística e prioriza a refacção das produções. Quanto aos gêneros da oralidade, chama a atenção para a escuta atenta ao outro, ao respeito à fala do outro.

2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

2.2.2 Problematização

Com base na reflexão sobre as vivências reunidas durante o período de observação, uma das etapas do Estágio de docência, realizada na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, elaboramos este Projeto de Docência para os alunos da turma 72.

O referencial teórico-metodológico assumido pela escola ancora-se na compreensão de que o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é imprescindível para a participação efetiva no meio social em que vivemos. A linguagem está ligada aos interesses humanos, relacionada ao mundo, às pessoas, à política e à cultura. É pela linguagem que os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, opiniões e sentimentos, acessam a informação, produzem cultura. Considerando-se esta compreensão, o currículo da escola organiza-se em torno do eixo ler e escrever como compromisso dos docentes de todas as áreas de conhecimento e não mais como responsabilidade apenas do professor de Língua Portuguesa.

A importância e o valor atribuídos aos usos da linguagem oral e escrita, para os PCNs (1998, p. 23), são determinados historicamente de acordo com as demandas sociais de cada momento. Ainda segundo esse documento, atualmente os níveis de leitura exigidos são bem superiores aos que satisfizeram as demandas sociais há poucos anos – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para atender a essas demandas é necessário que as escolas, como espaços institucionais de acesso ao conhecimento, façam uma revisão das práticas de ensino para que se possa desenvolver o aprendizado da linguagem, a partir da diversidade de textos que circulam socialmente, cancelando as práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjuntos de regras a serem aprendidas.

Segundo SOARES (2001), é necessário uma "mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país – da mera aquisição da 'tecnologia' do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita". Atualmente, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa a interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Portanto, é importante e necessário que se invista na formação de uma geração de leitores para um mundo em permanente mudança, cada vez mais exigente quanto à qualidade da leitura e da escrita.

Neste sentido, os professores devem atuar, planejar e desenvolver ações de ensino que contribuam para o letramento efetivo dos alunos, atentando-se para o ensino da leitura e da escrita dos mais diferentes gêneros que circulam na sociedade: há uma demanda da sociedade contemporânea que requer domínio de leitura e escrita, não apenas como decodificação, mas que considere a complexidade desses processos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa,

> A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69-70).

Nosso projeto de ensino para os alunos do sétimo ano da E. B. M. Beatriz de Souza Brito se fundamentou na opção teórico-metodológica assumida pela escola, que está relacionada a uma demanda do mundo contemporâneo. Por isso, planejamos trabalhar o gênero conto com atividades que visavam aprimorar práticas de leitura e escrita que os estudantes já realizam nos mais diversos espaços sociais. O desenvolvimento dessas habilidades acontece quando o aluno consegue identificar os gêneros discursivos, transitar entre os gêneros e quando consegue ser autor de seu próprio discurso.

2.2.3 Escolha do tema

Em nossa primeira reunião com a professora de Língua Portuguesa, na escola básica Beatriz de Souza Brito, nos foi disponibilizado o Planejamento Anual desta disciplina para

que pudéssemos escolher, dentre os gêneros a serem estudados na turma de 7º ano, qual gostaríamos de trabalhar durante nosso período de prática docente.

Dentre as propostas de gêneros a serem trabalhados, tínhamos: conto; relato de experiência e crônica com diálogo argumentativo. À primeira vista, poderia se pensar que as opções foram limitadas, mas logo entendemos que a previsão de estudo desses gêneros no 7º ano articula-se à organização curricular para o ensino da Língua Portuguesa na escola, considerando os nove anos de escolaridade dos alunos no ensino fundamental.

Escolhemos o gênero conto para trabalhar com a turma 72 durante o segundo bimestre letivo. O fator relevante para a escolha do tema foi o interesse das acadêmicas em trabalhar com narrativas imaginárias. Sabemos que os contos fantásticos, que abusam do sobrenatural e do impalpável, costumam despertar interesse nos alunos entre 11 a 15 anos de idade. A seleção dos contos aconteceu em conformidade com a temática dos livros que alguns alunos relataram terem gostado de ler. Entre alguns livros citados, estavam: a saga de "Harry Potter", de J.K. Rowling; a saga "O Senhor dos Anéis", de J. R. R. Tolkien; a saga "Crepúsculo", de Stephenie Meyer.

Consideramos que trabalhar contos em sala de aula é de fundamental importância, pois são textos indispensáveis para a formação de um bom leitor, mas independente dos contos e das atividades desenvolvidas no conjunto das aulas sob nossa responsabilidade, sabemos que o mais importante é que o professor possa ser capaz de produzir conhecimentos e material didático adequado para as necessidades de seus alunos, proporcionando novas oportunidades de aprendizado e de interação com o universo literário.

É relevante ressaltar que não há uma fórmula para se fazer gostar de literatura, mas é certo que o professor é o maior mediador das possíveis leituras a serem realizadas e é o responsável por direcionar a atenção dos alunos para elas.

2.2.4 Justificativa

Com o propósito de formar alunos capazes de usar adequadamente a língua materna em suas modalidades escrita e oral, de refletir criticamente sobre o que leem e escrevem, e também, com a intenção de formar sujeitos autores de seu próprio discurso, planejamos trabalhar o gênero conto com atividades que visavam desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

Consideramos a leitura e a escrita como atividades discursivas. É essa concepção de ensino de língua que é sugerida nos documentos oficiais e também no PPP da escola, campo

de nosso estágio de docência. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998, p. 22) "produzir linguagem significa produzir discursos". O que significa dizer, portanto, que a linguagem se realiza em uma situação concreta de interação social, em que se diz algo a alguém, de uma forma específica, em um contexto histórico, com uma intenção comunicativa.

Para justificar nossas escolhas destacamos, ainda, os objetivos descritos no PPP da escola para a formação básica do cidadão, entre eles: *o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura e da escrita*, e *o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores*,

Nosso projeto de docência visou, assim, proporcionar aos alunos o acesso a textos autênticos do gênero conto, sempre levando em consideração a situação efetiva de produção, para que eles argumentassem e questionassem em uma relação de interlocução com os autores dos textos lidos e para que eles pudessem se constituir autores de seu dizer, quando da produção de contos que foram publicados em fanzines, com o objetivo de estabelecer o diálogo com outros leitores, que não apenas os colegas da sala.

2.2.4 Referencial teórico

2.2.4.1 Linguagem

A concepção de linguagem que elegemos para fundamentar as ações previstas em nosso projeto de docência ancora-se no pensamento de Bakhtin, que concebe a linguagem como um constante processo de interação entre os falantes da língua, mediado pelo diálogo com o outro. A língua, nessa concepção, só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação.

Para Bakhtin, a linguagem é um fenômeno profundamente social e histórico e, por isso mesmo, ideológico, uma vez que a língua realiza-se por meio da interação social, em um determinado tempo histórico, e é carregada de ideologias.

Segundo o autor, "a língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam". (BAKHTIN, 1997, p. 302). Com isso, a unidade básica de análise linguística, para Bakhtin, é o enunciado.

O sujeito é visto por Bakhtin como sendo imbricado em seu meio social, sendo permeado e constituído pelos discursos que o circundam. Isto é, o sujeito só se constitui como tal a partir do diálogo com os outros falantes, ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro.

> Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 115).

Nessa perspectiva, todo discurso, segundo Bakhtin (2006), se constitui de uma fronteira do que é seu e daquilo que é do outro. A partir disso, temos a *concepção dialógica/interacionista de linguagem*.

Bakhtin sugere que a linguagem possui caráter dialógico, desse modo, toda enunciação é um diálogo, pois os enunciados pressupõem outros que os antecederam e que os sucederão ('já ditos de outros discursos'), e é sempre endereçada a alguém. Essa característica interacional revela a condição social do enunciado (gênero).

Afirmando que a língua evolui historicamente na comunicação verbal concreta, uma ordem metodológica de ensino da língua é apresentada por Bakhtin em seu escrito *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006, p. 127), a saber: a interação verbal em sua ligação com o contexto em que ela se realiza; as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal; e, por último, a análise das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. Nesta perspectiva, o dialogismo é condição essencial para que a linguagem se dê de fato.

É essa concepção de Linguagem – e que compreende nossa noção de Gêneros do Discurso, de Ensino de Língua, de Leitura/Escrita e de Fala/Escuta, tal como apresentaremos na sequência – que assumimos para fundamentar nossa ação docente no Ensino de Língua Portuguesa.

2.2.4.2 Gêneros do Discurso

A noção bakhtiniana de gêneros do discurso está ancorada na relação entre linguagem e indivíduo, na qual o ato de comunicação exerce a função de intermediário dessa relação de enunciado e enunciador, na medida em que permite a interação entre sujeitos a partir da articulação da "langue" (língua) com "parole" (fala). Dessa forma, o discurso só pode ter existência pela forma de enunciado assumido pelo falante, provendo a comunicação humana. Cada enunciado representa um novo acontecimento, um evento histórico único, constituído pela interação dos falantes e associado ao tempo e espaço. O locutor, portanto, ao produzir discurso expressa sua relação com o mundo e tenta adequar-se a uma determinada esfera social da atividade humana. Cabe ressaltar que, quando Bakhtin fala de esfera social, estão implicados valores ideológicos (visões de mundo) que sustentam cada uma dessas esferas, papéis sociais que os sujeitos ocupam na situação de interação, função social dos discursos em cada uma delas. Com base nessa concepção, "[...] o centro organizador de toda a enunciação, de toda a expressão não é interior mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo". (BAKHTIN, 2006, p.123-124).

Para Bakhtin nenhum enunciado é produzido sem levar em consideração a noção de gêneros discursivos, já que para ele a utilização de uma língua acontece pela mediação dos mesmos. É a heterogeneidade dos gêneros do discurso integrados à fala que permite que cada qual seja condicionado a um campo específico da atividade humana.

> Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKTHIN, 2003, p. 261).

Nessa perspectiva, Bakhtin define os gêneros do discurso como tipos de enunciados que estão inteiramente ligados à comunicação social; isto é, os gêneros se constituem a partir da interação com a vida, na relação intrínseca com as diferentes esferas sociais da atividade humana, considerando o aspecto *socioideológico e discursivo dos gêneros*.

Para fomentar uma reflexão acerca do que é proposto para a prática de ensino dos gêneros discursivos, recorremos Marcuschi (2008), que também relaciona os gêneros às práticas sociais de uso da língua. Para este autor, ao se tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino, a abordagem pedagógica precisa ultrapassar a ideia de gêneros como modelos, exemplos de estruturas convencionadas ou ferramenta de ensino; propõe estudá-los vinculados ao seu papel social. É o que esperamos ter proporcionado aos nossos alunos no estudo do conto ao longo do desenvolvimento deste Projeto de Docência.

2.2.4.3 Estudo da Língua

Segundo Antunes, o estudo da língua deve centrar-se:

> Em atividades, em produções (não no sentido mecânico de fazer para "encher o tempo", ou para cumprir a praxe do "dever", simplesmente). Tais atividades de produção teriam a função de promover (não de "treinar") no aluno a prática da comunicação verbal fluente, adequada e relevante, e **o conteúdo dessas atividades**, repito, giraria em torno **das habilidades de falar, ouvir, ler e escrever textos** [...]. (ANTUNES, 2003, p. 124, **grifos nossos**).

A proposição da autora acerca do ensino de língua tem relação com a problemática apontada na seção 2.2.1, ou seja, há uma necessidade do mundo contemporâneo que exige conhecimentos específicos para que os sujeitos possam tomar a palavra e se fazer ouvir, assim como possam produzir contrapalavras aos discursos do outro, em uma atitude de compreensão responsiva ativa, tal como propõe Bakhtin.

Nesse sentido, Antunes (2003) ressalta que a produção de textos, nas aulas de Língua Portuguesa, não deve servir para exercitar mecanicamente os conteúdos elucidados nas aulas.

Segundo a autora, a prática pedagógica ideal para as aulas de Língua Portuguesa é a que considera a produção de textos como elemento de interação entre os indivíduos ou como forma de atuação nos diversos espaços de comunicação.

O trabalho com a Língua Portuguesa deve desenvolver no aluno a visão de língua como um fator de identidade cultural e como elemento de interação verbal, ao invés de persistir em uma prática pedagógica que "em muitos aspectos, mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas" (ANTUNES, 2003, p. 19). Ao fazer o estudo das nomenclaturas e classificações gramaticais se tornarem predominantes nas aulas de Língua Portuguesa, não estaremos contribuindo para que o aluno adquira competências em leitura e escrita. Antunes (2003) refere-se ao ensino dessa gramática como:

> uma gramática voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto, uma gramática dos "nomes" das unidades, das classes e subclasses dessas unidades (e não das regras de seus usos). Pelos limites estreitos dessa gramática, o que se pode desenvolver nos alunos é apenas a capacidade de "reconhecer" as unidades e de nomeá-las corretamente. Vale a pena lembrar que, de tudo o que diz respeito à língua, a nomenclatura é a parte menos móvel, menos flexível, mais estanque e mais distante das intervenções dos falantes. Talvez, por isso mesmo, seja a parte "mais fácil" de virar objeto das aulas de língua. (ANTUNES, Irandé. 2003, p. 32).

Outra prática denunciada pela autora refere-se a tornar a aula de língua cheia de preconceitos linguísticos:

> A língua não pode ser vista tão simplistamente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. **A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social.** É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. **É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço.** (ANTUNES, Irandé. 2007, p. 22, **grifos nosso**).

Consideramos que as concepções de Irandé Antunes sobre o ensino de Língua Portuguesa estão mais relacionadas com o que desenvolvemos durante a prática docente. Nos distanciamos de qualquer prática denunciada pela autora como ineficaz. As sub-seções seguintes referem-se à organização do ensino de Língua Portuguesa pelas práticas de uso da linguagem, quais sejam: a leitura/escrita, a fala/escuta, todas perpassadas pela dimensão da reflexão e análise dos recursos da língua. Para essa discussão, vamos nos valer das ideias de autores, como: Geraldi (1993, 2006), Irandé (2003) e Marcuschi (2002).

2.2.4.4 Leitura/Escrita

Considerando que os processos de leitura e escrita são primordiais para o desenvolvimento dos alunos, nossas aulas destinadas à leitura e escrita foram embasadas nos estudos de Geraldi (1993).

Em Portos de Passagem (1993, p. 137), Geraldi salienta a importância da leitura e da produção textual, apontando para a necessidade de "ter o que dizer" (conteúdo); "uma razão para dizer o que se tem a dizer" e que "se tenha para quem dizer o que se tem a dizer", como base para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre texto – leitor.

Geraldi considera que é "no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas (...), quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva (...)" (GERALDI, 1993, p. 135). Ao usar o texto como objeto de estudos, o aluno poderá aprender as regras gramaticais da gramática normativa, identificará as marcas pessoais do autor e terá grande chance de produzir textos coesos e coerentes, de forma contextualizada.

O professor ao ler as produções dos alunos não pode desconsiderar as ideias do estudante, segundo o autor, o docente precisa agir como interlocutor dos textos dos alunos em oposição ao papel do professor-avaliador. Ser apenas professor-avaliador é assumir uma prática artificial que vê a produção de texto como um produto final, um resultado do processo. Agir como interlocutor significa, segundo Geraldi (1993, p.64), questionar, sugerir, testar o texto do aluno como leitor, construir-se como "co-autor" que aponta caminhos possíveis para o aluno dizer o que quer dizer na forma que escolheu.

Geraldi (2006) afirma que a prática de leitura que se faz na aula de Língua materna é artificial porque os alunos não leem os textos, fazem apenas exercícios de interpretação, portanto, o caráter dialógico da linguagem proposto por Bakhtin não é considerado nas aulas de leitura. Diante disso, a prática efetiva sobre o ensino da leitura empreendida em sala de aula por nós, estagiárias, contou com momentos efetivos para ler diversos textos do gênero conto.

No que se refere à produção de texto, para o autor, também há artificialidade porque o único interlocutor do texto do aluno é o professor, que geralmente não lê o texto: apenas o corrige. Também nesse caso o caráter dialógico da linguagem não é levado em consideração porque o aluno não considera os possíveis leitores de seu texto e, por isso, não se esforça para criar estratégias discursivas. Para "fugir" dessa artificialidade mencionada pelo autor, em nossa prática de ensino da escrita, propiciamos ao aluno o momento de produção de texto, no

qual tiveram que entregar suas produções para a professora ler e fazer os apontamentos necessários para a reescrita do texto e, posteriormente, tiveram que apresentá-lo aos demais colegas e publicá-los em um fanzine, com o objetivo de atingir outros interlocutores.

2.2.4.5 Fala/Escuta

Segundo Irandé Antunes (2003), a produção oral e a produção escrita devem ter o mesmo valor na aula de Língua Portuguesa, uma vez que as duas são práticas sociais de uso da língua. A oralidade e a escrita se complementam.

Para a autora, no que se refere às atividades em torno da oralidade, temos uma visão equivocada de que tudo de "errado" na língua acontece na fala, pois ela está acima das prescrições gramaticais. Segundo Antunes (2003, p. 25), existe uma concentração em torno das atividades da oralidade informal, peculiar às situações da comunicação privada. Nessa perspectiva, o trabalho com a oralidade (muitas vezes) se restringe à reprodução de registros informais (conversa, por exemplo), ao invés de aproveitar o trabalho com os diferentes gêneros do discurso para destacar as variedades linguísticas presentes nas situações de uso oral da língua.

Além disso, é importante trabalhar com os gêneros orais destacando os padrões gerais da conversação, apresentar os gêneros orais da comunicação pública que exigem registros mais formais e salientar para a necessidade de certas convenções sociais exigidas para o contexto de "falar em público".

Para Marcuschi[1] (2002), a fala é primária e a escrita é generalizada. A fala é adquirida em ambientes informais do dia-a-dia, enquanto a escrita é adquirida em ambientes formais da escola, daí seu status de maior prestígio como bem cultural.

Na sociedade atual sabemos que tanto a escrita quanto a oralidade são imprescindíveis, mas não podemos confundir seus papéis e seus contextos de uso, bem como, não discriminar os seus usuários.

A partir dessas proposições, consideramos necessário desenvolver a capacidade de expressão oral dos alunos a partir de um trabalho de caráter interacional, ou seja, um trabalho inserido em uma prática social discursiva, que envolva interlocutores, que tenha um determinado sentido e uma determinada intenção. Desse modo, a fala deixa de ser espontânea,

[1]Para desenvolver nossa reflexão sobre a oralidade, retomamos o trabalho sobre a análise de livros didáticos da disciplina de Linguística Aplicada, elaborado pelas acadêmicas Bianca da Cunha, Maria José Torresan Candido e Marta Claudete Maria, no qual utilizamos Marcuschi para escrever sobre o gênero oral.

relaxada e descuidada, passando a ser trabalhada de acordo com o contexto interacional no qual está inserida. Consideramos ainda, que para desenvolver este tipo de abordagem no ensino de língua materna, o professor precisa preocupar-se em prever e avaliar suas concepções, objetivos, metodologias e resultados de seu trabalho com o intuito de conseguir ampliar a competência comunicativa de seus alunos.

Levando em consideração as concepções apontadas nesta seção, que vão ao encontro das teorias estudadas nas disciplinas do curso de graduação Letras-Português, planejamos as aulas com a intenção que os alunos alcançassem os objetivos indicados na seção que segue.

2.2.4.6 Avaliação

A concepção de Irandé Antunes (2003) nos norteou para pensarmos o processo avaliativo. Para a autora, a avaliação precisa ser uma prática contínua e progressiva. Nesse processo, a autonomia didática do professor assume papel importante para que as aulas de português sejam para falar, ouvir, ler e escrever textos, contribuindo de uma forma crítica, pedagógica e relevante para o aprendizado dos alunos. É através da avaliação que o docente conhece o que foi apropriado pelo aluno no processo de aprendizagem e pode planejar como dar continuidade ao processo de ensino.

Com base nas preposições acima, consideramos que a avaliação deve ocorrer em cada dia da prática docente, pois a aprendizagem se dá em todos os dias. Para isso, consideramos: o interesse e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas; o desempenho dos alunos no alcance dos objetivos estabelecidos, a cooperação dos alunos no momento de discussão dos textos, a proposição de questionamentos; respeito aos professores e colegas, escutando-os quando estes estiveram fazendo o uso da fala; a clareza, coerência e expressividade durante a apresentação oral; a entrega das atividades.

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos foi avaliado a partir da produção e refacção do conto. Nesta atividade avaliamos se os mesmos se apropriaram da função social e da forma de composição do gênero conto.

2.2.5 Objetivos

- Reconhecer o conto como um gênero que circula socialmente, considerando sua função social, tema, estilo e forma de composição, pela leitura e interpretação de diversos textos do gênero;

- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa durante a socialização das leituras dos contos lidos;
- Desenvolver a prática da leitura e interpretação pela leitura-fruição e leitura-estudo de contos;
- Identificar as especificidades do conto e os elementos que compõem esse gênero pela análise de recursos discursivos, textuais, estilísticos e linguísticos;
- Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa, com base na análise de contos lidos;
- Identificar os tipos de narrador e os efeitos de sentido de cada um deles na construção de narrativas, com base na análise de contos lidos;
- Aprimorar prática da escrita através de atividades de interpretação com base em roteiros de estudos previamente elaborados pelas professoras e da produção de um conto a ser publicado em um Fanzine;
- Produzir um fanzine com os contos produzidos.

2.2.6 Conhecimentos trabalhados

- Estudo do gênero conto, considerando sua função social, tema, estilo, forma de composição;
- Leitura-fruição do gênero conto;
- Leitura-estudo do gênero conto;
- Prática da oralidade: clareza, coerência, expressividade na socialização do conto lido;
- Atividades de interpretação de contos lidos;
- Marcas discursivas, textuais, estilísticas e linguísticas do gênero conto;
- Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho;
- Elementos que constituem o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
- Produção escrita e reescrita do gênero conto;
- Produção de fanzines dos contos produzidos.

2.2.7 Metodologia

A realização do Projeto de Docência visou, primordialmente, o aprendizado dos alunos sobre a língua, pelas práticas de fala/escuta, leitura/escrita e análise linguística, com base no estudo aprofundado de um determinado gênero, que circula em uma esfera específica, com funções e características peculiares que o distinguem de outros gêneros desta mesma esfera e de outras esferas. Este projeto também pretendeu atrair a atenção dos alunos de modo que se sentissem motivados e envolvidos com o tema – gênero conto – e que conseguissem realizar plenamente as atividades solicitadas.

Para isso, abordamos o gênero a partir da leitura-fruição e leitura-estudo de diversos contos relacionados com o universo bruxólico e místico retirados de livros de Franklin Cascaes, J.K. Rowling, entre outros autores; foi solicitada a produção de textos do gênero conto a partir das leituras e dos estudos realizados em sala; fizemos a exibição de uma cena de contação de história recortada da saga "Harry Potter"; e tivemos produção de fanzines que foram "confeccionados" a partir dos contos produzidos pelos alunos, com posterior apresentação para os demais colegas.

Apresentamos a seguir os recursos materiais e bibliográficos utilizados para a realização do Projeto e o cronograma com a síntese das atividades que foram desenvolvidas durante a prática docente.

2.2.7.1 Recursos materiais

Computadores (sala de informática);
Notebook (professora estagiária);
Projetor multimídia (sala de informática/ ou orientadora do estágio);
Fotocópias dos contos utilizados em aula;
Quadro branco;
Caneta para quadro branco;
Caderno para anotações do quadro e das discussões em sala (alunos e professoras estagiárias);
Câmera fotográfica (fotos para publicação no relatório de estágio de docência);
Revistas e jornais;
Folha branca A4;
Materiais escolares: Tesoura, cola, lápis de cor, caneta hidrocor, régua, lápis de escrever, borracha, caneta esferográfica, etc.

2.2.7.2 Recursos bibliográficos

“Uma noite de profunda insônia solitária”, de Amilcar Neves;

“O abençoado”, de Júlio de Queiroz;

“Vassoura bruxólica”, de Franklin Cascaes;

“A Boitatá”, do Editor: Patrícia Van Rhijn e Tradução de Neide T. Maia González;

“O Coração Peludo do Mago”, de J.K. Rowling;

“Babbitty, a Coelha e seu Toco Gargalhante”, de J.K. Rowling.

“A Fonte da Sorte”, de J.K Rowling;

“O Bruxo e o Caldeirão Saltitante”, de J.K Rowling;

“O Conto dos Três Irmãos”, de J.K Rowling.

Vídeo: Harry Potter e as Relíquias da Morte- Parte I- cena “O Conto dos Três Irmãos”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=38Qie_cxQqM> Acesso em: 27de abril de 2015.

2.2.8 Cronograma das aulas

DATA, AULAS e HORÁRIO	ATIVIDADES DESEMPENHADAS
11/05/2015 - 1ª Aula- 15:00h às 15:45h	✓ Apresentação das estagiárias e do projeto de docência; ✓ Leitura-fruição do conto “O Bruxo e o Caldeirão Saltitante”, de J.K. Rowling; ✓ Elaboração “Contrato pedagógico” entre professoras e alunos.
12/05/2015- 2ª Aula-13:30h às 14:15h	✓ Conversa sobre o cartaz do “Contrato pedagógico”, elaborado na aula anterior; ✓ Leitura-fruição de diferentes contos pelos alunos: “Uma noite de profunda insônia solitária”, de Amilcar Neves; “O abençoado”, de Júlio de Queiroz; “Vassoura bruxólica”; de Franklin Cascaes; “A Boitatá”, tradução de Neide T. Maia González; “O Coração Peludo do Mago”, de J.K. Rowling; “Babbitty, a Coelha e seu Toco Gargalhante”, de J.K. Rowling.

	✓ Atividade de interpretação dos contos a partir de roteiro de estudo elaborado pelas professoras – 1ª atividade de entrega.
14/05/2015- 3ª e 4ªAula- 13:30h às 14:15h e das 14:15h às 15:00h	✓ Continuação da atividade de interpretação dos contos a partir de roteiro de estudo elaborado pelas professoras – 1ª atividade de entrega; ✓ Visita à biblioteca para empréstimo de livros; ✓ Leitura e interpretação do conto: "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling.
08/06/2015- 5ª Aula- 15:00h às 15:45h	✓ Conversa sobre o que tivemos na última semana antes da greve; ✓ Leitura do conto: "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling; ✓ Atividade de interpretação do conto e dos elementos da narrativa – 2ª atividade de entrega.
09/06/2015- 6ª Aula-13:30h às 14:15h	✓ Refacção da 1ª atividade de interpretação dos contos a partir de roteiro de estudo elaborado pelas professoras; ✓ Socialização das leituras realizadas na terça-feira (12/05/15).
11/06/2015- 7ª e 8ªAula- 13:30h às 14:15h e das 14:15h às 15:00h	✓ Aula expositivo-dialogada sobre os elementos que compõem um texto narrativo como o conto, com base em questionamentos sobre o conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling.
15/06/2015- 9ª Aula- 15:00h às 15:45h	✓ Continuação da aula expositivo-dialogada sobre os elementos que compõem um texto narrativo como o conto, com base em questionamentos sobre o conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling.
16/06/2015- 10ª Aula-13:30h às 14:15h	✓ Produção escrita de contos para entrega.
18/06/2015- 11ª e 12ª Aula- 13:30h às 14:15h e das 14:15h às 15:00h	✓ Leitura-estudo do conto: "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling; ✓ Exibição de cena relativa ao conto "O Conto dos Três Irmãos", recortada da saga "Harry Potter"; ✓ Aula expositivo-dialogada para retomada dos elementos que compõem um texto narrativo como o conto, tomando como referência o conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K.Rowling.

	✓ Atividade de interpretação do conto – 3ª atividade de entrega.
22/06/2015- 13ª Aula-15:00h às 15:45h	✓ Aula de análise linguística com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos alunos.
23/06/2015- 14ª Aula-13:30h às 14:15h	✓ Refacção dos contos.
25/06/2015- 15ª e 16ª Aula- 13:30h às 14:15h e das 14:15h às 15:00h	✓ Continuação da refacção dos contos.
29/06/2015- 17ª Aula-15:00h às 15:45h	✓ Oficina sobre fanzine.
30/06/2015- 18ª Aula- 13:30h às 14:15h	✓ Produção de fanzines para socialização dos contos produzidos.
02/07/2015- 19ª e 20ª Aula- 13:30h às 14:15h e das 14:15h às 15:00h	✓ Apresentação e exposição dos fanzines; ✓ Encerramento da docência em sala de aula.

2.2.9 Planos de aula

Na sequência, apresentamos o plano de cada uma das aulas sintetizadas no cronograma de docência.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 1 – 45min. (11/05/2015– Segunda-feira – 15:00h às 15:45h)

Tema: O universo bruxólico em conto.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Aproximar-se do universo das narrativas bruxólicas pela leitura fruição do conto "O Bruxo e o Caldeirão Saltitante", de J.K. Rowling.

1.2. Objetivos Específicos

Conhecer o projeto de docência a ser desenvolvido ao longo das 18 aulas pelas estagiárias a partir da apresentação de alguns aspectos do projeto pelas professoras estagiárias;

Expressar a compreensão do texto "O Bruxo e o Caldeirão Saltitante", respondendo oralmente as questões propostas pela professora;

Participar da elaboração coletiva de uma poção mágica para ter boas aulas, contribuindo com a indicação de ingredientes necessários para tal.

2. Conhecimentos abordados

Função social do conto: leitura-fruição;
Prática da escuta;
Compreensão de texto.

3. Metodologia

As estagiárias irão organizar as carteiras em círculo para dar início à aula. (05 minutos)

A professora regente da turma, a orientadora Maria Izabel de Bortoli Hentz e as estagiárias responsáveis pela docência na turma 72 receberão os alunos para apresentação do Projeto de docência. (10 minutos)

A professora estagiária responsável pela aula iniciará a leitura do conto "O Bruxo e o Caldeirão Saltitante", de J.K. Rowling. (10 minutos)

Após a leitura do conto realizada pela professora, será sugerido que os alunos falem sobre a compreensão que tiveram do conto, elaborando comentários acerca do mesmo. (05 minutos)

No final da aula, aproveitando a temática do conto, a professora irá propor que os alunos listem "ingredientes" necessários para uma poção mágica de como ter boas aulas. Todos os "ingredientes" sugeridos pelos alunos deverão ser escritos no quadro branco e irão funcionar como um "contrato pedagógico"; (15 minutos)

A professora estagiária que não é responsável pela aula irá escrever em uma folha branca todas as sugestões dos alunos (anotadas no quadro branco) para que, posteriormente, sejam transcritas em uma cartolina e fixadas na parede da sala. A mesma professora fará a chamada.

4. Recursos

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso.

5. Avaliação

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Compreensão do texto lido a ser demonstrada nos comentários às questões propostas, assim como pela proposição de questionamentos;
b) Interesse e envolvimento nas atividades a ser manifestado na atenção em relação à leitura do texto pela professora e na cooperação no momento de discussão do texto e de elaboração coletiva da poção mágica para se ter boas aulas.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "O Bruxo e o Caldeirão Saltitante". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.p.03

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – TEXTO DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE DOCÊNCIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia
Estagiárias responsáveis: Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 7º ano - Turma: 72

ERA UMA VEZ: O BRUXÓLICO E O IMAGINÁRIO NO ESTUDO DE CONTOS[2]

Caros alunos,

A partir de hoje começamos a dar aulas para vocês. Gostaríamos de aproveitar este momento para contar um pouco sobre como serão nossas aulas e o que esperamos da turma.

Iremos trabalhar o gênero conto, dando continuidade ao planejamento elaborado pela professora Rita. Para compreender esse gênero, vamos realizar leitura-fruição e leitura-estudo de vários textos deste gênero.

A leitura de alguns contos bruxólicos e místicos será fundamental para que o projeto se realize. Por isso, nós vamos reservar partes de algumas aulas exclusivamente para isso: leitura. O conto é uma narrativa curta, que trata de um acontecimento ficcional, fantástico ou imaginário, com um número limitado de personagens, e que apresenta uma situação condensada e completa.

Após realizar leituras de vários contos, vamos estudar as características e os elementos que constituem esse gênero.

A avaliação do ensino e da aprendizagem de todos será realizada com base em diferentes atividades, como: interpretação de contos; produção escrita de um conto; produção de um fanzine (suporte que abrange diferentes gêneros); e também pelo interesse de cada um em relação às nossas aulas através das leituras e participação nas discussões sobre o gênero trabalhado.

No último dia de nossa docência, vamos montar um varal com os fanzines produzidos através dos contos criados por vocês, para que possam ter acesso às criações dos colegas.

[2] Texto de apresentação desenvolvido pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido como forma de introduzir alunos no tema trabalhado ao longo das aulas de Língua Portuguesa.

Estaremos à disposição de vocês e queremos contribuir com o que pudermos para o aprendizado de vocês neste bimestre. Vocês podem se dirigir a nós a qualquer momento para fazer sugestões, tirar dúvidas e pedir explicações.

Também queremos contar com a colaboração e participação de vocês em nosso processo de aprendizado de "ser professoras".

Bom trabalho a todos nós!
Bianca e Maria José.

Anexo 2 – CONTO

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

O Bruxo e o Caldeirão Saltitante

Era uma vez um velho bruxo muito bondoso que usava a magia com generosidade e sabedoria para beneficiar seus vizinhos. Em vez de revelar a verdadeira fonte do seu poder, ele fingia que suas poções, amuletos e antídotos saíam prontos de um pequeno caldeirão a que ele chamava de sua panelinha da sorte. De muitos quilômetros ao redor, as pessoas vinham lhe trazer seus problemas, e o bruxo, prazerosamente, dava uma mexida na panelinha e resolvia tudo.

Esse bruxo muito querido viveu até uma idade avançada e, ao morrer, deixou todos os seus bens para o único filho. O rapaz, porém, tinha uma natureza bem diferente da do bom pai. Na sua opinião, quem não sabia fazer mágicas não valia nada, e ele muitas vezes discordara do hábito que o pai tinha de ajudar os vizinhos com sua magia.

Quando o velho morreu, o jovem encontrou escondido no fundo da velha panela um embrulhinho com o seu nome. Abriu-o na expectativa de ver ouro, mas, em lugar disso, encontrou uma pantufa grossa e macia, pequena demais para ele e sem par. Dentro dela, um pedaço de pergaminho trazia a seguinte frase: "Afetuosamente, meu filho, na esperança de que você jamais precise usá-la."

O filho amaldiçoou a caduquice do pai e atirou a pantufa no caldeirão, decidindo que passaria a usá-lo como lixeira.

Naquela mesma noite, uma camponesa bateu à porta da casa.

— Minha neta apareceu com uma infestação de verrugas, meu senhor. O seu pai costumava preparar um cataplasma especial naquela panela velha...

— Fora daqui! — exclamou o filho. — Que me importam as verrugas da sua pirralha?

E bateu a porta na cara da velha.

Na mesma hora, ele ouviu clangores e rumores que vinham da cozinha. O bruxo acendeu sua varinha e abriu a porta, e ali, para seu espanto, viu que brotara um pé de latão na velha panela do pai, e o objeto pulava no meio da cozinha fazendo uma zoada assustadora no piso de pedra. O bruxo se aproximou admirado, mas recuou ligeiro quando viu que a superfície da panela estava inteiramente coberta de verrugas.

— Objeto nojento! — exclamou ele, e, com feitiços, tentou primeiro fazer desaparecer o caldeirão, depois limpá-lo e, por fim, expulsá-lo de casa. Nenhum dos feitiços, porém, fez efeito, e ele não pôde impedir o caldeirão de segui-lo saltitante para fora da cozinha, e depois subir com ele para o quarto, alternando batidas surdas e estridentes a cada degrau da escada de madeira.

O bruxo não conseguiu dormir a noite toda por causa das batidas da velha panela verrugosa ao lado de sua cama, e, na manhã seguinte, a panela insistiu em acompanhá-lo, aos saltos, à mesa do café-da-manhã. *Plem, plem, plem* fazia o pé de latão,

e o bruxo ainda nem começara o seu mingau de aveia quando ouviu outra batida na porta.

Havia um velho parado na soleira.

– É a minha velha jumenta, meu senhor – explicou ele. – Perdeu-se ou foi roubada, e sem ela não posso levar os meus produtos ao mercado e minha família passará fome hoje à noite.

– Com fome estou eu agora! – bradou o bruxo, e bateu a porta na cara do velho.

Plem, plem, plem fez o caldeirão no chão com aquele seu único pé de latão, mas agora o estrépito se misturava aos zurros de um jumento e aos gemidos humanos de fome que vinham de suas profundezas.

– Pare! Silêncio! – guinchou o bruxo, mas todos os seus poderes mágicos não conseguiram calar a panela verrugosa, que o seguiu saltitando o dia todo, zurrando e gemendo e clangorando, aonde quer que ele fosse ou o que quer que fizesse.

Naquela noite ouviu-se uma terceira batida na porta, e ali, na soleira, estava parada uma jovem mulher soluçando como se o seu coração fosse partir de dor.

– O meu filhinho está gravemente doente – disse ela. – Por favor, pode nos ajudar? Seu pai me disse para vir se tivesse algum pro...

Mas o bruxo bateu a porta na cara da jovem.

E agora a panela atormentadora se encheu até a borda de água salgada e derramou lágrimas por todo o chão enquanto pulava, zurrava, gemia e fazia brotar ainda mais lágrimas.

Embora, pelo resto da semana, nenhum outro aldeão tivesse vindo à cabana do bruxo buscar ajuda, a panela o manteve informado dos seus muitos males. Em poucos dias ela não estava apenas zurrando, gemendo, transbordando, pulando e brotando verrugas, mas também engasgando e tendo ânsias de vômito, chorando como um bebê, ganindo feito um cão e cuspindo queijo estragado, leite azedo e uma praga de lesmas vorazes.

O bruxo não conseguia dormir nem comer com a panela ao seu lado, mas ela se recusava a sumir dali, e ele não podia silenciar nem forçar o caldeirão a parar.

Por fim, não agüentou mais.

– Tragam-me todos os seus problemas, todas as suas preocupações e todas as suas tristezas! – gritou, fugindo noite adentro, com a panela perseguindo-o aos saltos pela estrada que levava à aldeia. – Venham! Deixem que eu cure vocês, recupere vocês e console vocês! Tenho a panela do meu pai e vou remediar tudo!

E, com a detestável panela ainda a persegui-lo saltitante, ele correu pela rua principal lançando feitiços para todos os lados.

Dentro de uma casa, as verrugas da garotinha desapareceram enquanto ela dormia; a jumenta perdida foi trazida de um urzal distante e suavemente deixada em seu estábulo; o bebê doente foi umedecido com ditamno e acordou bom e rosado. Em todas as casas em que havia doença e tristeza, o bruxo fez o melhor que pôde, e gradualmente a panela ao seu lado parou de gemer e ter ânsias de vômito, e sossegou, reluzente e limpa.

– E então Panela? – perguntou o bruxo trêmulo, quando o sol começou a despontar.

A panela arrotou o pé de pantufa que ele havia jogado em seu fundo, e permitiu que o bruxo o calçasse em seu pé de latão. Juntos, eles regressaram à casa, os passos da panela finalmente abafados. Mas, daquele dia em diante, o bruxo passou a ajudar os aldeões exatamente como fazia seu pai, antes dele, para que a panela não descalçasse a pantufa e recomeçasse a saltitar.

GLOSSÁRIO

Caduquice: Velhice.

Cataplasma: Substância medicamentosa, aplicada sobre a pele numa zona do corpo.

Clangores: Som de trombeta.

Ditamno: Planta rutácea, muito aromática.

Estábulo: Estabelecimento onde se abrigam os cavalos e seus arreios; estrebaria

Estrépito: Ruído forte; estrondo.

Hábito: disposição de agir constantemente de certo modo, adquirida pela frequente repetição de um ato.

Pergaminho: é o nome dado a uma pele de animal, geralmente de cabra, carneiro, preparada para nela se escrever.

Regressar: Retornar ao local ou circunstância inicial; voltar ao ponto de início; voltar.

Reluzente: Que consegue reluzir (brilhar); que cintila: sorriso reluzente.

Remediar: Dar remédio.

Rumores: Barulho; ruído

Soleira: Parte inferior do vão da porta, ao nível do piso, constituída por pedra, mármore ou peça de madeira quadrilonga.

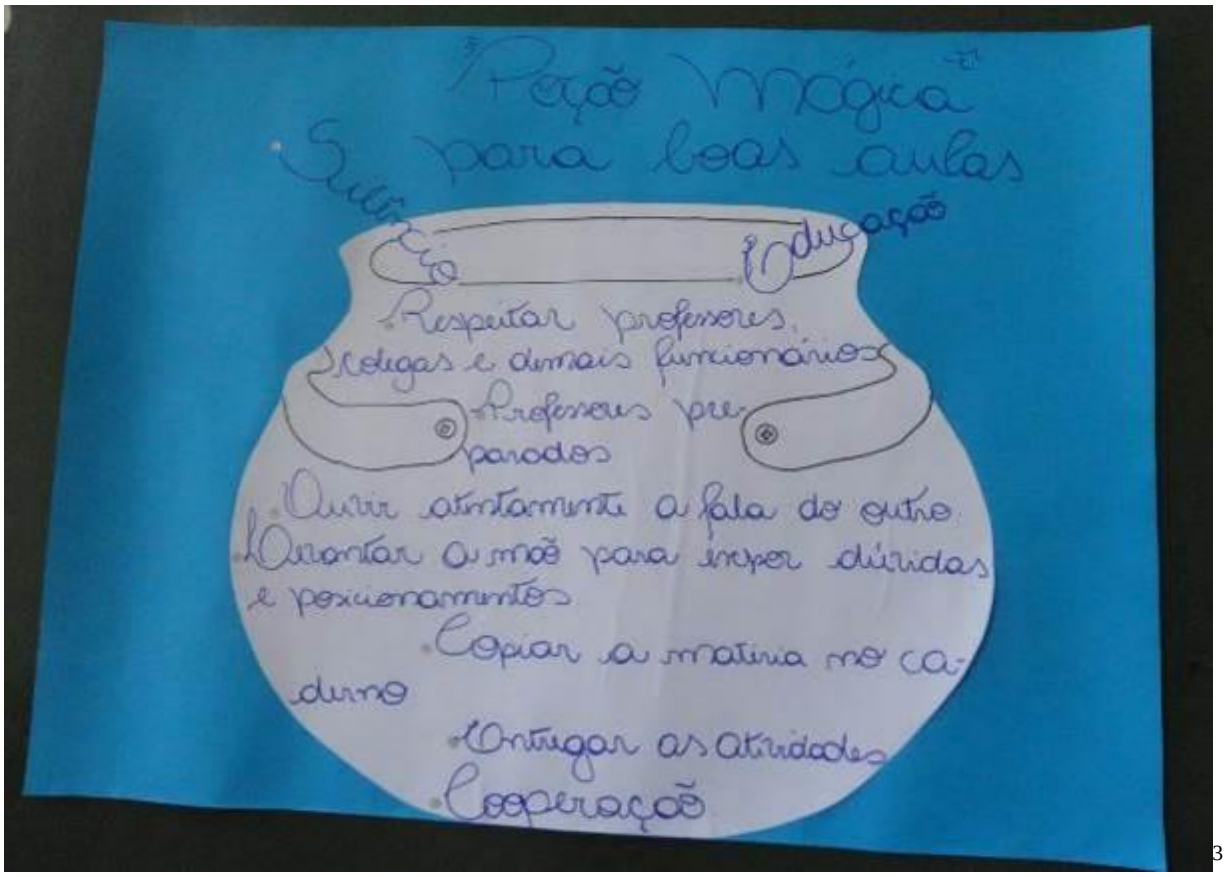
Urzal: mato de pouca altura.

Zoada: Barulho; gritaria; zumbido: provocado por instrumento, som, voz humana.

Zurros: Grito prolongado do burro.

ROWLING, J. K. “O Bruxo e o Caldeirão Saltitante”. In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.p.03

Anexo 3 – Cartaz do “contrato pedagógico”



[3]

[3]O cartaz foi elaborado para sistematizar as discussões realizadas com a turma sobre os combinados para terem boas aulas de Língua Portuguesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 2 – 45min. (12/05/2015- Terça- feira- 13:30h às 14:15h)

Tema: Leitura-fruição de contos.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Reconhecer a função social do gênero conto a partir da leitura-fruição e interpretação de diferentes contos fantásticos.

1.2. Objetivos Específicos

Ler contos de narrativas fantásticas, que envolvam: mitologia, fantasia, mistério, o sobrenatural, o grotesco e o bruxólico;

Compreender o conto lido com base em roteiro de leitura.

2. Conhecimentos abordados

Função social do conto;
Leitura-fruição de contos;
Interpretação escrita do conto lido.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora irá conversar com os alunos sobre o cartaz do "Contrato pedagógico", relembrando a atividade realizada na aula anterior. (05 minutos)

Em seguida, os alunos serão orientados a sentar-se em duplas para que a professora estagiária possa falar sobre a atividade que será desenvolvida. Em duplas, os alunos farão a leitura de textos do gênero conto. Cada dupla receberá um conto diferente. Na sequência, a professora estagiária entregará perguntas de interpretação para serem respondidas e entregues até o final da aula. As professoras estarão à disposição para auxiliar os alunos na compreensão dos textos e elaboração das respostas, caso seja necessário. (35 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela regência de classe fará a chamada.

4. Recursos

Cartaz;
Quadro;
Caneta para quadro branco;
Contos impressos;
Questões de interpretação de texto;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Comprometimento com a leitura dos contos, a partir da observação da concentração e da postura dos alunos durante a atividade;
b) Interação das duplas na elaboração das respostas às questões propostas, pela observação do diálogo que estabelecem entre si;
c) Comprometimento com a entrega das questões;
d) Adequação das respostas.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

NEVES. Amilcar. Uma noite de profunda insônia solitária. In: CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.)**. 13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

QUEIROZ. Júlio de. O abençoado. In: CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.)**13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CASCAES, Franklin. Vassoura bruxólica. In: CASCAES, Franklin. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2012.

CO-EDIÇÃO LATINO-AMERICANA. A Boitatá. In: **Contos de Animais Fantásticos**. São Paulo: Ática S.A., 1992.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. O Coração Peludo do Mago. In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. Babbitty, A Coelha, e seu Toco Gargalhante. In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ANEXOS - CONTO 01

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

Uma noite de profunda insônia solitária

Amilcar Neves

Eu entendo perfeitamente as coisas que são reais, que nós vivemos com elas na realidade, e as coisas que são fantásticas. Franklin Cascaes
(em "Franklin Cascaes: Vida e Arte e a Colonização Açoriana", de Raimundo Caruso, citado por Heloísa Espada em "Na Cauda do Boitatá").

A brincaria é gostosa, como eu sempre falei, porque nós não sofremos na carne aquilo que nós contamos através de histórias. Franklin Cascaes
(em Franklin Cascaes: Vida e Arte, e a Colonização Açoriana, de Raimundo Caruso).

Foi numa sexta-feira, numa noite de profunda insônia solitária. Era madrugada, fazia calor e a lua estava cheia. Inquieto, saí para a rua e encontrei meu vizinho ocasional. Nos conhecíamos só de bons-dias e boas-tardes. Ele mora na Ilha Júlio Moura, número 31, e eu, quando estou aqui, aporto no mesmo arquipélago, na Ilha 19. É a casa do meu tio Jonas Carvalho, que fica no andar de cima da sua loja, a tradicional Casa das Noivas. Por isso é que falei que ele era meu vizinho ocasional, quando, na verdade, o ocasional aqui sou eu.

Já se vão longe aqueles dias. Estamos em algum ponto da linha do tempo por volta do final da década de 60 e o início dos anos 70 do século passado. Eu já estava casado e ele ainda não havia enviuvado. As ruas todas da cidade encontravam-se rigorosamente vazias. Nem cachorro sai de casa nesse horário. Só se ouvem, de quando em quando, os apitos dos guardas-noturnos, logo seguidos das respostas também apitadas dos companheiros de ronda. Um ou outro bêbado perdido pelas calçadas, tentando subir escadas imaginárias. A brisa que sopra, tímida e suave, é exatamente a viração necessária para impedir que fiquemos empapados de suor.

— Boa noite, Franque – falei.

— Franque?

— Sim. De Franquelinho. É melhor do que Francolino, como diz aquele povo lá do Pântano do Sul.

Ele não riu. Não é do seu estilo sair rindo assim por aí, debaixo da lua. Mas gostou da brincadeira.

Seguimos lado a lado e a conversa escorre com naturalidade, espontânea. Caminhamos na mesma direção, despreocupados. No que me pareceu então ser mera casualidade, logo chegamos às margens alagadas da Lagoinha do Jacaré do Rio Tavares. A lua redonda esparrama-se pela superfície adormecida da lagoa. Vaga-lumes em profusão riscam o espaço imediatamente acima das águas. Uma coruja piou seu pio sinistro. Em seguida levanta vôo e foge em disparada. Outras três a seguem com semelhante pressa e idêntico grasnido agourento.

— Isto aqui é uma maternidade tatarina.

— Um ninho de boitatás? – exclamo, exaltado.

— Quem foi que te disse que boitatá se cria em ninho? – Franque me encara, perplexo, seu rosto traduzindo toda a abissal incredulidade que lhe perpassa o cérebro.

— Bem, foi só uma metáfora... – tento amenizar as coisas.

— Numa noite como esta – ele parece ter esquecido por completo nosso diálogo precedente –, em setembro de 1960, exatamente no dia 13, nasceu bem ali a vacatatá Enréa.

— Sim, lembro dela. Uma homenagem a esta Ilha de Encanto, Repouso e Amor. Enréa.

— Isso. Uma rainha, a deusa-mãe mitológica da espécie, a grande reprodutora. A mais sedutora e, portanto, a mais mortal representante dos boitatás.

— E aquilo lá?... – aponto para a margem da Lagoinha do Jacaré e logo recolho a mão, receoso que Franque perceba no gesto algum tremor, por certo causado pelo sereno que cai.

— Aquela luminosidade fosforescente, fantasmagórica sob este luar pleno, e que se desloca lentamente rente ao chão vindo ao nosso encontro?

— Essa – apenas consigo balbuciar.

— Um fogo-fátuo, nada mais. Muito comum nesta região.

Procuro observar o fenômeno com isenção e analisá-lo de forma racional. Reparando bem, é como se diversos fogos-fátuos, muitos deles, dezenas, agora centenas, se dirigissem para o mesmo pólo magnético, para uma espécie de centro de gravidade de todo o Rio Tavares. Desvio os olhos e abstenho-me de externar qualquer comentário, minhas inquietações mais íntimas.

— Estamos com sorte – murmura Franque como se falasse com os próprios botões, buscando a lua cheia com os olhos.

— É, está uma noite perfeita, maravilhosa.

— Uma noite perfeita e maravilhosa... Lembro-me de uns versos, umas quadrinhas. Dizem assim:

Ora veja esta bruxinha
Em urubu fantasiada:
Parece a mais linda misse
Que a Nova Iorque foi levada.

— Versinhos interessantes – comento ao acaso, sem muito entusiasmo.

— Tem outra quadra. Presta atenção:

Ilha das velhas faceiras
E, também, das moças prosas
As bruxas dos teus recantos
São lindas que nem as rosas.

— O que significam esses versos? – começo a impacientar-me. — Até onde sei, as bruxas desta inacreditável Ilha de Santa Catarina são um horror de feias, malvadas a mais não poder e inteiramente submissas aos caprichos diabólicos de Lúcifer, o anjo decaído.

— Tens razão, é isso mesmo o que corre por aí, à boca pequena. A verdade verdadeira, porém, pode estar escondida por detrás de um pequeno detalhe, talvez se deixe desvendar apenas por um versinho ingênuo qualquer. Quem é que espalha essas histórias todas, hem? Já te perguntaste a respeito?

— Bem, o povo do lugar, todo mundo, a gente da Ilha – respondo-lhe de pronto, e então suspeito que Franquelinho se prepara para me revelar algo importante, uma verdade fundamental.

— Quase isso. Na verdade, apenas metade desse pessoal todo é que insiste em atestar que as bruxas são do jeito que descreves. Apenas aquela metade diretamente interessada no assunto: as mulheres, as nossas mulheres, que temem a concorrência imbatível.

Caminhando em silêncio, percebo que chegamos à borda de uma clareira, justamente o local para onde converge a procissão de fogos-fátuos. Olho interrogativamente para Franque. Sem se virar para mim, ele se limita a comentar em tom casual:

— Não te falei que estamos com sorte?

Não pára de chegar mulher de todos os lados. Chegam, se despem, pegam o vaso do unto sem sal, untam com ele os corpos nus umas das outras, riem muito, invocam a fórmula mágica – "Por debaixo do telhado e por riba do silvado, já vamos com mil diabos" – e vão se mostrando mais bonitas do que qualquer rosa.

— Mestre Francolino! – gritam algumas delas, alegres, abanando (o rabo) para o meu vizinho.

— Franculino, meu lobisomenzinho de estimação!

— É ela – segreda-me o Franque. — Espia só.

Trata-se de uma bruxa negra, um corpo lindíssimo, de misse para levar para Nova Iorque. Chego a engasgar-me só de vê-la vir requebrando, dengosa, toda nua, untada, untuosa. Ela se aproxima muito pertinho, muito junto, aperta Franque contra o peito, os seios firmes espetando suas faces, entrando-lhe pelas orelhas. Enquanto ela se enrosca pelo corpo dele, sussurrante, ronronante, os quadris inquietos, as coxas impacientes, ele ainda encontra tempo e, em especial, sangue-frio para me aconselhar:

— Estou te vendo meio travado, rapaz. Sei, é porque estás casado de novo. Lembra-te, porém, que ninguém acredita em bruxas, elas não existem. Portanto...

A fascinante bruxa de ébano tasca-lhe na boca um beijo de explorar amígdalas. Só então me dou conta que Franque está completamente nu, e eu nem o vi livrar-se das roupas.

Olho em volta, olho para baixo e descubro-me também nuzíssimo da silva. Gentinha rápida no gatilho, essa da clareira, reflito envergonhado, com medo de me constipar no meio da madrugada.

No retorno para o nosso arquipélago, Franque vem pensante, filosofante:

— O bom é que agora retomamos a nossa vida de sempre. O ruim é que não vais poder contar esta história para ninguém.

— Nem pensava nisso, Franque.

— Não? Tua natureza de escritor deve estar se contorcendo mais do que a Francineide para arrumar uma forma de colocar no papel os acontecimentos desta noite.

— Francineide?

— A primeira que te abordou e se atracou contigo, aquela maravilha de bruxa mulata, um monumento vivo à sensualidade. Não penses tu que eu estava cego para o que acontecia em volta. Um pesquisador da cultura popular não pode se dar a esse luxo mesmo nas condições mais extremas e adversas.

— Francineide, é?

— E sabes como ela é conhecida nas quebradas? O Colosso do Sertão do Peri. Sei de pai de família na cidade que daria apartamento na Beira-Mar por uma noite com ela.

Ao entrarmos na Mauro Ramos, ele passa o braço pelos meus ombros:

— A vida é assim mesmo, meu jovem amigo. Por diversos motivos não temos como compartilhar com os outros os nossos melhores momentos. Nem mesmo sendo um escritor de ficção: primeiro porque ninguém vai acreditar em ti e, se tiveres a intenção de falar a sério, corres um risco considerável de ver a tua reputação arruinada sem remédio.

Cór'go Grande, outubro de 2003

GLOSSÁRIO:

Abissal: Muito grande**;** profundo**.**
Adversas: Que está em oposição.
Agourento: Que acredita em agouros; supersticioso.
Amígdalas: Cada uma das glândulas em forma de amêndoa que se encontram na garganta.
Aporto: Regressar ao porto.
Arquipélago: Grupo de ilhas, pouco distantes umas das outras.
Bruxa de ébano: Bruxa como o ébano (madeira escura e valiosa).
Constipar: Ficar resfriado.
Convergir: Fazer com que seja guiado para uma mesma direção.
Empapados: Embeber; ensopar.
Externar: Manifestar exteriormente
Fogo- fátuo: Uma luz azulada que pode ser avistada em pântanos.
Imbatível: Que não pode ser derrotado.
Lúcifer: Anjo poderoso; o primeiro filho de Deus, que foi expulso do paraíso por desafiar seu pai.
Maternidade tatarina: Ninho de boitatá**.**
Monumento: Construção ou obra que transmite a recordação de alguém ou de algum fato memorável.
Ocasional: Que acontece por acaso.
Perpassa: Decorre; passa; transcorre.
Profusão: Em que há abundância; em grande quantidade
Ronronar: Ruído contínuo produzido pelos felinos e que faz parte de sua comunicação.
Submissão: Ação de obedecer.
Unto: Gordura ou banha; óleo.
Viração: Vento suave e fresco, espécie de brisa que sopra do mar para a terra; aragem.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim. "Uma noite de profunda insônia solitária". In: **13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. In:13 Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CONTO 02

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

O abençoado

Júlio de Queiroz

Na noite escura, a lua brilhava intensamente clareando tudo. Numa clareira fechada, crepitava uma fogueira apagada. Sexta-feira, mas já era sábado. Meia-noite de breu.

Malina olhou ao longe.

— Há mil anos que venho recomendando a Pestina para aprender a chegar na hora combinada. Peste de bruxa que sempre se atrasa! – comentou com o gato preto empoleirado no seu ombro esquerdo.

Como para contrariá-la, uma nuvenzinha começou a se formar no horizonte, vinda das bandas do mar grosso. Cresceu um pouquinho, tomou forma. Cavalgando sua vassoura preferida, feita de urzes nascidas à beira de um túmulo mal fechado, Pestina chegou.

Mal apeada, foi logo se explicando:

— Menina, que noite! Andei ocupadíssima! Imagine que vindo para cá, passei por uma velha sentada na porta de sua casa, comendo um pedaço de peixe. O prato no seu colo ainda tinha uns quatro pedações. Pedi um. A danada me mandou trabalhar! Tive que dar meia-volta, voar por cima do mar, soprar um vento arisco em cima do barquinho do filho dela bem para lá do Cabo de Santa Marta. Emborquei o barquinho e deixei o filho da velha no meio das ondas. Como eu estava com pressa, não o afoguei, mas tive tempo de lhe botar no juízo que sua desgraça era por causa que sua mãe tinha negado uma isca de peixe a uma velhinha pobre. Assim, quando ele chegar em casa, vai contar para a mãe. A velha vai sentir um remorso medonho! Bem feito! Desculpe, quero dizer, mal-feito! Um mal-feito bem feito! Você me entende! Mas de que se trata?

Nisso, um morcegão adejou e pousou. Mal tocou o chão e transformou-se numa bruxa das mais peçonhentas.

— Hi, hi, hi, meninas! Qual é a maldade? Logo que estava passando pelo Ribeirão de vocês vi um neném de poucos meses, dorme que dorme. A mãe, na cozinha, torrando café. Passei uma asa na boca do menininho. Começou a chorar e a vomitar. A mãe largou o tacho dos grãos de café no fogo, foi correndo para o filho, carregou o menino para fora do quarto. O menino ali, vomitando e chorando, e o café? Queimado que nem tição. O neném vai sarar, mas até lá vai dar uma trabalheira danada. Hi, hi, hi!

O bruxedo foi aumentando. Cada uma que pousava na clareira, apresentava suas credenciais de maldades e mal-feitos.

— Irmãs! – era voz de falsete de Malina, convocando as bruxas, como sempre, sete, presentes. — Convidei vocês para a gente discutir um assunto que me está preocupando muito. Com essa história de progresso, de médicos aos montes e uma farmácia em cada canto e em cada farmácia mil remédios para tudo, nós estamos ficando mais que desmoralizadas. Ninguém fala mais em mezinha! Ninguém quer saber de remédio de planta. Benzedura? Poucas velhas sabem alguma ainda. Nós vamos é desaparecer. E não é no ar, não. É deixar de existir mesmo. Inda outro dia, escutei uma menininha de uns sete anos dizendo para uma outra que bruxa não existia. Que só gente da idade da avó dela é que ainda tinha medo de nós. De outra vez, eu estava escutando um programa de rádio. Rádio é uma caixa que fala, conta coisas e canta música. Pois a tal caixa estava dizendo que com a educação, a crença em reza, benzedura, e acima de tudo, em bruxas, ia desaparecer completamente. Fiquei assustada. Dei com o cabo da vassoura na caixa. A danada caiu da mesinha em que estava, mas continuou falando. O que é que vocês me dizem disto?

— Você tem razão, Malina! Como você sempre foi a pior, tomou a iniciativa. Mas já senti o drama também. Ainda outra noite, só para me divertir, enfiei uma dor de dentes numa mocinha que queria ir para um baile, para encontrar seu amor! Amor, uma ova! E sabem o que aconteceu? Pensam que alguém falou em reza ou benzedura? Que o quê! Uma companheira da espevitada aconselhou:

— No caminho a gente passa pela farmácia. Lá, você compra a "Cera do Dr. Lustosa". É tiro e queda! Melhor que mil benzeção! Já vai chegar no baile sem saber que tem dente. E, "adispois", o Augusto está lá te esperando!

— Eu ainda não tinha pensado nisso – acrescentou uma virago das mais narigudas –, mas a verdade é que ninguém mesmo leva mais a gente a sério.

— A culpa é do tal de progresso! – afirmou uma bruxa vinda do interior.

— Deixem de ficar dizendo bobagem e ponham a cabeça para funcionar. O que é que a gente faz para voltar à moda antiga de ser?

As bruxas se separaram em grupelhos, cochichando algumas, outras dando risadinhas desdentadas. O gato preto de Malina decidiu atacar as ervas do cabeço de uma vassoura. A vassoura chiou, levantou-se sozinha do canto onde estava e deu com seu cabo na cabeça do gato. O gato, arrepiado, pulou para perto de uma bruxa que lhe deu um pontapé.

— E aí, meninas? O que é que vocês propõem? O que é que a gente faz?

— A gente podia criar uma doença que desse em todo mundo – propôs a líder de um dos grupos. A gente escondia todos os remédios. Aí todos os doentes iam voltar para as ervas que a gente já tivesse escondido e aí...

— Chega de dizer bobagens. Vamos nos dispersar, pensar novas fórmulas. Daqui a uma lua a gente torna a se reunir aqui. Se numa lua inteira, sete bruxas não conseguirem uma solução é porque merecem mesmo deixar de existir.

Cada uma delas partiu do jeito que tinha chegado. A maioria, em vassouras. Uma outra tomou a forma de uma porca do ano e outras sob a forma de outros bichos.

Uma lua depois, caindo um Vento Sul fortíssimo, as bruxas começaram a chegar. Malina não foi a primeira, mas também não foi a última. Como só faltava a Pestina, Malina deu a sessão por aberta e quis saber o que é que suas irmãs haviam elaborado.

À medida que cada plano era exposto, todas as outras sabiam que ele não ia funcionar.

De repente, um reboliço. O caldeirão começou a entornar o que quer que nele estivesse fervendo. Estava-se nesse alvoroço quando Pestina aterrissou.

— Não me venham com acusações, irmãs. Sei que estou atrasada, pois não vim pelo mar. Passei por um lugarejo chamado São José, que nome horrível! E ali, pressenti uma cena que me chamou a atenção. Resolvi parar. Me fiz de urubu e me escondi no telhado de uma moradia para assistir melhor. Vocês não acreditam o que foi que vi acontecendo: um marido e sua mulher estavam na cama, querendo fazer aquelas coisas...

— Isto não é motivo nem para se atrasar nem para vir engabelar a gente... – resmungou Malina.

— Claro que não. Mas o que me espantou foi ver que havia três fadas, se fingindo de rolinhas, distantes poucas travessas de onde eu estava. Irmãs, vocês sabem que fadas me dão um nojo danado, mal posso suportar o nome, quanto mais ficar perto delas. Mas agüentei firme.

"O fruto desse amor há de ser um menino. Esse menininho vai aprender a trabalhar com barro e fazer figuras. Muitos presépios e figuras de santos", chilreou uma delas. Achei engraçado aquela coisa dizer isso para as outras duas. Resolvi escutar o resto.

Aí, a outra espevitada deu uma levantada de asa e tomou a palavra:

— Todas as estórias e lendas de que o povo destas terras está se esquecendo vão ser estudadas e escritas por esse menininho quando ele crescer. Tudo. Estórias que as avós contavam para os netinhos; as benzeduras e rezas que as velhinhas não conseguem mais passar para suas filhas e netas vão ser anotadas por ele. Coisas sobre pescadores com suas redes e das mulheres deles com suas rendas, tudo isso ele vai procurar ver, entender, colecionar, descrever e não deixar morrer...

Aí, então, a que tinha chilreado primeiro acrescentou:

— Não só as lendas e as estórias, mas os costumes, o jeito da gente daqui viver, se alegrar e se entristecer ele também vai anotar, guardar para o futuro. As usanças nos nascimentos e nos enterros, as das festas e velórios. Ele vai descrever tudo, passar noites escrevendo. Eu vou dar a ele a benção da perseverança e do coração limpo...

— Irmãs, nessas alturas eu estava quase me transformando num gavião para dar uma corrida das boas naquelas inimigas. Pois a terceira delas, então, naquele jeito de ficar arrulhando que pombinha tem, abriu o bico:

— Amiguinhas, somos fadas. Não podemos fazer o bem pela metade. Ele vai também preservar para o futuro as estórias de bruxas e de seus bruxedos, pois é preciso que tudo do passado não se perca. Daqui a nove meses, no dia 16 de outubro, esse menininho vai nascer. As lendas, os causos, o jeito de ser da gente destas terras, só por causa dele não vão cair no esquecimento. Tomem nota e dêem sua benção também, amiguinhas, no dia 16 de outubro do ano que vem, 1908, esse menininho que vai ser feito esta noite haverá de se chamar Franklin. Agora, amiguinhas, vamos deixar o Joaquim Serafim Cascaes e sua Maria Catarina na intimidade lá deles...

Então as três foram para o beiral da casa, deixaram a forma de rolinha, viraram aquelas coisinhas imundas que as fadas são e lá se foram, deixando no ar um perfume, que eu, bruxa antiga e acostumada a muita coisa ruim, mal me agüentei sem passar mal. Estou chegando de lá.

Quando Pestina terminou seu relato, uma das bruxas tomou a palavra:

— Sendo assim, a gente já sabe o que fazer. Matar o menino na barriga da mãe. Ou fazer com que ele nasça com defeito e incapaz de cumprir o que essas fadas (que nojo!) andaram planejando.

— Não seja burra! – era Malina retomando seu papel de bruxa chefe. — A gente não queria ser lembrada? Pois está aí o menino que vai cuidar para que a gente não morra na memória das pessoas. Podemos até não fazer muito sucesso. Mas morrer, não vamos nunca mais. Pela nossa reputação não vamos fazer o bem ao menino – aonde que o mundo vai parar se a gente começar a ser boazinha? – mas a gente vai continuar a existir.

As outras bruxas acharam que Malina estava com a razão. Cada uma tomou seu veículo preferido e sumiu numa rodada do Vento Sul.

A lua clareou toda a mata. A clareira voltou a ser aberta e, na fogueira, as chamas crepitaram alegremente, apagando-se devagar, na ordem natural das coisas sem feitiço.

GLOSSÁRIO:

Adejar: Esvoaçar; voejar; pairar.
Adispois: Depois.
Apeada: desmontado; descido de animal de sela ou de carro.
Arrulhando: Cantar; emitir arrulhos, como os pombos e as rolinhas.
Breu: Muito escuro.
Chilrear: Falar depressa e tagarelar.
Credenciais: Habilidades.
Crepitava: Estalava.
Desmoralizadas: Desacreditadas.
Emborcar: Virar; por de cabeça para baixo.
Espevitada: Vivo; petulante; pretencioso; desembaraçado.
Estória: Palavra preferencialmente usada para designar uma narrativa de ficção (estória da vovó).
Empoleirado: Que está em poleiro ou em lugar alto; que ocupa posição elevada; que ocupa o poder.
Engabelar: Enganar com falsas promessas.
Entoar: Fazer soar.
Falsete: Voz aguda.
Inda: O mesmo que ainda.
Mezinha: Qualquer remédio caseiro.
Remorso: Arrependimento.
Tacho: Recipiente circular de metal ou de barro para usos domésticos ou industriais.
Tição: Pedaço de madeira queimado em partes.
Usanças: Uso; costume; hábito velho.
Urze: Planta de flores violeta ou rosa, São bastante comuns em terrenos pobres de cal.
Virago: Mulher cuja aparência e/ ou jeito assemelham-se aos do homem.

CARDOZO, Flávio José; MIGUEL, Salim. "O Abençoado". In: **13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. In:13 Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CONTO 03

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

Vassoura bruxólica

[1946]

Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha dos famosos bois de mamão que, na Sexta-feira Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja para qual finalidade for. É também costume tradicional dos descendentes de colonos açorianos, na Sexta-feira Santa, a partir de zero hora, banharem-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para se purificarem e protegerem de todos os males do corpo físico e espiritual. As águas colhidas nessa hora servem para todo tipo de cura.

É a fé de tempos longínquos, aliada à superstição, ao medo e ao amor pela conservação do corpo físico, na cura dos males que atacam o homem, em franca vivência espiritual e física com o seu Deus.

As forças atuantes de práticas religiosas freiam os instintos animalescos do homem, encaminhando-o espiritualmente para viver com bons modos junto com Deus, com a cultura, na sociedade e consequentemente com o seu próximo.

Entretanto, sempre aparecem, nos meandros desses cenários fantásticos, e outros moderados, pessoas que se arrojam contra os poderes divinos, maltratando esses conjuntos de sociedades freadoras, veículos insubstituíveis de abrandamento dos sofrimentos que martirizam e açoitam a criatura humana.

Um caso de desrespeito espiritual aconteceu há muitos anos passados, lá pras bandas do sul da Ilha de Santa Catarina.

A Maria Vivina, moradora da Praia dos Naufragados, fez uma aposta com a Carriça, de que, na Sexta-feira Santa daquele ano, ela tomaria uma vassoura e, com a mesma, varreria o quintal de sua casa e, certeza tinha, nada lhe aconteceria de extraordinário. Apostaram um par de tamancos contra uma botina. E firmaram a promessa da aposta, casando-a.

Na Sexta-feira Santa daquele ano, de manhã cedo, ela chamou a Carriça, apanhou uma vassoura e foi varrer o quintal "pra mo'de" mostrar a sua coragem contra o poder da fé guardada por seus ancestrais e também para cumprir a promessa da aposta.

Quando a Vivina deu a primeira varredela, a vassoura soltou-se de suas mãos como um relâmpago, metamorfoseou-se em bruxa, ganhou altura sobre o Morro do Ribeirão da Ilha e desapareceu, num repente, no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quimèria.

A Maria Vivina caiu de joelhos no terreiro, rezou, pediu perdão aos céus pelo ato impensado que havia cometido contra as ordens divinas e chorou copiosamente. A Carriça abraçou-se com ela e ambas choraram e sentiram o amargo do néctar da desobediência humana.

Nenhuma das duas era bruxa, porque a vassoura, que é um instrumento de montaria de bruxas, foi sozinha viajar pelo espaço sideral.

Oh! minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria, és a graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de cômoros errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxugada com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente teu corpo mitológico!

GLOSSÁRIO:

Abrandamento: Suavizar.
Açoitam: Castigar.
Arrojam: arremessam; lançam; atiram.
Cômoros: Pequena elevação isolada de terreno.
Crença: Fé religiosa.
Descendentes: Geração contada dos pais ou avós para os filhos e netos.
Hospitaleiro: Que hospeda por bondade ou caridade.
Incomensuráveis: Imenso; enorme.
Longínquos: Que se encontra a grande distância no espaço ou no tempo.
Martirizam: Atormentar; fazer padecer.
Meandros: Caminhos emaranhados.
Metamorfose: Transformação; mudança.
Pra mó' de: afim de.
Quiméria: Desprovido de realidade.
Superstição:Sentimento de veneração religiosa fundada no temor ou ignorância.

CASCAES, Franklin. "Vassoura bruxólica". In: **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2012.

CONTO 04

E.B.M. Beatriz de Souza Brito

Professora: Bianca da Cunha

Turma: 72

Aluno(a): _____

A BOITATÁ

Isto foi há muitos anos, no tempo em que não existiam máquinas, os animais andavam livres nas matas ou nos campos e os índios eram mais numerosos que os brancos. Havia tanta terra disponível que era possível mudar de um lugar para outro sem problemas.

Uma tribo buscava um novo lugar para se estabelecer.

Foram muitos dias de andança até chegar a uma planície extensa, com árvores e água em quantidade. Uma grande alegria tomou conta de todos. As crianças corriam pelo prado atrás de preás, chamando os adultos quando viam caça grande, algum veado ou caititu.

A noite foi chegando devagarinho, enquanto as mulheres preparavam a canjica e os homens conversavam sobre o trabalho do dia seguinte. Os mais jovens preparavam os instrumentos de caça. De resto, foi tudo como em dia de mudança.

Antes de se deitar, o mais velho entre os homens disse com orgulho:

— Faremos um roçado tão grande, que, quando o queimarmos, o incêndio vai esconder o Sol.

Todos festejaram sua fala. E ele acomodou-se na rede para dormir.

Depois do tempo normal de sono, abriu os olhos, mas estava muito escuro, coisa que estranhou. Nem um feixe de luz! "Deve ser muito cedo ainda", pensou. "Acho que estou com vontade de fazer o dia amanhecer." E fechou os olhos novamente. Mas as horas passavam lentamente, sem que um fio de luz anunciasse o Sol. Um menino comentou que os grilos não cantavam, que não havia vento nem orvalho.

A escuridão e o silêncio foram deixando todos assustados. Fora o murmúrio das pessoas, só o canto do quero-quero fazia-se ouvir de vez em quando. Mas não era um canto normal, insistiam as mulheres. Trazia uma ponta de angústia, que elas sentiam como um mau presságio.

De repente, uma luz riscou o céu. Inicialmente um brilho suave, mas, depois, antes que começassem a festejar, um clarão mais forte que o de um raio, fazendo o verde do mato ficar branco feito leite e cegando por instantes os olhos de todos os viventes. Tudo despertou, de repente: lagartos, cobras, grilos, preás, pássaros, vento, capim... mas num escarcéu de pânico e terror. Depois a luz foi diminuindo, até que se tornou possível ver que o Sol havia aparecido e a noite se fora.

Vendo que a calma voltava e que os homens juntavam suas ferramentas para o trabalho, o índio mais velho reuniu todos e advertiu:

— Aquilo que vimos, antes de o Sol aparecer, era a Boitatá. Ela veio para nos avisar que não devemos fazer a queimada.

— E o que é a Boitatá? — perguntou ansioso um dos meninos.

O velho se pôs a contar a história que havia escutado de seus avós:

— Faz muito tempo, houve uma grande inundação na Terra. Todos os animais, depois de fugir para os lugares mais altos, tentando salvar-se, foram tragados. Não houve toca ou copa de árvore que escapasse. As águas cobriram tudo, como se quisessem lavar o mundo. Nem a boiguaçu, a cobra grande, que hibernava, pôde continuar seu sono. Mas, como era bicho tanto da água como da terra, saiu nadando tranqüilamente. Quando as águas começaram a baixar, foram surgindo ilhotas, e aí se viu a mortandade. A boiguaçu começou, então, a devorar os animais mortos, mas somente os olhos deles. E quanto mais as águas baixavam, mais bichos apareciam para satisfazer sua gula. Sendo bicho sem pêlo nem pena, sem escama nem casca, seu corpo foi ficando transparente e iluminado. Cada olho que ela comia era uma luzinha que se acendia dentro dela. Desse modo, depois de haver comido tantos, a boiguaçu transformou-se em uma claridade que serpenteava pelo chão. Os primeiros que a viram não a reconheceram. Deram-lhe o nome de Boitatá (cobra de fogo). Embora tivesse comido muitos olhos, eles não a alimentaram, apenas a iluminaram, de modo que acabou morrendo. Mas a luz que estava dentro dela escapou e saiu por aí, sem rumo, assustando as pessoas e perseguindo os desprevenidos. Essa luz é a Boitatá, que, por sua gula, foi condenada a vigiar para sempre os campos virgens contra os que querem incendiá-los. E ela só aparece no verão, como uma bola de fogo, correndo pelas planícies de um lado para outro, incansável, sem queimar as plantas ou as árvores, sem esquentar a água dos rios ou dos lagos. No inverno tirita de frio, mete-se numa toca e repousa.

— Então, teremos de abandonar este lugar? — perguntou um jovem.

— Não será preciso — disse o velho. — Apenas não poderemos pôr fogo no roçado para a limpa e o plantio. Teremos muito mais trabalho, mas obteremos bons resultados.

— E se a Boitatá aparecer de novo? — perguntou uma das crianças, para se certificar de que não havia mais perigo.

— Digo a todos — respondeu o velho — aquilo que me disseram meus avós: ela só virá para nos vigiar, para ter certeza de nossas boas intenções. Quando a virem, bastará fecharem os olhos e permanecerem imóveis sem respirar, até sentirem que ela se foi. Pois, do contrário, a Boitatá os perseguirá e aturdirá até matá-los.

GLOSSÁRIO:

Aturdirá: Atordoar; perturbar.
Caititu: Espécie de porco-espinho.
Canjica: Papa feita de milho verde ralado cozido em leite e açúcar, polvilhada de canela.
Escarcéu: Grande gritaria; confusão.
Hibernava: Passar (um animal) o inverno em sua toca ou caverna, numa espécie de sono.
Mortandade: Grande massacre de pessoas e/ou animais; matança.
Orvalho: Gotas de umidade que, por condensação, se depositam durante a noite na superfície da terra.
Preás: Nome comum a várias espécies de pequenos roedores semelhantes ao porquinho-da-índia
Presságio: Pressentimento.
Serpenteava: Arrastar-se como a serpente.
Tiritar: Tremer com frio.
Tragados: Engolidos.

CO-EDIÇÃO LATINO-AMERICANA. "A Boitatá". In: **Contos de Animais Fantásticos**. São Paulo: Ática S.A., 1992.

CONTO 05

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

O Coração Peludo do Mago

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso, que observou que seus amigos agiam como tolos quando se apaixonavam, se enfeitando, andando aos saltos e corridinhas, perdendo o apetite e a dignidade. O jovem mago resolveu jamais se deixar dominar por tal fraqueza, e recorreu às artes das trevas para garantir sua imunidade.

Sem saber do seu segredo, a família do mago achava graça de vê-lo tão distante e frio.

"Tudo mudará", vaticinavam eles, "quando uma donzela atrair seu interesse!"

O jovem mago, porém, permanecia impassível. Embora muita donzela se sentisse intrigada por seu ar altivo e recorresse às artes mais sutis para agradá-lo, nenhuma conseguia tocar seu coração. Ele se vangloriava de sua indiferença e da sagacidade que a produzira.

O frescor da juventude foi dissipando-se e os jovens de mesma idade e posição que o mago começaram a casar e a ter filhos.

"O coração deles deve ser apenas uma casca", desdenhava ele mentalmente, observando o ridículo comportamento dos jovens pais ao seu redor, "ressecada pelas exigências desses pirralhos chorões!"

E mais uma vez ele se felicitou pela sabedoria da opção que fizera no primeiro momento.

No devido tempo, os pais do mago, já idosos, faleceram. O filho não lamentou a morte deles; ao contrário, considerou-se abençoado por terem desaparecido. Agora ele reinava sozinho em seu castelo. Depois de transferir o seu maior tesouro para a masmorra mais profunda, ele se entregou a uma vida desregrada e farta, na qual o seu conforto era o único objetivo dos inúmeros criados.

O mago estava convencido de que devia ser alvo da imensa inveja de todos que contemplavam sua solidão esplêndida e despreocupada. Feroz, portanto, foi sua raiva e desgosto, quando um dia ouviu dois dos lacaios discutindo a sua pessoa.

O primeiro criado manifestou pena do mago que, com tanto poder e riqueza, continuava sem alguém que o amasse.

Seu colega, entretanto, desdenhou, perguntando por que um homem com tanto ouro e dono de tão esplêndido castelo não fora capaz de atrair uma esposa.

Tal conversa desferiu um terrível golpe no orgulho do mago que os ouvia.

Ele decidiu imediatamente escolher uma esposa, e uma que fosse superior a todas as existentes. Possuiria uma beleza assombrosa e provocaria inveja e desejo em todo homem que a contemplasse; descenderia de uma linhagem mágica para que seus filhos herdassem excepcionais dons de magia; e seria dona de uma fortuna no mínimo igual à dele, para garantir sua confortável existência, apesar do acréscimo de pessoas e despesas.

Encontrar tal mulher talvez levasse cinqüenta anos, mas aconteceu que, no dia seguinte à sua decisão, chegou à vizinhança, em visita a parentes, uma donzela que correspondia a todos os seus desejos.

Era uma bruxa de prodigioso talento e dona de grande riqueza. Sua beleza era tanta que mexia com o coração de todos os homens que a contemplavam, isto é, todos, exceto um. O coração do mago não sentiu absolutamente nada. Contudo, a moça era o prêmio que ele buscava, e, assim sendo, começou a cortejá-la.

Todos que notaram a mudança no comportamento do mago ficaram surpresos e disseram à donzela que ela tivera êxito, onde uma centena de outras havia fracassado.

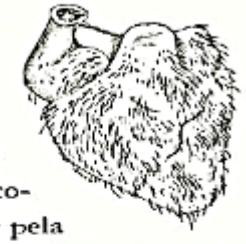
A jovem, por sua vez, sentiu ao mesmo tempo fascínio e repulsa pelas atenções do mago. Ela pressentiu a frieza que havia sob o calor de suas lisonjas, pois jamais conhecera um homem tão estranho e distante. Seus parentes, contudo, consideraram essa união extremamente desejável e, muito interessados em promovê-la, aceitaram o convite do mago para um grande banquete em homenagem à donzela.

A mesa, carregada com peças de ouro e prata, continha os mais finos vinhos e as comidas mais suntuosas. Menestréis dedilhavam alaúdes de cordas sedosas e cantavam um amor que o seu senhor jamais sentira. A donzela sentou-se em um trono ao lado do mago, que lhe falava suavemente, empregando palavras de carinho que roubara dos poetas, sem a mínima idéia do seu real significado.

A donzela ouvia, intrigada, e por fim respondeu:

— Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!

O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro.



Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago.

Há muito tempo desligado dos olhos, ouvidos e dedos, o coração jamais se deixara cativar pela beleza, ou por uma voz musical, ou pelo tato de uma pele sedosa. A donzela ficou aterrorizada ao vê-lo, pois o coração encolhera e se cobrira de longos pêlos negros.

— Ah, o que você fez! — lamentou ela. — Reponha o coração no lugar a que pertence, eu lhe imploro!

Ao perceber que isto era necessário para agradá-la, o mago apanhou a varinha, destrancou a caixa de cristal, abriu o próprio peito e repôs o coração peludo na cavidade vazia que outrora ocupara.

— Agora você está curado e conhecerá o verdadeiro amor! — exclamou a donzela e abraçou-o.

O toque dos macios braços alvos da donzela, o som de sua respiração no ouvido dele, o aroma dos seus cabelos dourados; tudo isto penetrou como uma lança o seu coração recém-despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.

Os convidados ao banquete notaram a ausência do anfitrião e da donzela. A princípio despreocupados, começaram, porém, a se sentir ansiosos à medida que as horas passavam e, por fim, decidiram revistar o castelo.

Acabaram encontrando a masmorra, onde uma cena aterrorizante os aguardava.

A donzela jazia morta no chão, de peito aberto, e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos ensangüentadas um grande e reluzente coração, que ele lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu.

Na outra mão, ele empunhava a varinha, tentando induzir o coração murcho e peludo a sair do próprio peito. O coração, porém, era mais forte do que ele e se recusou a renunciar ao controle dos seus sentidos ou a retornar à urna em que estivera trancado por tanto tempo.

Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.

Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante, segurando um coração em cada mão; em seguida caiu atravessado sobre o corpo da donzela e morreu.

GLOSSÁRIO:

Alaúdes: Instrumento de cordas, de origem árabe, com caixa de ressonância em forma de meia pera e braço comprido.
Altivo: Arrogante.
Dedilhavam: Tocavam
Descenderia: derivaria; originaria; proviria.
Desdenhava: Desprezava.
Desferiu: Arremessou.
Desregrada: Não respeita regras.
Dissipando: Desaparecendo.
Esplêndido: Brilhante, deslumbrante, esplendoroso.
Exílio: Que se excluiu do convívio em sociedade; solidão.
Impassível: Que não sofre; que é insensível ao sofrimento ou à dor.
Imunidade: Isento de determinado dever**.**
Intrigada: Desconfiado.
Lacaios: Criados.
Lisonjas: Elogio feito com intuito de bajular; exaltação feita de modo exagerado.
Menestréis: Poeta medieval**.**
Prodigioso: Que tem o caráter de prodígio; miraculoso; maravilhoso; espantoso; extraordinário.
Sagacidade: Esperteza**.**
Suntuosas: Luxo extremo**.**
Vaticinavam: Profetizavam.

ROWLING, J. K. “O Coração Peludo do Mago”. In: ROWLING, J. K**.** **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

CONTO 06

E.B.M. Beatriz de Souza Brito

Professora: Bianca da Cunha

Turma: 72

Aluno(a): _____

BABBITTY, A COELHA, E SEU TOCO GARGALHANTE

Há muitos e muitos anos, em uma terra muito distante, vivia um rei apalermado que decidiu que somente ele devia ter poderes mágicos.

Assim, ordenou que o chefe do seu exército formasse uma Brigada de Caçadores de Bruxos, e equipou-a com uma matilha de ferozes cães negros. Ao mesmo tempo, determinou que em cada aldeia e cidade de suas terras fosse lida a seguinte proclamação: "O rei procura um Instrutor de Magia."

Nenhum bruxo ou bruxa ousou se candidatar ao cargo, pois estavam todos escondidos da Brigada de Caçadores de Bruxos.

Entretanto, um astucioso charlatão, sem qualquer poder mágico, viu nisso uma chance de enriquecer e apresentou-se ao palácio como um bruxo de enorme perícia. O charlatão executou alguns truques simples que convenceram o rei dos seus poderes mágicos, e foi imediatamente nomeado Grande Feiticeiro-Chefe, Mestre Régio de Magia.

O charlatão pediu ao rei que lhe desse um polpudo saco de ouro para ele poder comprar varinhas e outros materiais mágicos necessários. Pediu, ainda, vários rubis graúdos para serem usados no lançamento de feitiços curativos e uns dois cálices de prata para guardar e maturar poções. Tudo isso o apalermado rei lhe entregou.

O charlatão guardou o tesouro a salvo em sua própria casa e voltou aos jardins do palácio.

Ele não sabia, no entanto, que estava sendo observado por uma velha que vivia em um casebre na periferia dos jardins do palácio. Seu nome era Babbitty, e ela era uma lavadeira que mantinha as roupas de cama e mesa do palácio macias, cheirosas e alvas. Espreitando por trás dos lençóis que secavam no varal, Babbitty viu o charlatão partir dois galhinhos de uma das árvores do rei e desaparecer no interior do palácio.

O charlatão entregou um dos gravetos ao rei e lhe garantiu que era uma varinha de formidável poder.

— Mas somente produzirá resultados — disse o charlatão — quando o senhor se mostrar merecedor.

Toda manhã o charlatão e o apalermado rei saíam aos jardins onde agitavam suas varinhas e bradavam disparates para o céu. O charlatão tinha o cuidado de executar mais truques, de modo a manter o rei convencido da perícia do seu grande feiticeiro e do poder das varinhas que tinham lhe custado tanto ouro.

Certa manhã, quando o charlatão e o rei apalermado faziam floreios com suas varinhas, pulavam em círculos e entoavam rimas sem sentido, uma grande gargalhada chegou aos ouvidos do rei. Babbitty, a lavadeira, apreciava o rei e o charlatão da janela de sua casinha, e gargalhava com tanto gosto que não tardou a desaparecer de vista, fraca demais para continuar de pé.

— Devo parecer muito indigno para fazer a velha lavadeira dar tantas risadas — disse o rei. Ele parou de pular e agitar a varinha e enrugou a testa.

— Estou cansado de praticar! Quando estarei pronto para realizar feitiços régios diante dos meus súditos, feiticeiro?

O charlatão tentou tranqüilizar seu discípulo, assegurando-lhe que logo seria capaz de feitos mágicos surpreendentes. Porém, as gargalhadas de Babbitty incomodaram o rei mais do que o charlatão imaginava.

— Amanhã — disse o rei —, convidaremos nossa corte para assistir ao seu rei realizar mágicas!

O charlatão viu que chegara a hora de apanhar seu tesouro e fugir.

— Ai de mim, será impossível! Esqueci-me de informar Vossa Majestade que preciso sair amanhã em uma longa viagem...

— Se você deixar este palácio sem a minha permissão, feiticeiro, minha Brigada de Caçadores de Bruxos o perseguirá com os seus cães! Amanhã de manhã você me ajudará a realizar mágicas diante dos nossos lordes e damas, e se alguém rir de mim, mandarei decapitá-lo!

O rei entrou enfurecido no palácio, deixando o charlatão só e amedrontado. Agora nem toda a sua astúcia seria capaz de salvá-lo, pois não poderia fugir nem tampouco ajudar o rei com a magia que nenhum dos dois conhecia.

Procurando uma válvula para aliviar seu medo e raiva, o charlatão se aproximou da janela de Babbitty, a lavadeira. Espiando para dentro da casa, viu a velhinha sentada à mesa, encerando uma varinha. Em um canto às suas costas, os lençóis do rei estavam se lavando sozinhos em uma tina de madeira.

O charlatão compreendeu imediatamente que Babbitty era uma bruxa genuína, e que, tendo lhe causado aquele terrível problema, poderia também resolvê-lo.

— Sua bruxa velha! — berrou o charlatão. — Sua gargalhada me custou caro! Se não me ajudar, vou denunciá-la, e você é que será despedaçada pelos cães do rei!

A velha Babbitty sorriu para o charlatão e tranqüilizou-o, dizendo que faria tudo em seu poder para ajudá-lo.

O charlatão lhe deu instruções para se esconder em uma moita enquanto o rei apresentava o seu espetáculo de magia, e para executar os feitiços do rei sem que ele soubesse. Babbitty concordou com o plano, mas fez uma pergunta.

— E, meu senhor, se o rei tentar um feitiço que Babbitty não seja capaz de realizar?

O charlatão zombou.

— A sua mágica é superior à imaginação daquele tolo — garantiu-lhe o homem e se retirou para o castelo muito satisfeito com a própria esperteza.

Na manhã seguinte todos os lordes e damas do reino se reuniram nos jardins do palácio. O rei subiu a um palco à frente deles acompanhado pelo charlatão.

— Primeiro, farei o chapéu dessa dama desaparecer! — anunciou o rei, apontando o seu galhinho para uma dama.

Do meio de uma moita próxima, Babbitty apontou a varinha para o chapéu e o fez sumir. Grande foi o espanto e a admiração da nobreza e forte o seu aplauso para o jubiloso rei.

— A seguir, farei aquele cavalo voar! — anunciou o rei, apontando o galhinho para o próprio ginete.

Do meio da moita, Babbitty apontou a varinha para o cavalo e o animal se elevou no ar.

Os nobres ficaram ainda mais arrebatados e surpresos, e, aos gritos, manifestaram o seu apreço pelo rei mágico.

— E, agora — disse o rei, correndo o olhar ao redor em busca de uma idéia; e o capitão de sua Brigada de Caçadores de Bruxos correu para o rei.

— Majestade — disse o capitão —, esta manhã, Sabre morreu depois de comer um cogumelo venenoso! Ressuscite-o , majestade, com a sua varinha!

E o capitão carregou até o palco o corpo sem vida do maior dos cães caçadores de bruxos.

O apalermado rei brandiu o seu galhinho e apontou para o cão morto. Mas, no meio da moita, Babbitty sorriu, e não se deu sequer o trabalho de erguer a varinha, porque nenhuma mágica é capaz de ressuscitar os mortos.

Ao ver que o cão continuava imóvel, os nobres começaram primeiro a murmurar e depois a rir. Desconfiaram que os primeiros dois feitos do rei, afinal, não tinham passado de simples truques.

— Por que não está funcionando? — gritou o rei para o charlatão, que recorreu ao último ardil que lhe restava.

— Ali, majestade, ali! — gritou ele, apontando para a moita onde Babbitty estava escondida. — Vejo-a claramente, a bruxa má que está bloqueando a nossa magia com os seus próprios feitiços malignos! Prenda-a, alguém, prenda-a!

Babbitty fugiu da moita, e a Brigada de Caçadores de Bruxos saiu em sua perseguição, soltando os cães, que latiram longamente, sedentos pelo sangue da bruxa. Mas, ao alcançar uma sebe baixa, a bruxa desapareceu de vista, e quando o rei, o charlatão e todos os cortesãos chegaram ao outro lado, encontraram a matilha caçadora latindo e escarafunchando ao redor de uma árvore velha e curvada.

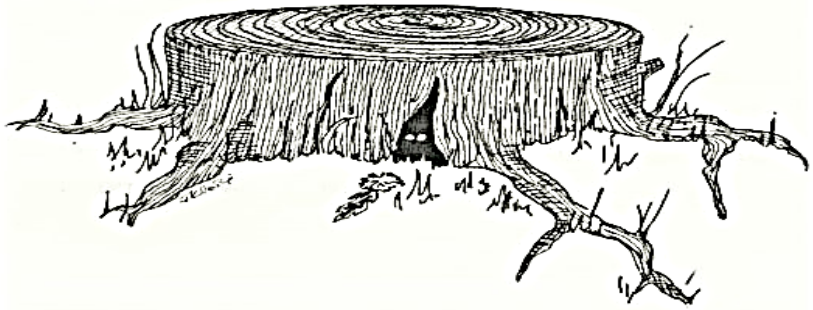
— Ela se transformou em uma árvore! — berrou o charlatão e, temendo que Babbitty retomasse sua forma humana e o denunciasse, acrescentou: — Derrube-a, Vossa Majestade, é assim que se lida com bruxas más!

Imediatamente trouxeram um machado, e a velha árvore foi abatida com sonoros vivas dos cortesãos e do charlatão.

Entretanto, quando se preparavam para retornar ao palácio, o som de uma gargalhada os fez parar de estalo.

— Tolos! — exclamou a voz de Babbitty do toco que eles haviam deixado para trás.

— Bruxos e bruxas não podem ser mortos rachando-os ao meio! Se não acreditam em mim,



peguem o machado e cortem o grande feiticeiro ao meio!

O capitão da Brigada de Caçadores de Bruxos se apressou a fazer a experiência, mas, quando ergueu o machado, o charlatão caiu de joelhos pedindo misericórdia e confessando toda a sua maldade. Ao vê-lo sendo arrastado para a masmorra, o toco de árvore gargalhou mais alto que nunca.

— Quando cortou uma bruxa ao meio, Vossa Majestade desencadeou uma terrível maldição sobre o seu reino! — disse o toco ao rei aterrorizado. — De hoje em diante, cada maldade que o senhor infligir aos meus companheiros bruxos se refletirá como uma machadada do lado do seu corpo, até o senhor desejar morrer.

Ao ouvir isso, o rei também caiu de joelhos e disse ao toco que faria imediatamente uma proclamação, protegendo todos os bruxos do seu reino e deixando-os praticar sua magia em paz.

— Muito bem — disse o toco —, mas o senhor ainda não compensou Babbitty!

— Farei qualquer coisa, qualquer coisa que pedir! — exclamou o apalermado rei, torcendo as mãos diante do toco.

— O senhor construirá uma estátua de Babbitty em cima de mim, em memória da sua pobre lavadeira, para lembrá-lo para sempre de sua própria tolice! — ordenou o toco.

O rei concordou imediatamente e prometeu contratar o maior escultor da terra para fazer uma estátua de ouro puro. Depois o envergonhado rei e toda a nobreza retornaram ao palácio, deixando o toco dando gargalhadas às suas costas.

Quando os jardins se esvaziaram novamente, esgueirou-se do buraco entre as raízes do toco uma velha coelha robusta e bigoduda com uma varinha presa entre os dentes. Babbitty saiu saltando pelos jardins para muito longe, a estátua de ouro da lavadeira, que recobria o toco, durou para sempre, e nunca mais os bruxos foram perseguidos naquele reino.

GLOSSÁRIO:

Alvas: Branca; imaculada.
Apalermado: Que possui aparência ou se comporta como palerma (pessoa tola).
Astúcia: Manha; ardiloso; sutil.
Brandiu: Agitar (a arma) antes de descarregar o golpe.
De estalo: Ninguém esperava.
Discípulos: O que recebe disciplina ou instrução de outro.
Escarafunchando: Esgaravatando; esgravatando; procurando; remexendo.
Esgueirou-se: Sair às escondidas; livrar-se se algo (esgueirou-se para não ser notado).
Espreitando: Observar sem querer ser visto; vigiar.
Entoavam: Cantavam.
Feitos: Ato; ação.
Floreios: Ato de florear; enfeite.
Ginete: Cavalo de raça.
Matilha: Conjunto de cães.
Maturar: Tornar maduro (amadurecer).
Perícia: sabedoria; prática; experiência.
Proclamação: Declaração solene que se faz publicamente (anunciar a proclamação da República).
Régios: Próprio do rei; relativo ao rei; real.
Sebe: Cerca de varas ou ripas entrelaçadas.
Tina: Vaso grande de pedra ou de metal, para nele se tomar banho.

ROWLING, J. K. “Babbitty, A Coelha, e seu Toco Gargalhante”. In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Alunos(as): _____

Roteiro de leitura[4]

1 – Qual é a história contada no texto que vocês leram?

2 – O conto que vocês leram tem personagens? Quais são os personagens envolvidos nessa história? Descreva-os.

3 – Descreva o lugar onde se passa a ação no conto lido.

4 – Se você fosse reescrever o final da história, como seria?

[4] Atividade de interpretação de contos desenvolvida pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 3 e 4 – 2 h/a (14/05/2015- Quinta- feira- 13:30h às 15:00h)

Tema: Leitura-fruição de contos.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Reconhecer a função social do gênero conto a partir da leitura-fruição e interpretação de diferentes contos fantásticos.

1.2. Objetivos Específicos

Interpretar contos de narrativas fantásticas, que envolvam: mitologia, fantasia, mistério, o sobrenatural, o grotesco e o bruxólico;

Compreender o conto lido com base em um roteiro de leitura;

Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa do conto "A Fonte da Sorte" a ser lido pela professora estagiária;

Desenvolver a prática da leitura-fruição de conto no espaço da aula destinado para fazer empréstimo e/ou troca de livros na biblioteca.

2. Conhecimentos abordados

Função social do conto;
Leitura-fruição de contos;
Interpretação escrita do conto lido.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

Em seguida, os alunos serão orientados a sentar-se novamente com suas respectivas duplas para que a professora possa devolver a atividade de interpretação dos contos para finalização. As professoras estarão à disposição para auxiliar os alunos na compreensão dos textos e elaboração das respostas, caso seja necessário. (1h:10min.)

A professora estagiária responsável pedirá para os alunos irem à biblioteca (em grupos de 4 alunos) realizarem o empréstimo e/ou troca de livros, os demais ficarão na sala fazendo os exercícios.

Após a entrega da atividade finalizada a professora fará a leitura do conto "A Fonte da Sorte" e uma breve discussão do texto para verificar a compreensão dos alunos. (15 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela regência de classe fará a chamada.

4. Recursos

Cartaz;
Quadro;
Caneta para quadro branco;
Contos impressos;
Questões de interpretação de texto;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Comprometimento com a leitura dos contos, a partir da observação da concentração e da postura dos alunos durante a atividade;
b) Interação das duplas na elaboração das respostas às questões propostas, pela observação do diálogo que estabelecem entre si;
c) Comprometimento com a entrega das questões;
d) Adequação das respostas.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

NEVES. Amilcar. Uma noite de profunda insônia solitária. In: CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.)**. 13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

QUEIROZ. Júlio de. O abençoado. In: CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.)**13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CASCAES, Franklin. Vassoura bruxólica. In: CASCAES, Franklin. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2012.

CO-EDIÇÃO LATINO-AMERICANA. A Boitatá. In: **Contos de Animais Fantásticos**. São Paulo: Ática S.A., 1992.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

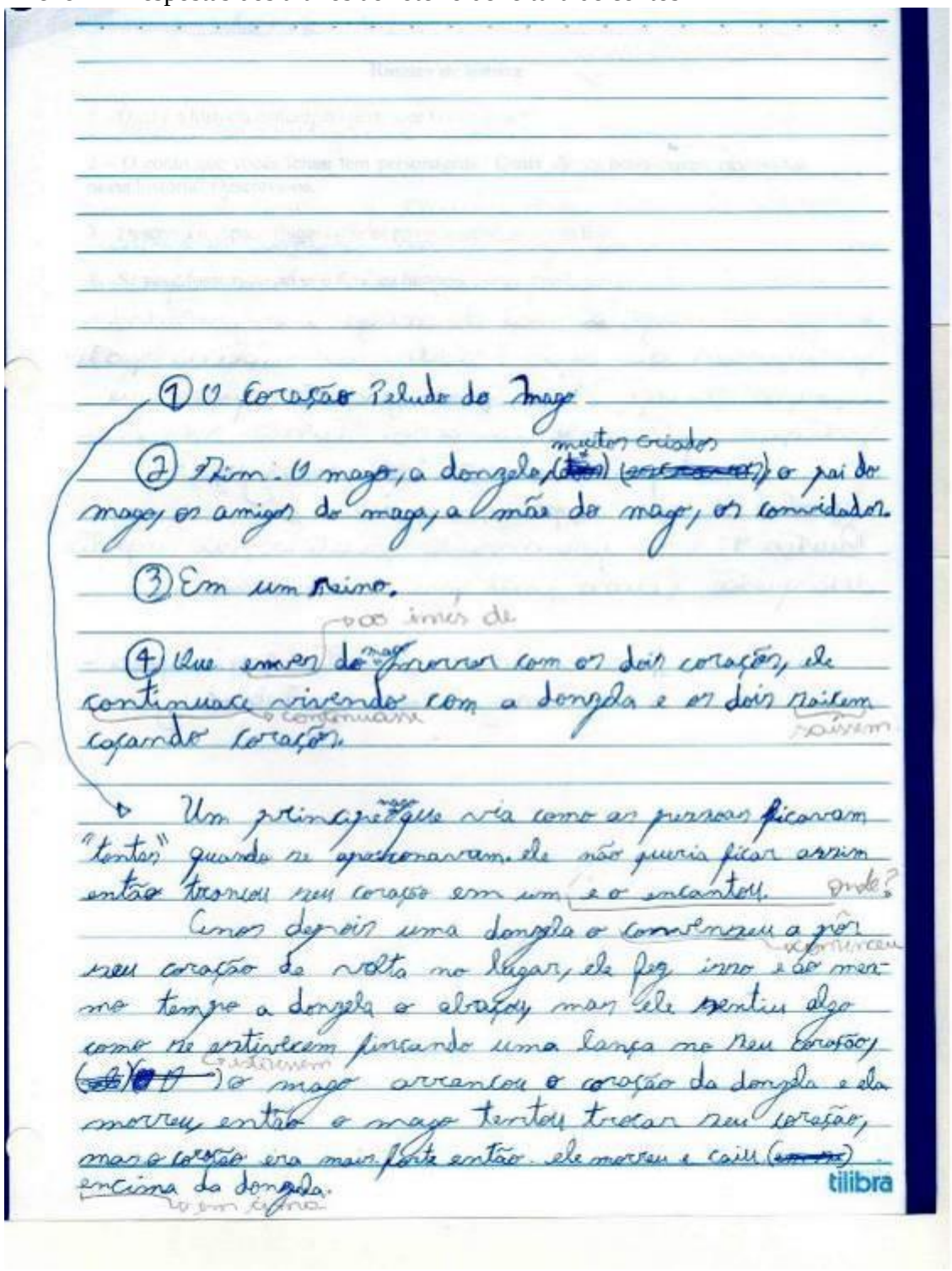
____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. O Coração Peludo do Mago. In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. Babbitty, A Coelha, e seu Toco Gargalhante. In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – Respostas dos alunos ao roteiro de leitura de contos



① O Coração Peludo do Mago

② Sim. O mago, a donzela, muitos criados, o pai do mago, os amigos do mago, a mãe do mago, os convidados.

③ Em um reino.

④ Que enves do mago morrer com os dois corações, ele continuace vivendo com a donzela e os dois saicem caçando corações.

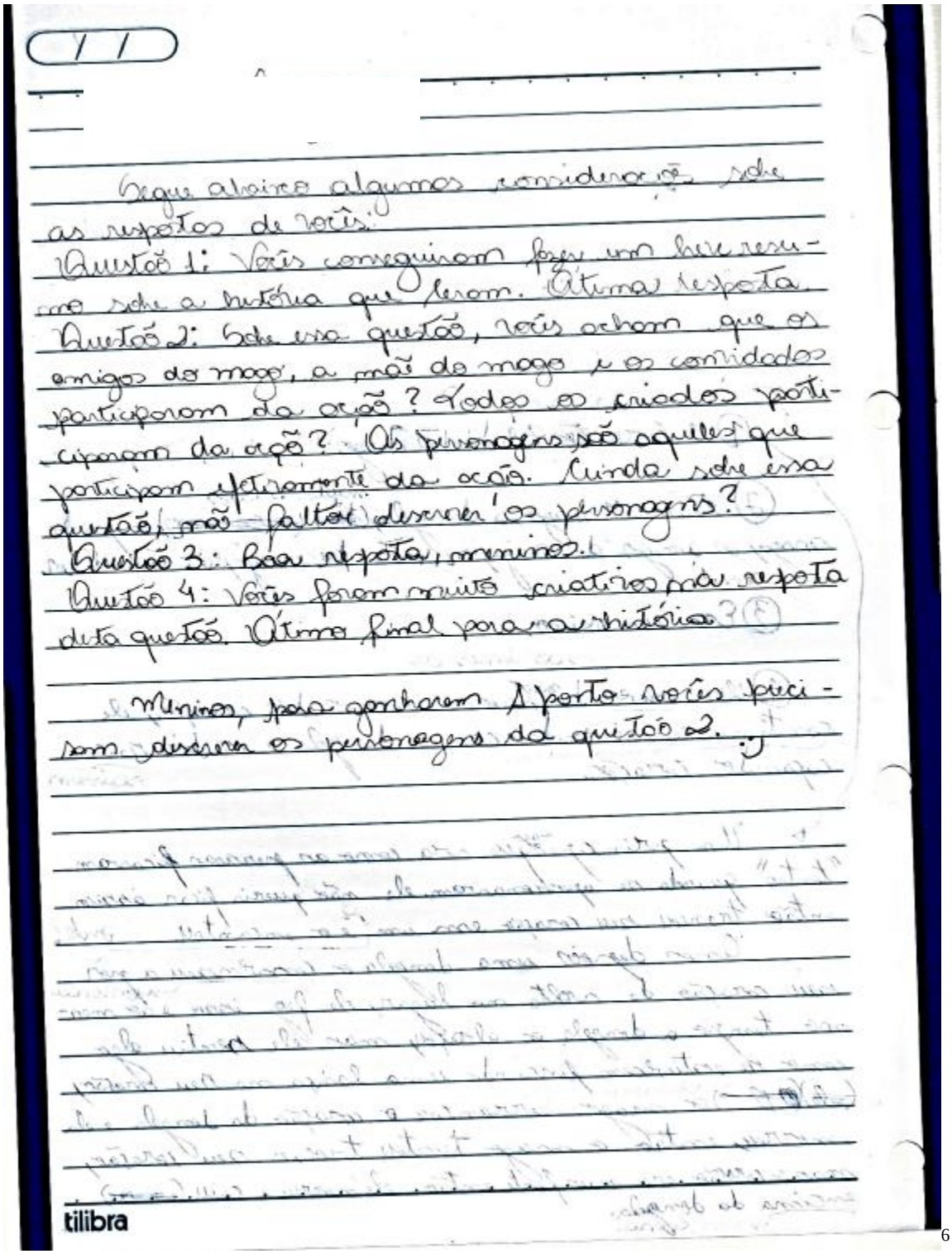
Um principe mago que via como as pessoas ficavam "tontas" quando se apaixonavam. ele não queria ficar assim então trancou seu coração em um e o encantou. onde?

Anos depois uma donzela o convenceu a pôr seu coração de volta no lugar, ele fez isso e ao mesmo tempo a donzela o abraçou, mas ele sentiu algo como se estivecem fincando uma lança no seu coração, o mago arrancou o coração da donzela e ela morreu então o mago tentou trocar seu coração, mas o coração era mais forte então. ele morreu e caiu encima da donzela.

tilibra

[5]

[5] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "O Coração Peludo do Mago". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Frente).



Segue abaixo algumas considerações sobre as respostas de vocês:

Questão 1: Vocês conseguiram fazer um breve resumo sobre a história que leram. Ótima resposta.

Questão 2: Sobre essa questão, vocês acham que os amigos do mago, a mãe do mago e os convidados participaram da ação? Todos os criados participaram da ação? Os personagens são aqueles que participam efetivamente da ação. Ainda sobre essa questão, não faltou descrever os personagens?

Questão 3: Boa resposta, meninos.

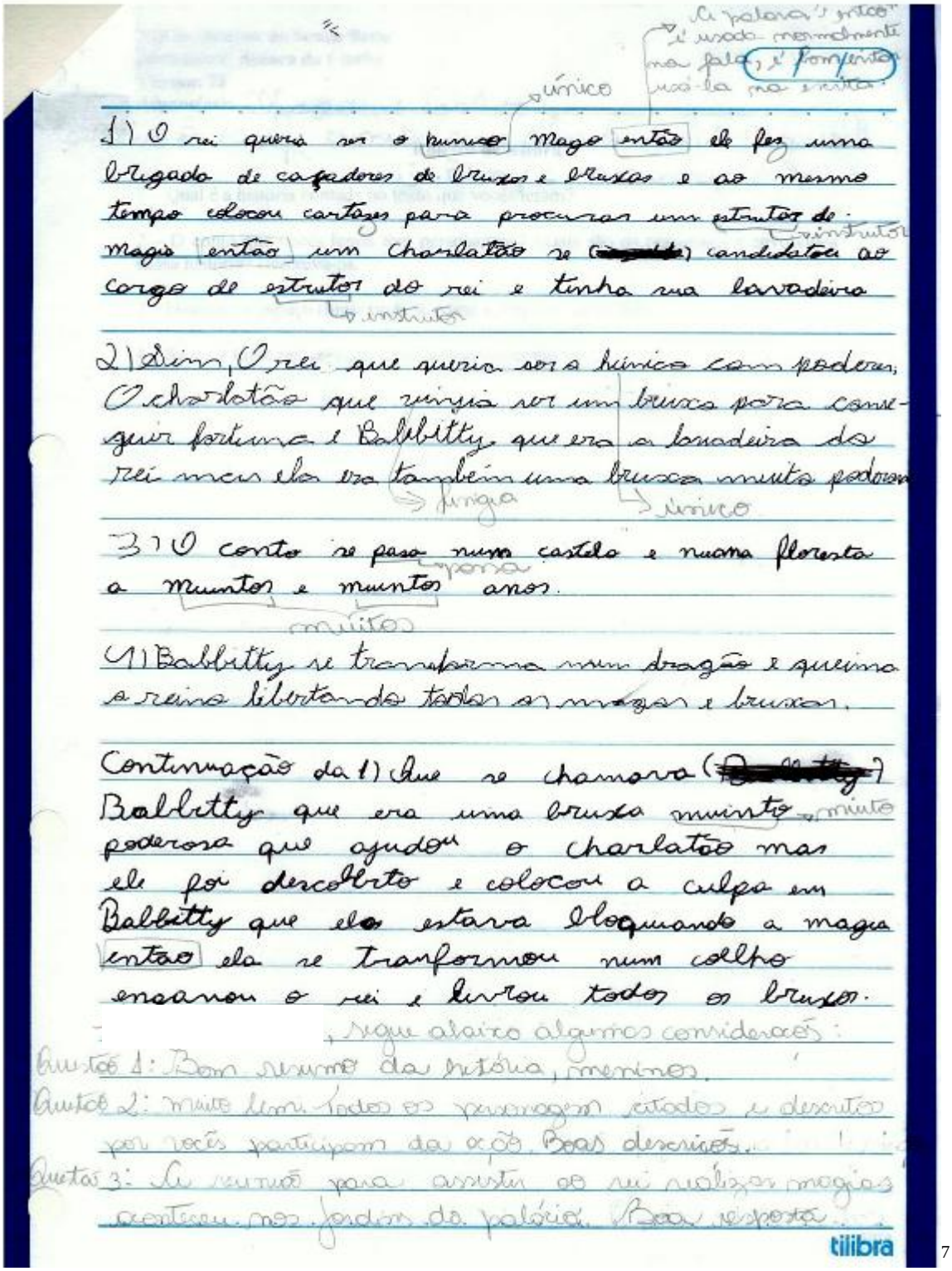
Questão 4: Vocês foram muito criativos na resposta desta questão. Ótimo final para a história.

Meninos, para ganharem 1 ponto vocês precisam descrever os personagens da questão 2.

tilibra

[6]

[6] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "O Coração Peludo do Mago". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Verso).



1) O rei queria ser o único Mago então ele fez uma brigada de caçadores de bruxos e bruxas e ao mesmo tempo colocou cartazes para procurar um estrutor de magia então um charlatão se [redacted] candidatou ao cargo de estrutor do rei e tinha na lavadeira

2) Bom, O rei que queria ser a única com poderes, O charlatão que queria ser um bruxo para conseguir fortuna e Babbitty, que era a lavadeira do rei mas ela era também uma bruxa muito poderosa

3) O conto se passa numa castelo e numa floresta a muntos e muntos anos.

4) Babbitty se transforma num dragão e queima a reina libertando todos os magos e bruxos.

Continuação da 1) Que se chamava ([redacted]) Babbitty que era uma bruxa muinto poderosa que ajudou o charlatão mas ele foi descobrto e colocou a culpa em Babbitty que ela estava bloquando a magia então ela se tranformou num colho enganou o rei e livrou todos os bruxos.

Segue alguns considerações:

Questão 1: Bom resumo da história, meninos.

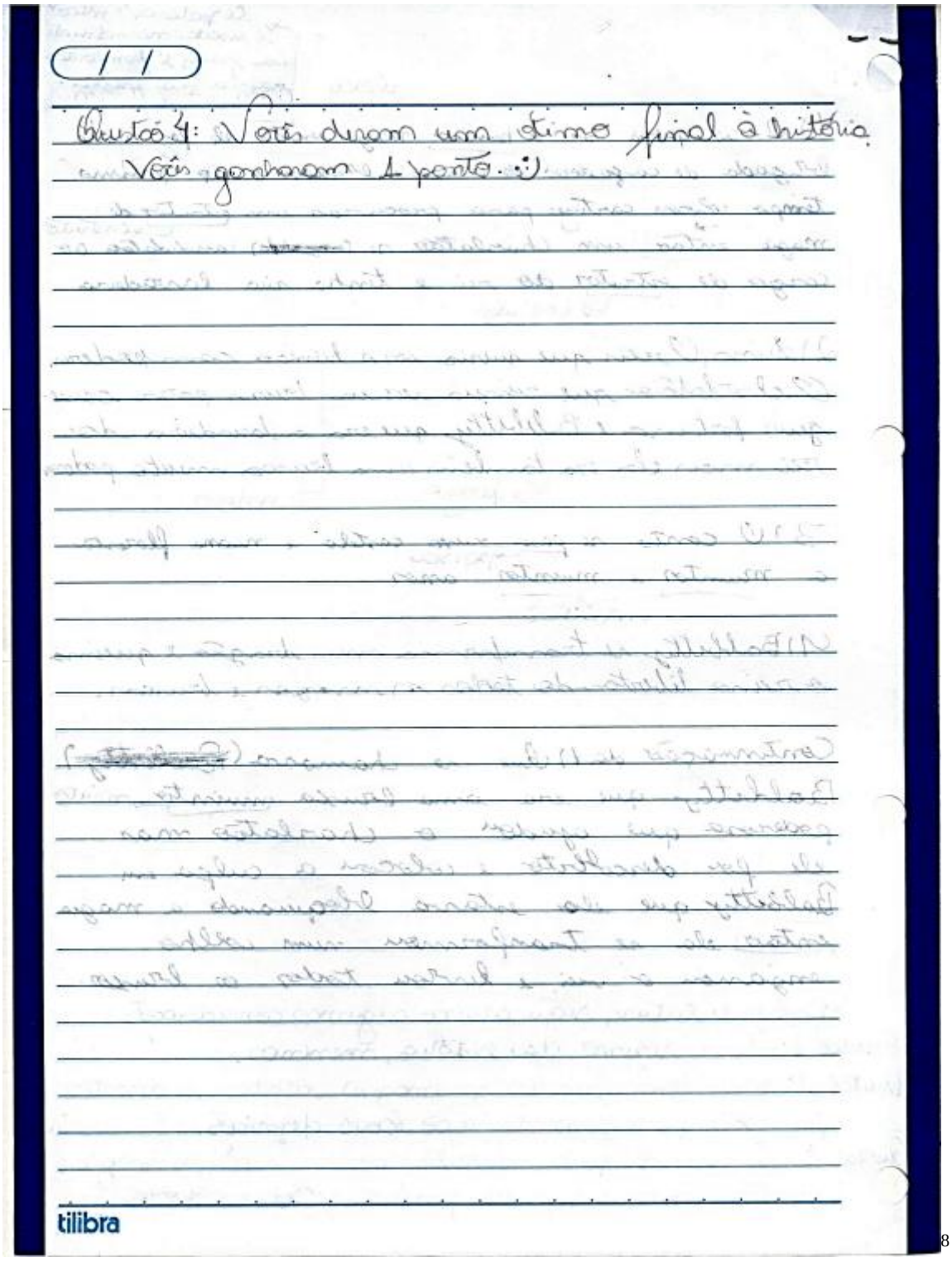
Questão 2: muito bem. Todos os personagens citados e descritos por vocês participam da ação. Boas descrições.

Questão 3: Ele queria para assistir ao rei realizar magias acontecer nos jardins do palácio. Boa resposta.

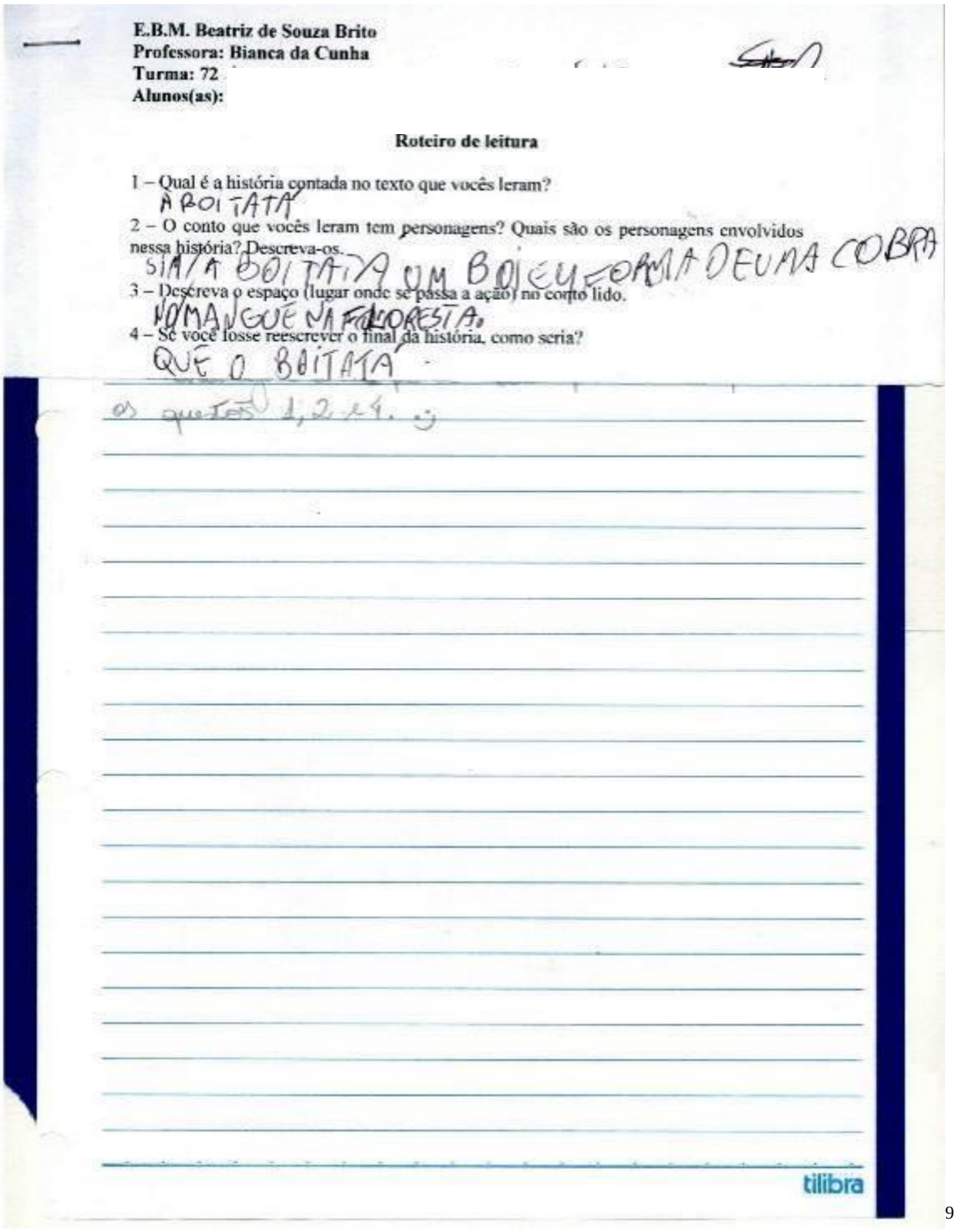
tilibra

[7]

[7] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "Babbity, a Coelha, e seu Toco Gargalhante". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Frente).



[8] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "Babbity, a Coelha, e seu Toco Gargalhante". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Verso).



E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Alunos(as):

Roteiro de leitura

1 – Qual é a história contada no texto que vocês leram?
A BOITATÁ

2 – O conto que vocês leram tem personagens? Quais são os personagens envolvidos nessa história? Descreva-os.
SIA/A BOITATÁ UM BOI EM FORMA DE UMA COBRA

3 – Descreva o espaço (lugar onde se passa a ação) no conto lido.
NO MANGUE NA FLORESTA.

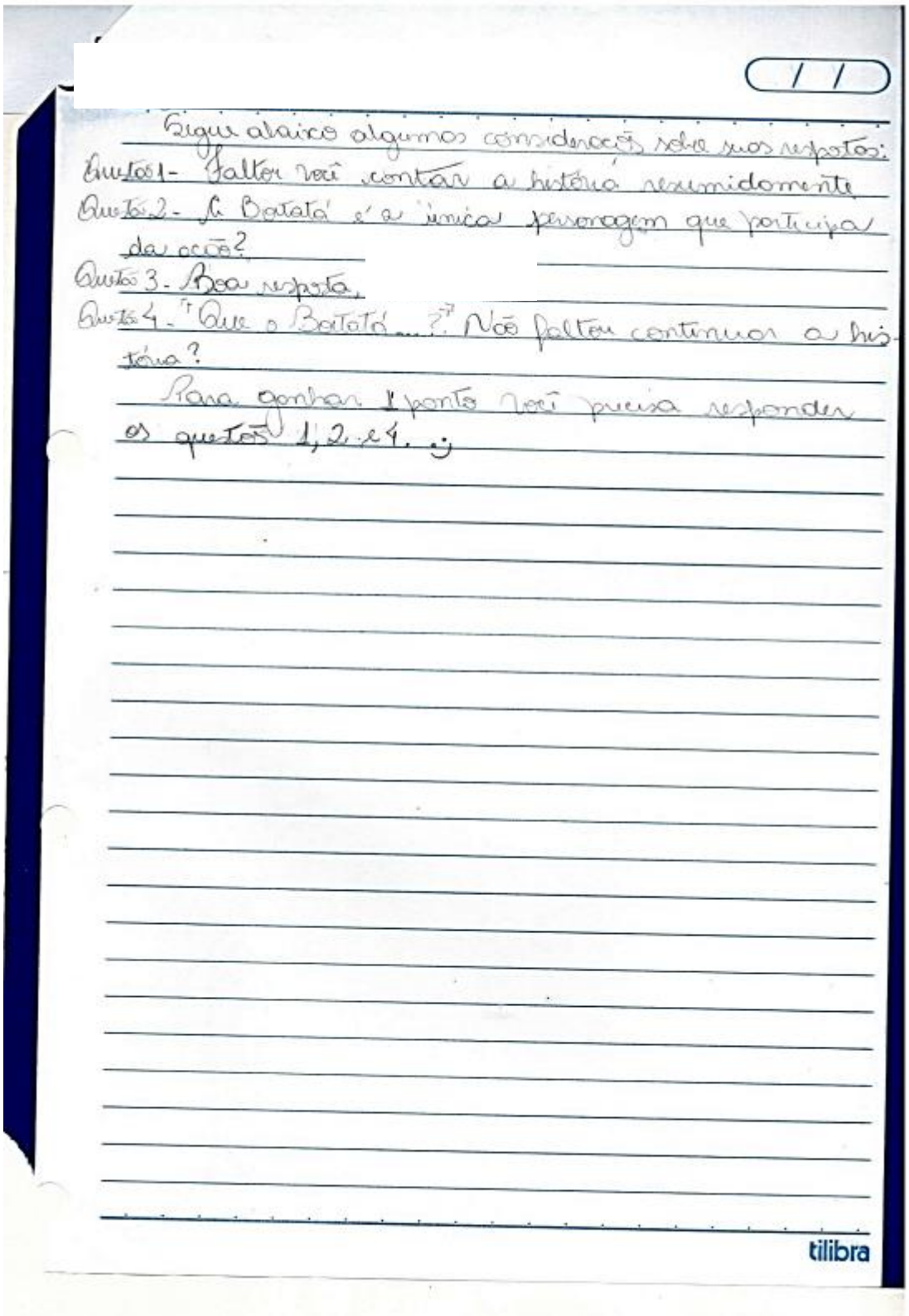
4 – Se você fosse reescrever o final da história, como seria?
QUE O BOITATÁ

os questões 1, 2 e 4. :)

tilibra

[9]

[9] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "A Boitatá". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por um discente da turma de estágio (Frente).


11

Segue abaixo algumas considerações sobre suas respostas:

Questão 1- Falta você contar a história resumidamente

Questão 2- A Boitatá é a única personagem que participa da ação?

Questão 3- Boa resposta.

Questão 4- "Que o Boitatá...?" Não falta continuar a história?

Para ganhar 1 ponto você precisa responder as questões 1, 2 e 4. ;)

tilibra

10

[10] Um dos textos a que se refere esta atividade é: "A Boitatá". Nesta atividade já consta as indicações que fizemos para a reescrita pelos alunos. Foi produzida por um discente da turma de estágio (Verso).

Anexo 2 – Texto
E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Alunos(as): _____

A Fonte da Sorte

No alto de um morro, em um jardim encantado envolto por muros altos e protegido por poderosa magia, jorrava a Fonte da Sorte.

Uma vez por ano, entre o nascer e o pôr-do-sol do dia mais longo do ano, um único infeliz recebia a oportunidade de competir para chegar à fonte, banhar-se em suas águas e ter sorte a vida inteira.

No dia aprazado, centenas de pessoas viajavam de todo o reino para chegar ao jardim antes do alvorecer. Homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos, dotados ou não de poderes mágicos reuniam-se no escuro, cada qual na esperança de ser o escolhido para entrar no jardim.

Três bruxas, com seus problemas e preocupações, encontraram-se nas cercanias da multidão, e contaram umas às outras suas tristezas enquanto esperavam o sol nascer.

A primeira, cujo nome era Asha, sofria de uma doença que nenhum curandeiro conseguia eliminar. Ela esperava que a fonte fizesse desaparecer os seus sintomas e lhe concedesse uma vida longa e feliz.

A segunda, cujo nome era Altheda, tivera sua casa, seu ouro e sua varinha roubados por um bruxo malvado. Ela esperava que a fonte a aliviasse de sua fraqueza e pobreza.

A terceira, cujo nome era Amata, fora abandonada por um homem a quem amava profundamente, e acreditava que seu coração partido jamais se recuperaria. Esperava que a fonte aliviasse sua dor e saudade.

Apiedando-se umas das outras, as três mulheres concordaram que, se lhes coubesse a chance, elas se uniriam e tentariam chegar à fonte juntas.

O primeiro raio de sol rasgou o céu, e uma fresta se abriu no muro. A multidão avançou, cada pessoa exigindo, aos gritos, a bênção da fonte. Plantas rastejantes do interior do jardim serpearam pela massa ansiosa e se enrolaram na primeira bruxa, Asha. Ela agarrou o pulso da segunda bruxa, Altheda, que segurou com força as vestes da terceira bruxa, Amata.

E Amata se enredou na armadura de um cavaleiro de triste figura que montava um cavalo esquelético.

As plantas rastejantes puxaram as três bruxas pela fresta do muro, e o cavaleiro foi derrubado do seu ginete atrás delas.

Os gritos furiosos da multidão desapontada se ergueram no ar matinal, e silenciaram quando os muros do jardim se fecharam mais uma vez.

Asha e Altheda se zangaram com Amata, que, acidentalmente, trouxera junto o cavaleiro.

— Apenas um pode se banhar na fonte! Já será bem difícil decidir qual de nós será, sem adicionar mais um!

Ora, o Cavaleiro Azarado, como era conhecido nas terras além-muros, observou que as mulheres

eram bruxas e, não sendo ele dotado de magia, nem de grande perícia em torneios e duelos com espadas, nem de nada que o distinguisse como homem não mágico, ficou convencido de que não havia esperança de chegar à fonte antes das três mulheres. Anunciou, portanto, sua intenção de sair do jardim.

Ao ouvir isso, Amata se aborreceu também.

— Medroso! — ela o censurou. — Desembainhe sua espada, Cavaleiro, e nos ajude a atingir a nossa meta.

E, assim, as três bruxas e o infeliz cavaleiro se aventuraram pelo jardim encantado, onde ervas raras, frutos e flores cresciam em abundância à margem de caminhos ensolarados. Eles não encontraram obstáculo algum até alcançar o sopé do morro em que se erguia a fonte.

Ali, enrolado na base do morro, havia um monstruoso verme branco, inchado e cego. À aproximação do grupo, ele virou uma cara feia e malcheirosa e proferiu as seguintes palavras:

"Paguem-me a prova de suas dores."

O Cavaleiro Azarado sacou a espada e tentou matar o bicho, mas a espada se partiu. Então Altheda atirou pedras no verme, enquanto Asha e Amata experimentaram todos os feitiços que poderiam subjugá-lo ou hipnotizá-lo, mas o poder de suas varinhas não foi mais eficaz do que a pedra da amiga ou a espada do cavaleiro: o verme não quis deixá-los passar.

O sol foi subindo sempre mais alto no céu e Asha, desesperada, começou a chorar.

Então o enorme verme encostou o focinho no rosto dela e bebeu suas lágrimas. Saciada a sede, o verme deslizou para um lado e sumiu por um buraco no chão.

Exultantes com o sumiço do verme, as três bruxas e o cavaleiro começaram a subir o morro, certos de que chegariam à fonte antes do meio-dia.

A meio caminho da subida íngreme, porém, eles encontraram palavras gravadas no chão.

Paguem-me os frutos do seu árduo trabalho.

O Cavaleiro Azarado apanhou sua única moeda e colocou-a na encosta relvada, mas ela rolou para longe e se perdeu. As três bruxas e o cavaleiro continuaram a subir, e, embora tivessem andado durante horas, não avançaram um único passo; o topo continuava distante e a inscrição permanecia no chão diante deles.

Todos se sentiram desanimados quando viram o sol passar sobre suas cabeças e começar a declinar em direção ao longínquo horizonte, mas Altheda andou mais rápido e, empenhando mais esforço do que os demais, estimulava-os a seguir seu exemplo, embora tampouco avançasse na subida do morro encantado.

— Coragem, amigos, não fraquejem! — gritava ela, enxugando o suor do rosto.

À medida que as gotas caíam, cintilantes, na terra, a inscrição que bloqueava o caminho desaparecia, e eles descobriram que podiam prosseguir.

Encantados com a remoção do segundo obstáculo, correram para o alto o mais rápido que puderam, até que, por fim, avistaram a fonte, refulgindo cristalina em meio a árvores e flores.

Antes de alcançá-la, no entanto, encontraram barrando o seu caminho um riacho que circun-

dava o topo do morro. No fundo da água transparente havia uma pedra lisa com as seguintes palavras:

Paguem-me o tesouro do seu passado.

O Cavaleiro Azarado tentou atravessar o curso d'água flutuando sobre seu escudo, mas afundou. As três bruxas o tiraram de dentro do riacho e tentaram saltar por cima da água, mas o riacho não as deixou atravessar, e todo o tempo o sol ia baixando pelo céu.

Eles começaram, então, a refletir sobre o significado da mensagem na pedra, e Amata foi a primeira a compreendê-la. Apanhando a varinha, apagou da mente todas as lembranças dos momentos felizes que passara com o seu amor desaparecido e deixou-as cair na correnteza. O riacho as levou para longe, deixando aparecer pedras planas e, finalmente, as três bruxas e o cavaleiro puderam atravessar em direção ao topo do morro.

A fonte refulgiu diante dos quatro, emoldurada pelas ervas e flores mais raras e mais belas que jamais tinham visto. O céu coloriu-se de vermelho, e chegou a hora de decidir qual deles iria se banhar.

Antes, porém, que chegassem a uma conclusão, a franzina Asha tombou no chão. Exausta com o esforço da subida, estava à beira da morte.

Seus três amigos a teriam carregado até a fonte, mas Asha, em agonia mortal, lhes pediu que não a tocassem.

Então Altheda se apressou a colher as ervas que julgou mais úteis, misturou-as na cabaça de água do Cavaleiro Azarado e levou a poção à boca de Asha.

Na mesma hora, Asha conseguiu se pôr de pé. Além disso, todos os sintomas de sua terrível enfermidade tinham desaparecido.

– Estou curada! – exclamou ela. – Não preciso da fonte; deixem Altheda se banhar!

Altheda, porém, estava ocupada colhendo mais ervas em seu avental.

– Se fui capaz de curar essa doença, posso ganhar muito ouro! Deixem Amata se banhar!

O Cavaleiro Azarado se inclinou e, com um gesto, indicou a fonte a Amata, mas ela sacudiu a cabeça. O riacho tinha lavado todos os seus desapontamentos de amor, e ela percebia agora que o antigo amado fora insensível e infiel, e que era uma grande felicidade ter se livrado dele.

– Bom cavaleiro, o senhor deve se banhar, em recompensa por toda a sua nobreza! – disse ela ao Cavaleiro Azarado.

Então ele avançou a armadura tinindo aos últimos raios do sol poente e se banhou na Fonte da Sorte, admirado por ter sido o escolhido entre centenas de outros e atordoado com a sua inacreditável fortuna.

Quando o sol se pôs no horizonte, o Cavaleiro Azarado se ergueu das águas sentindo-se glorioso com o seu triunfo, e se atirou, ainda vestindo a armadura enferrujada, aos pés de Amata, a mulher mais bondosa e bela que já contemplara. Alvoroçado com o sucesso, pediu sua mão e seu coração, e Amata, não menos feliz, percebeu que encontrara um homem que merecia os dois.

As três bruxas e o cavaleiro desceram o morro juntos, de braços dados, e os quatro levaram vidas longas e venturosas, sem jamais saber nem suspeitar que as águas da fonte não possuíam encanto algum.

GLOSSÁRIO:

Alvorecer: Começar a amanhecer.
Aprazado: Determinar prazo ou lugar.
Cercania: Vizinhança; arredores; proximidades.
Circundava: Rodeava; cercava.
Desembainhar: Desprender; soltar.
Enredar: Prender na rede; enlear; entrelaçar; emaranhar.
Exultar: Sentir grande prazer; ter grande alegria.
Franzina: Fraco quase raquítico.
Ginete: Cavalo de raça.
Hipnotizar: adormecer alguém com técnicas especiais.
Longínquo: Remoto; distante.
Sopé: Base; falda (de montanha);
Parte inferior de encosta, muro.
Subjugar: Conquistar; dominar

ROWLING, J. K. "A Fonte da Sorte". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 5- 45 min. (08/06/2015- Segunda- feira- 15:00h às 15:45h)

Tema: O gênero conto: função social, esfera de circulação e forma de composição.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Compreender a função social e a forma de composição do gênero conto pela leitura-estudo do conto "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling.

1.2 Objetivos Específicos

Identificar as marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto;
Identificar os tipos de narrador e os efeitos de sentido de cada um deles na construção de narrativas;
Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa como o conto;
Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa como o conto.

2. Conhecimentos abordados

O gênero conto: forma de composição, recursos expressivos e linguísticos;
O papel dos adjetivos na construção de cenários e personagens nas narrativas;
Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
Marcas de narrador e efeitos de sentido na construção de narrativas.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)
A professora fará uma retomada sobre o que os alunos viram na última semana de aula antes da greve dos professores municipais. (10 minutos)

A professora fará a leitura do conto "A Fonte da Sorte", em seguida irá entregar uma atividade com questões de interpretação do texto e de identificação dos elementos da narrativa. (30 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso: "A Fonte da Sorte";
Questões de interpretação de texto;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Comprometimento com a leitura do conto, pela concentração e postura na realização desta atividade;
b) Adequação das respostas às questões de compreensão do texto.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "A Fonte da Sorte". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – Roteiro de leitura do conto A fonte da sorte

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Aluno(a): _____

Roteiro de leitura[11]

1 – Quais são os problemas e as preocupações de cada bruxa que as fizeram ir até à Fonte da Sorte?

2 – No caminho até à Fonte, as três bruxas enfrentam alguns desafios. Quais são eles?

3 – Com base no final do conto, entende-se que a fonte não tinha poder nenhum, mas as pessoas que se banhavam nela sentiam algo diferente. De onde vem o poder que as pessoas atribuíam à fonte?

4 – A partir da leitura do conto "A Fonte da Sorte", J.K. Rowling destaque os personagens do conto e descreva as características de cada um deles.

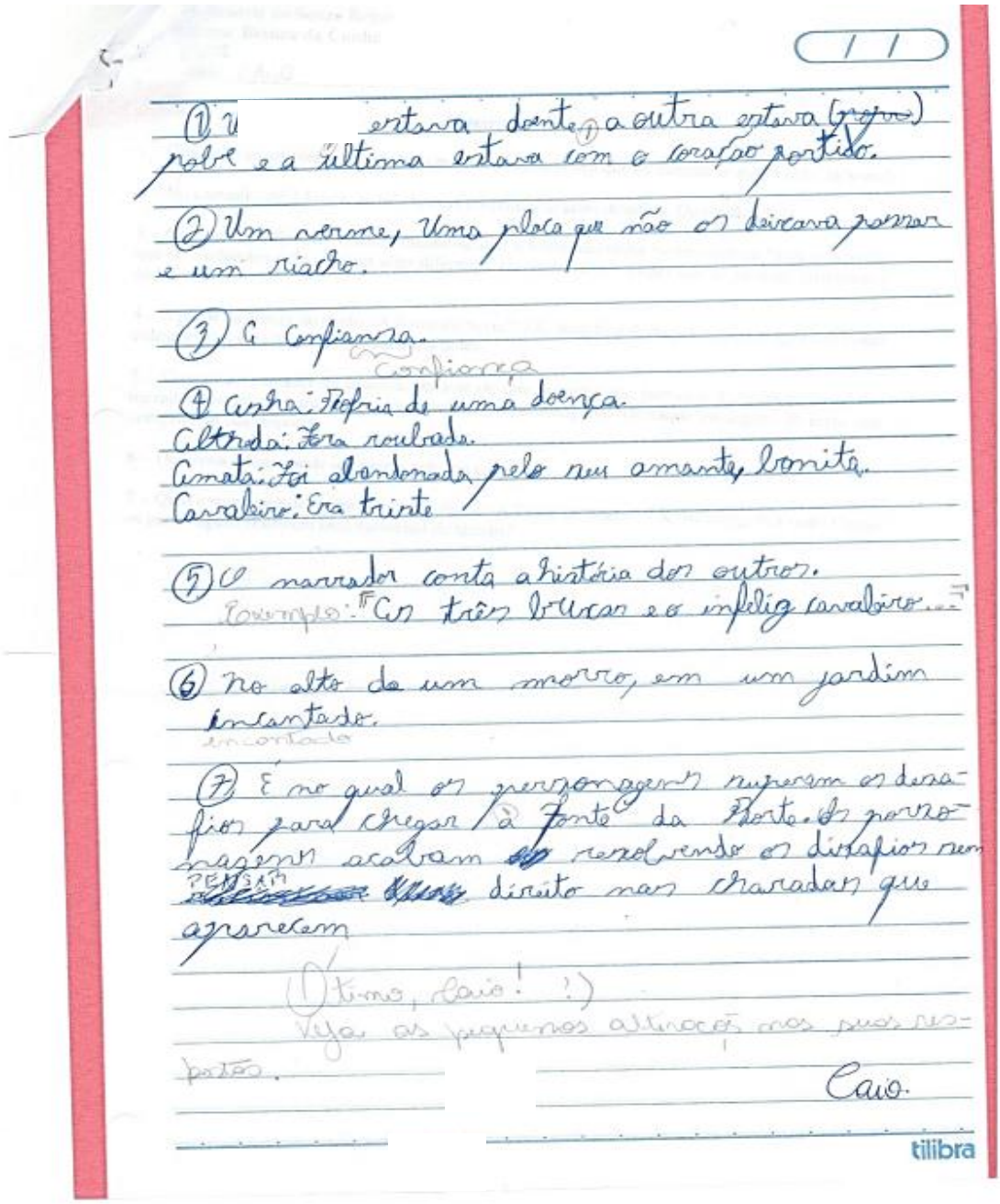
5 – Quanto ao narrador da história, trata-se de um narrador que participa da história, ou de um narrador que conta o que se passou com outros personagens? Destaque passagens do texto que comprovem sua resposta.

6 – Descreva o lugar onde se passa a ação no conto lido.

7 – Qual o momento de maior tensão no conto "A Fonte da Sorte", J.K. Rowling. Por quê? Como os personagens resolvem esse momento de tensão?

[11] Atividade de interpretação do conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling e de análise dos elementos da narrativa desenvolvida pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

Anexo 2 – Atividade de interpretação de textos



(1) U estava doente, a outra estava (~~[illegible]~~) pobre e a última estava com o coração partido.

(2) Um verme, Uma placa que não os deixava passar e um riacho.

(3) A Confiança.
Confiança

(4) Cisha: Profria de uma doença.
Altheda: Fora roubada.
Amata: Foi abandonada pelo seu amante, bonita.
Cavaleiro: Era triste

(5) O narrador conta a história dos outros.
Exemplo: "As três bruxas e o infeliz cavaleiro..."

(6) No alto de um morro, em um jardim incantado.
incantado

(7) É no qual os personagens superam os desafios para chegar à Fonte da Sorte. Os personagens acabam ~~[illegible]~~ resolvendo os desafios sem PENSAR ~~[illegible]~~ direito nas charadas que aparecem

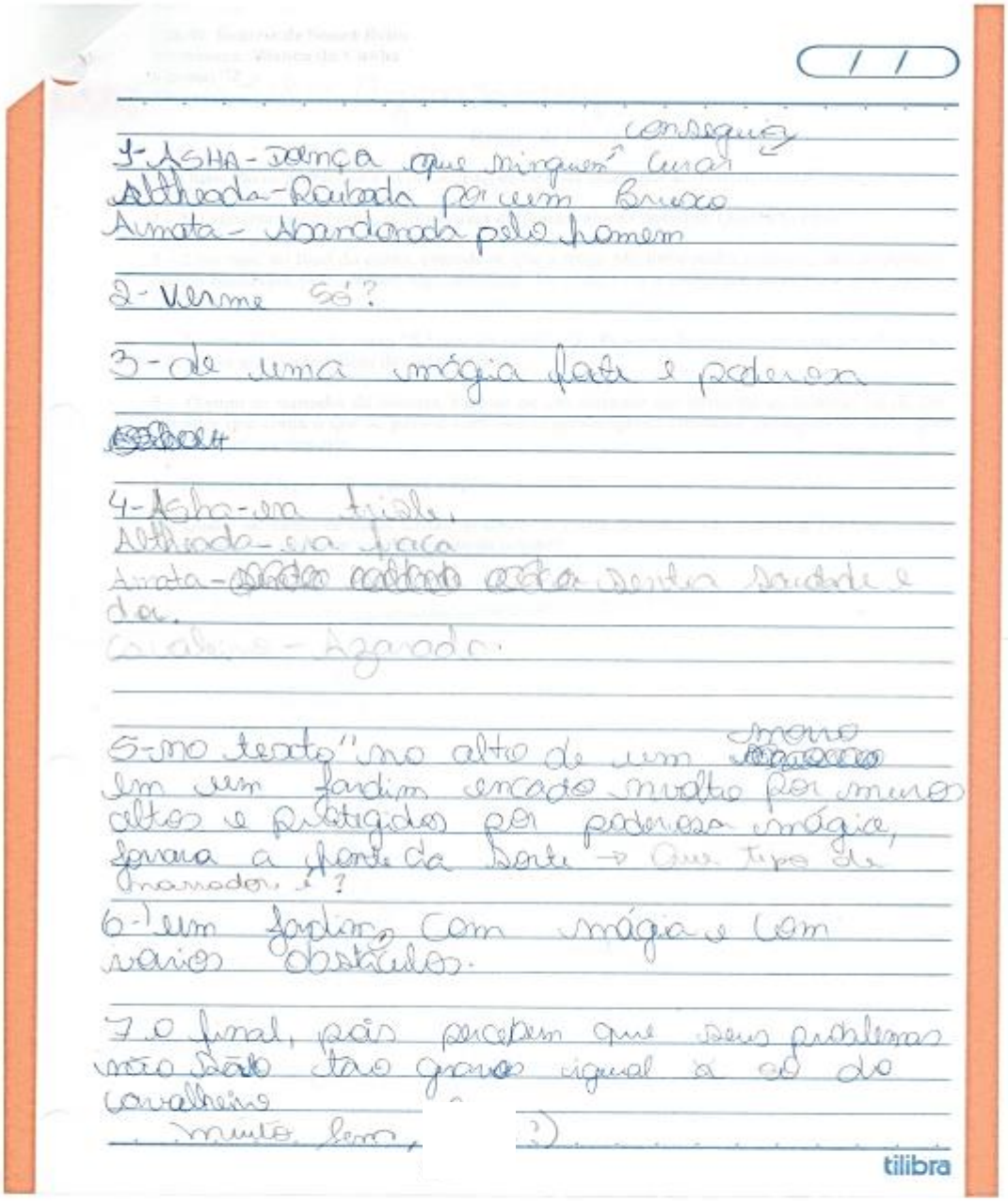
(Ótimo, Caio! :)
Veja as pequenas alterações nas suas respostas.

Caio.

tilibra

[12]

[12] Atividade de interpretação do conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling e de análise dos elementos da narrativa produzida por um aluno da turma de estágio.



1- ASHA - Doença que ninguém conseguiu curar
Altheada - Roubada por um Brusco
Amata - Abandonada pelo homem

2- Verme só?

3- de uma mágia forte e poderosa

4- Asha - era triste.
Altheada - era fraca
Amata - sentia saudade e dor.
Cavalheiro - Azarado.

5- no texto "no alto de um morro em um jardim encado nvolto por muros altos e protegidos por poderosa mágia, jorrava a fonte da Sorte → Que tipo de narrador é?

6- um jardim com mágia e com varios obstáculos.

7. o final, pois percebem que seus problemas não são tão graves igual a só do cavalheiro
muito bem, ?)

tilibra

13

[13] Atividade de interpretação do conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling e de análise dos elementos da narrativa produzida por um aluno da turma de estágio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 6- 45min. (09/06/2015- Terça- feira- 13:30h às 14:15h)

Tema: Socialização de contos.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Reconhecer o conto como um gênero que circula socialmente, compreendendo suas especificidades pela socialização dos contos lidos na aula anterior.

1.2. Objetivos Específicos

Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa dos contos lidos pelos colegas na aula anterior, quando de sua socialização;

Expressar-se com clareza, coerência e fluência na socialização dos contos lidos na aula anterior para o grande grupo;

Aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise das especificidades que constituem um determinado gênero do discurso como o conto.

2. Conhecimentos abordados

Prática da oralidade: clareza, coerência, expressividade na socialização do conto lido;
Leitura-estudo e leitura-fruição de conto;
Forma de composição do gênero conto: recursos discursivos, textuais, estilísticos, linguísticos;
Elementos que constituem uma narrativa, como o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora entregará a primeira atividade de interpretação dos contos para refacção. Após a refacção, a professora fará questionamentos com base no roteiro de leituras sobre a narrativa para aqueles que leram o mesmo conto. (40 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Contos impressos;
Questões de interpretação de texto;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Interesse dos alunos durante a socialização dos contos lidos pelos colegas e durante a explicação do conteúdo, considerando o levantamento de questões ou comentários.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

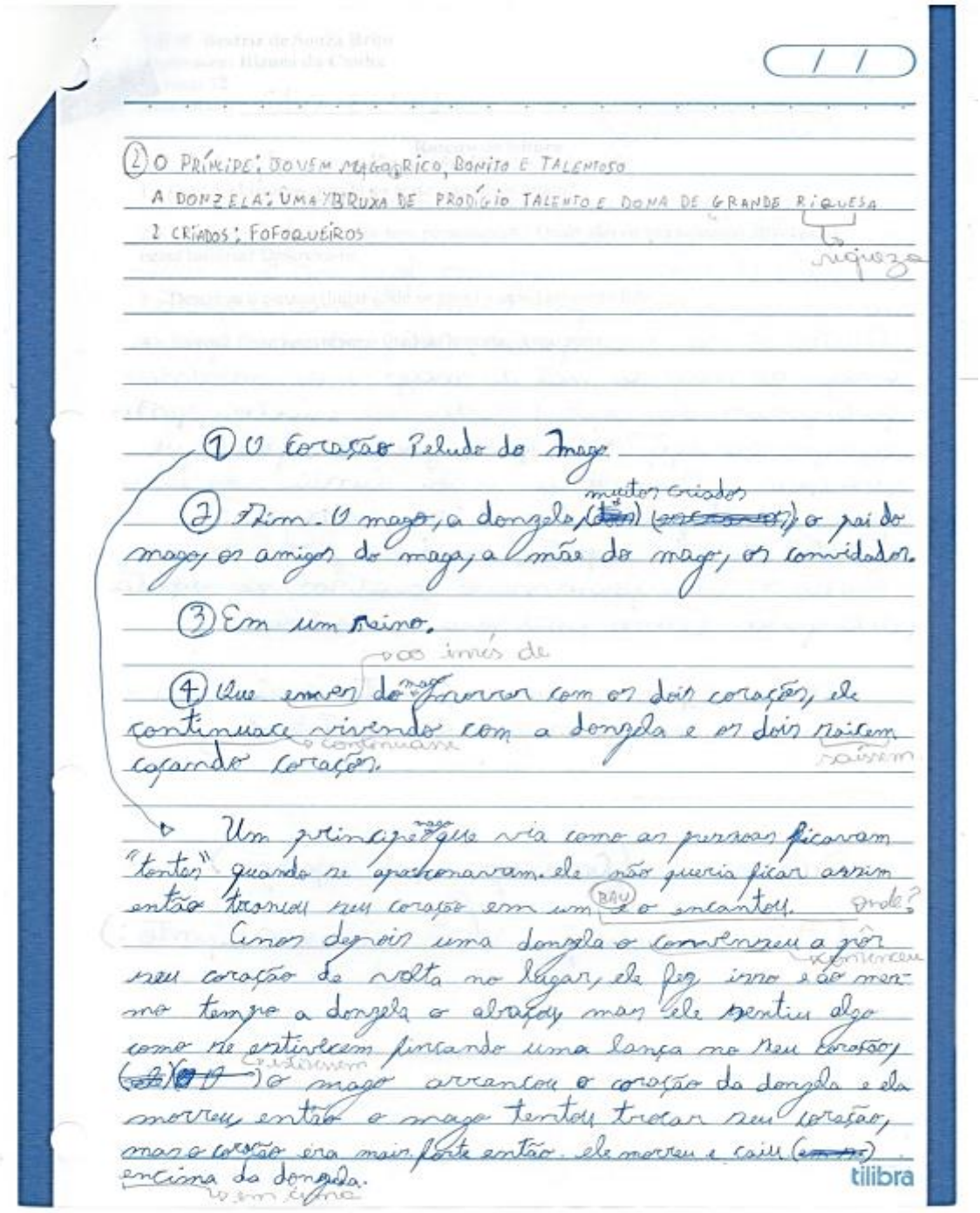
GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "A Fonte da Sorte". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – Refacção da atividade de interpretação do conto “O Coração Peludo do Mago”, de J. K. Rowling.



(2) O PRÍNCIPE: JOVEM MAGO, RICO, BONITO E TALENTOSO
A DONZELA: UMA BRUXA DE PRODÍGIO TALENTO E DONA DE GRANDE RIQUESA
2 CRIADOS: FOFOQUEIROS

riqueza

(1) O Coração Peludo do Mago

(2) Sim. O mago, a donzela, muitos criados, o pai do mago, os amigos do mago, a mãe do mago, os convidados.

(3) Em um reino.

(4) Que enves do mago morrer com os dois corações, ele continuace vivendo com a donzela e os dois saicem caçando corações.

ao invés de
continuasse
saíssem

Um principe mago que via como as pessoas ficavam "tontas" quando se apaixonavam. ele não queria ficar assim então trancou seu coração em um BAU e o encantou. onde?

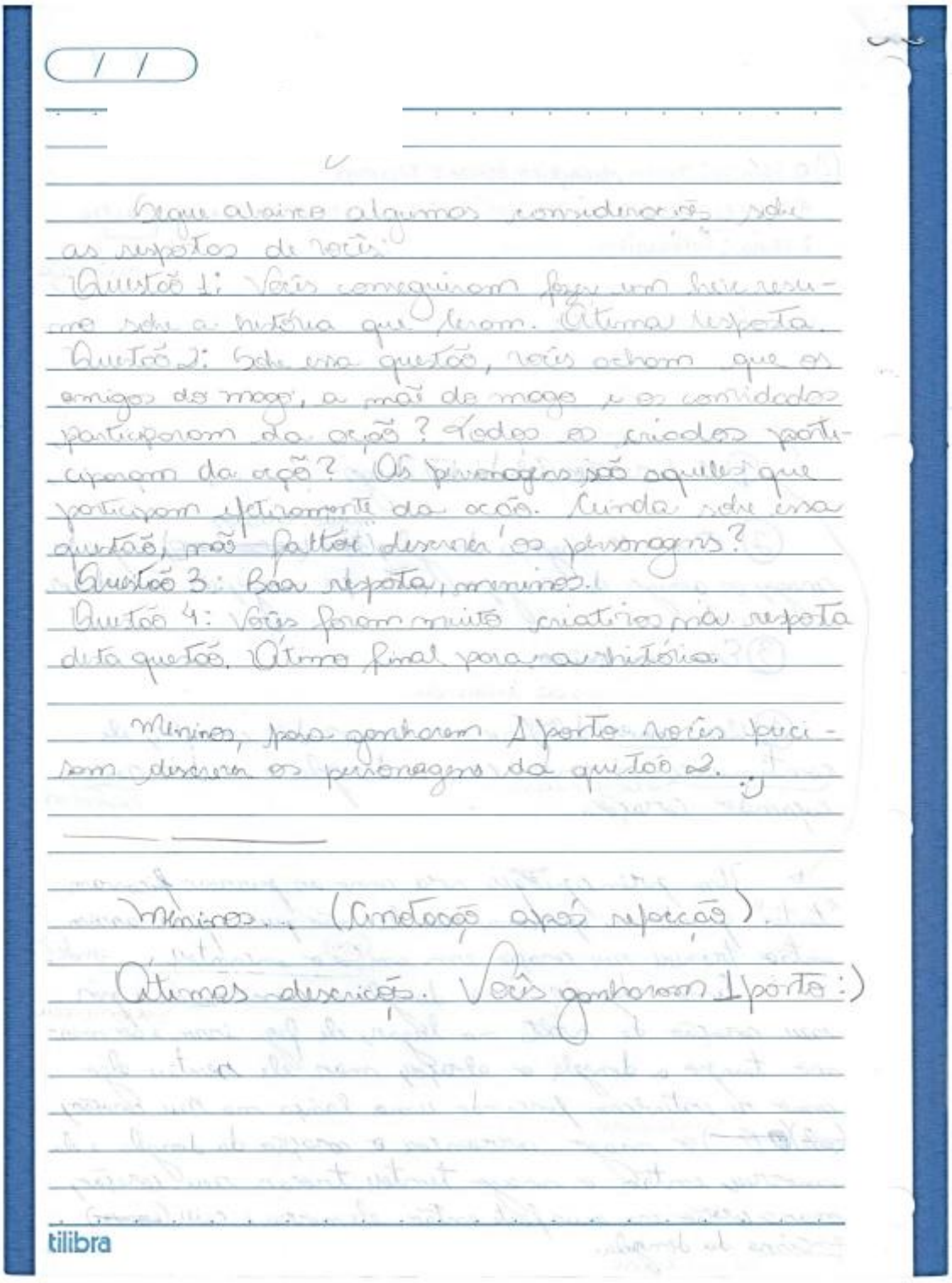
Anos depois uma donzela o convenceu a pôr seu coração de volta no lugar, ele fez isso e ao mesmo tempo a donzela o abraçou mas ele sentiu algo como se estivecem fincando uma lança no seu coração, o mago arrancou o coração da donzela e ela morreu então o mago tentou trocar seu coração, mas o coração era mais forte então ele morreu e caiu encima da donzela.

convenceu
estivessem
em cima

tilibra

[14]

[14] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto “O Coração Peludo do Mago”. Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Frente).



Vejam abaixo algumas considerações sobre as respostas de vocês.

Questão 1: Vocês conseguiram fazer um breve resumo sobre a história que leram. Ótima resposta.

Questão 2: Sobre essa questão, vocês acham que os amigos do mago, a mãe do mago e os convidados participaram da ação? Todos os criados participaram da ação? Os personagens são aqueles que participam efetivamente da ação. Ainda sobre essa questão, não faltou descrever os personagens?

Questão 3: Boa resposta, meninos.

Questão 4: Vocês foram muito criativos na resposta dada questão. Ótimo final para a sua história.

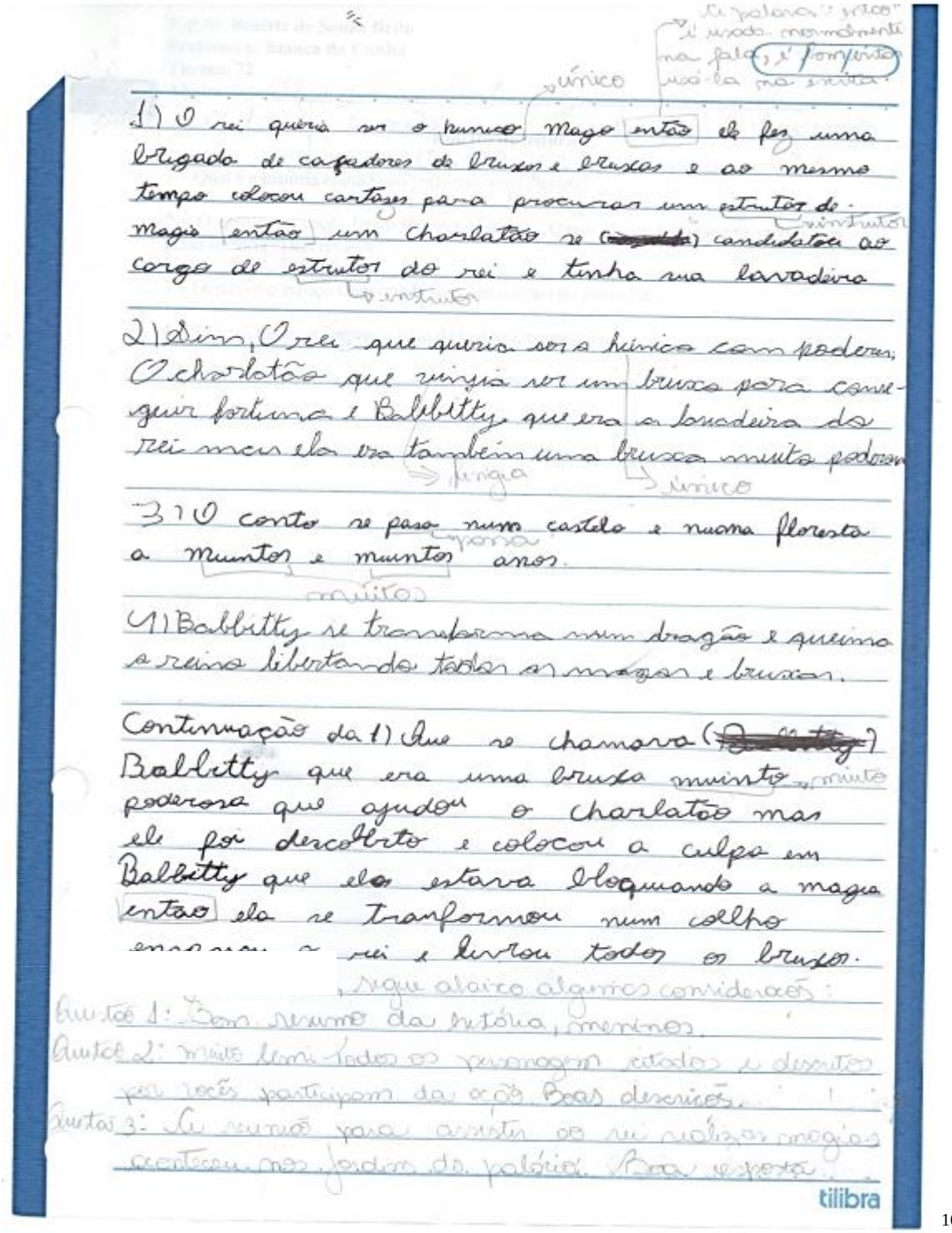
Meninos, para ganharem 1 ponto vocês precisam descrever os personagens da questão 2. :)

Meninos... (Anotação após reflexão).

Ótimas descrições. Vocês ganharam 1 ponto :)

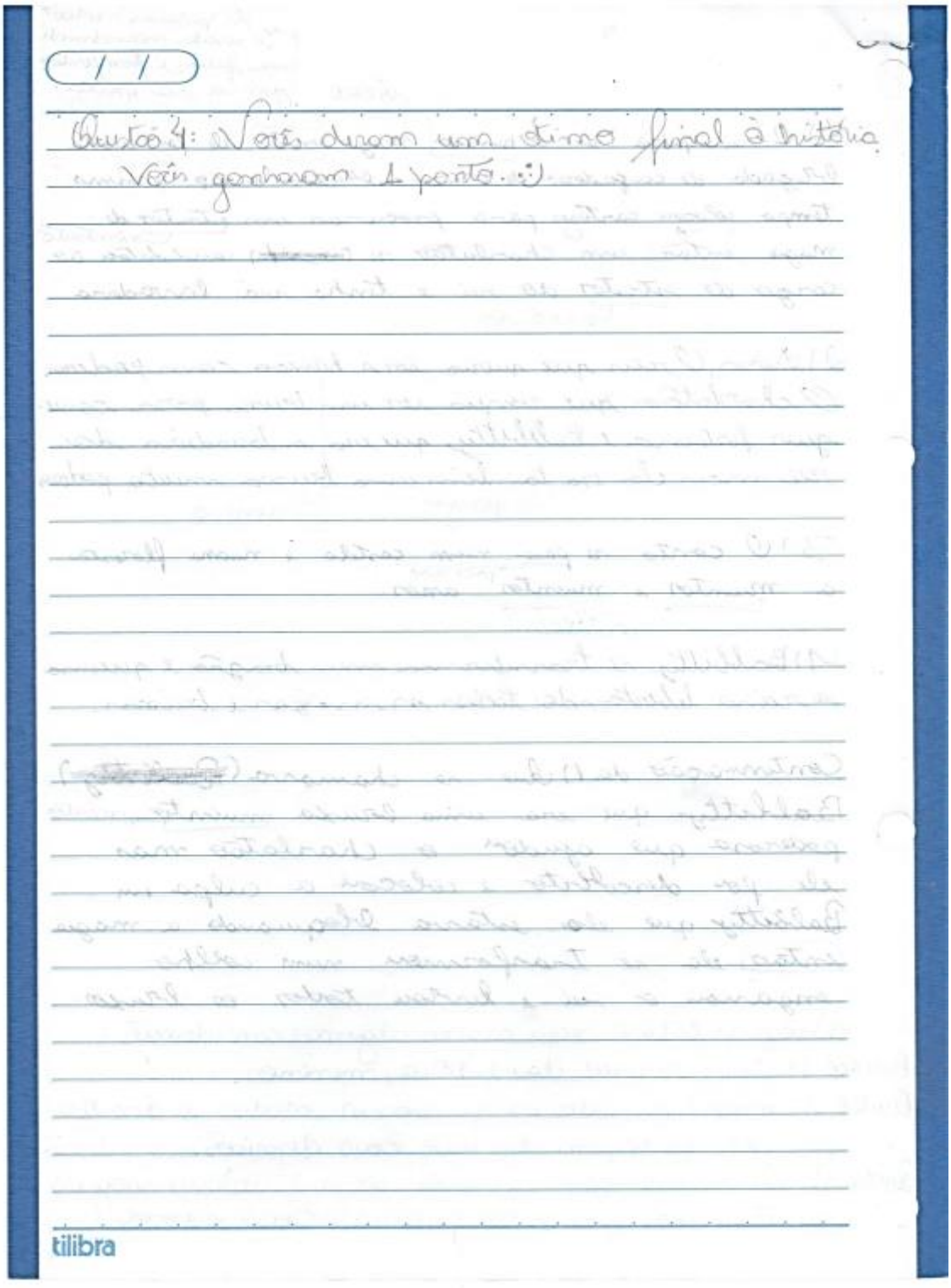
tilibra

[15] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto "O Coração Peludo do Mago". Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Verso).



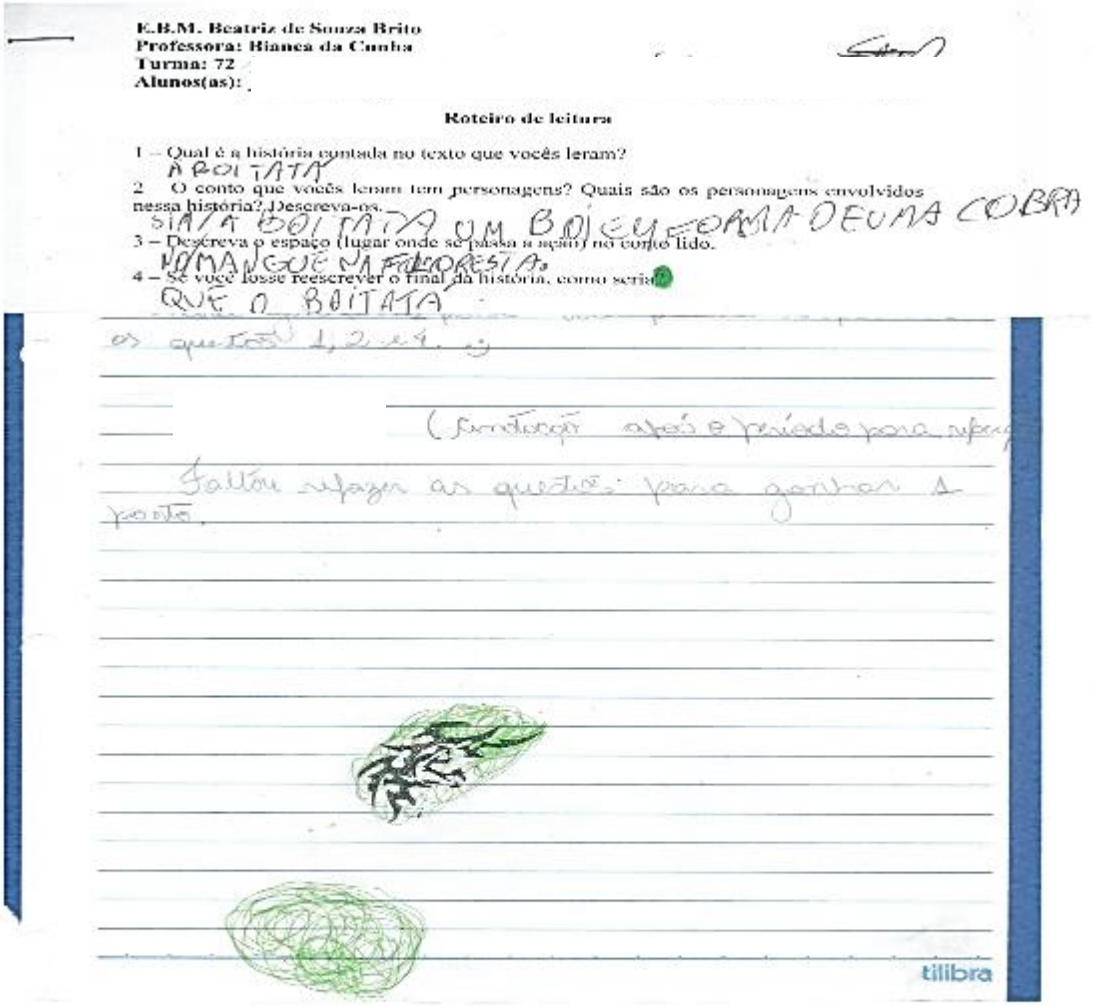
16

[16] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto "Babbity, a Coelha, e seu Toco Gargalhante". Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Frente).



17

[17] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto "Babbity, a Coelha, e seu Toco Gargalhante". Foi produzida por dois discentes da turma de estágio (Verso).



E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72
Alunos(as):

Roteiro de leitura

1 – Qual é a história contada no texto que vocês leram?
A BOITATÁ

2 – O conto que vocês leram tem personagens? Quais são os personagens envolvidos nessa história? Descreva-os.
SIA/A BOITATÁ UM BOI EU FORMA DE UMA COBRA

3 – Descreva o espaço (lugar onde se passa a ação) no conto lido.
NO MANGUE NA FLORESTA.

4 – Se você fosse reescrever o final da história, como seria?
QUE O BOITATÁ

os questões 1, 2 e 4.

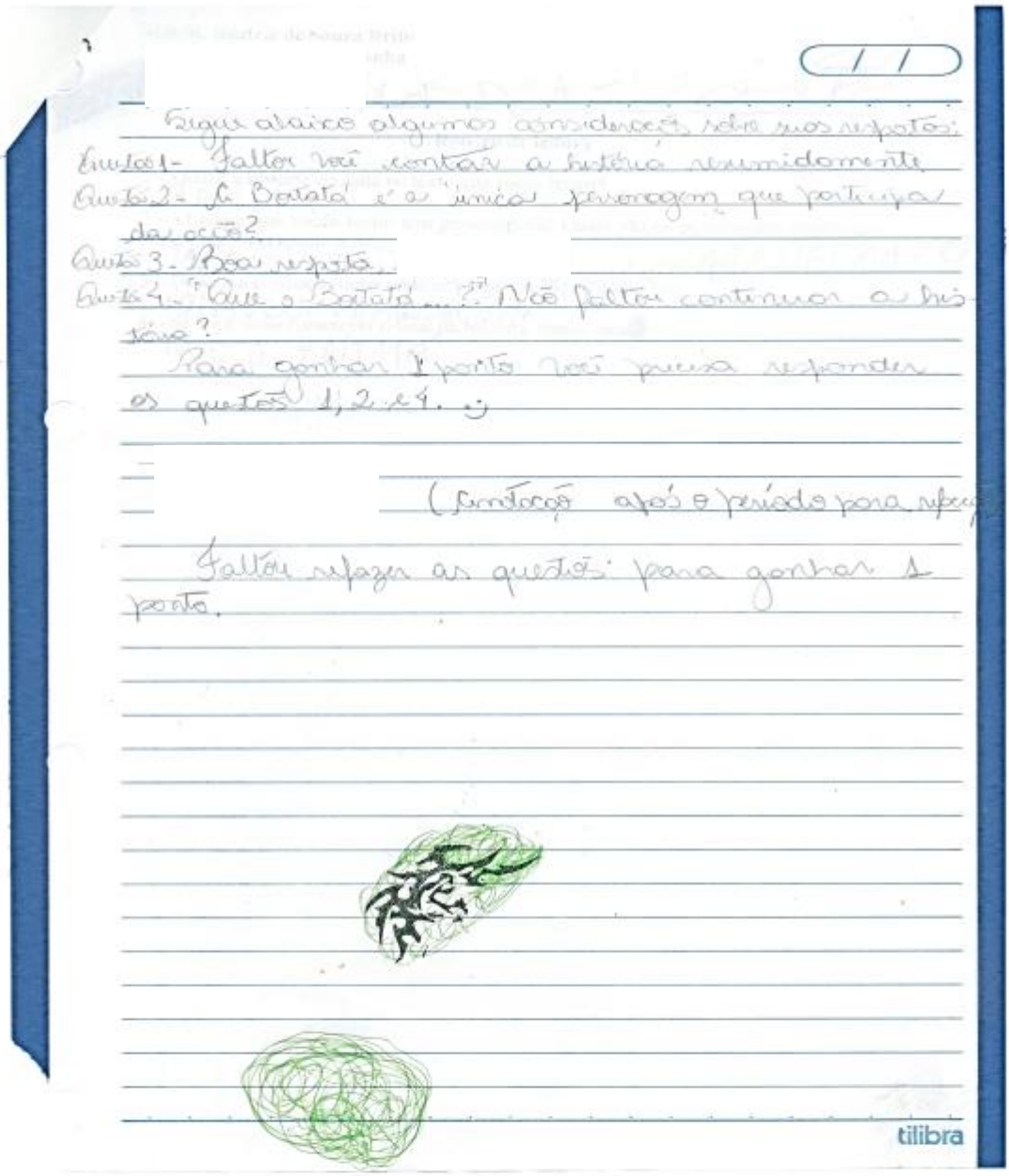
(Anotação após o período para refaç

Faltou refazer as questões para ganhar 1 ponto.

tilibra

18

[18] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto "A Boitatá". Foi produzida por um discente da turma de estágio (Frente).



Segue abaixo algumas considerações sobre suas respostas:
Questão 1 - Faltou você contar a história resumidamente
Questão 2 - A Boitatá é a única personagem que participa da ação?
Questão 3 - Boa resposta.
Questão 4 - "Que o Boitatá...?" Não faltou continuar a história?
Para ganhar 1 ponto você precisa responder as questões 1, 2 e 4. :)

(Anotação após o período para refacção)

Faltou refazer as questões para ganhar 1 ponto.

tilibra

[19]

[19] Atividade de refacção da primeira atividade sobre o conto "A Boitatá". Foi produzida por um discente da turma de estágio (Verso).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 7 e 8- 2 h/a (11/06/2015- Quinta- feira- 13:30h às 15:00h)

Tema: O gênero conto: função social, esfera de circulação e forma de composição.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Compreender a função social e a forma de composição do gênero conto pela retomada da leitura-estudo do conto "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling, realizada na aula anterior.

2.3 Objetivos Específicos

Identificar as marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto;
Identificar os tipos de narrador e os efeitos de sentido de cada um deles na construção de narrativas;
Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa como o conto;
Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa como o conto.

2. Conhecimentos abordados

O gênero conto: forma de composição, recursos expressivos e linguísticos;
O papel dos adjetivos na construção de cenários e personagens nas narrativas;
Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
Marcas de narrador e efeitos de sentido na construção de narrativas.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)
A professora estagiária utilizará slides para explicar para os alunos que, em uma narrativa, geralmente é possível identificar a época dos acontecimentos e a duração dos fatos

narrados. Para isso, a professora provocará os alunos para que identifiquem no conto "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling os recursos na construção de esquemas espaço-temporais, entre eles: os verbos, adjuntos adverbiais de tempo e de lugar, adjetivos. (50 minutos)

A professora, utilizando o conto "A Fonte da Sorte", dará continuidade a aula com a explicação sobre tipos de narrador: narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa; narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa; narrador intruso. (35 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso: "A Fonte da Sorte";
TV / Projetor Multimídia;
Notebook;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Interesse durante a explicação do conteúdo com base no levantamento de questões ou comentários, assim como pelas respostas aos questionamentos das professoras estagiárias.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

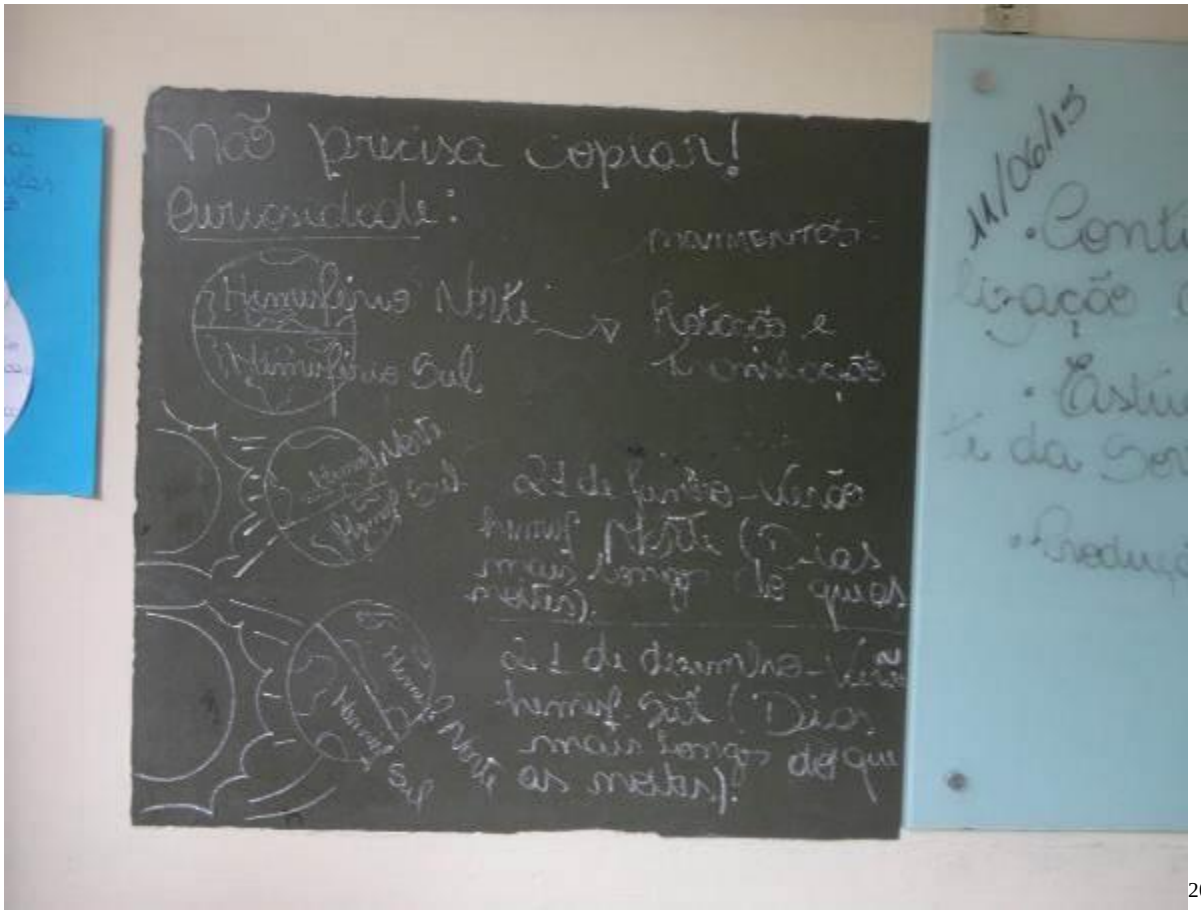
GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "A Fonte da Sorte". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – Registro no quadro de giz da síntese da aula expositivo dialogada sobre os elementos da narrativa



[20]

[20] Curiosidade elucidada pela estagiária responsável da aula sobre o dia mais longo do ano.

Anexo 2 – Aula expositivo-dialogada sobre os elementos da narrativa.

[21]

[21] Aula expositiva-dialogada sobre os elementos que compõem um texto narrativo como o conto, com base em questionamentos sobre o conto "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Bianca da Cunha
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 9- 45min. (15/06/2015- Segunda-feira- 15:00h às 15:45h)

Tema: O gênero conto: função social, esfera de circulação e forma de composição.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Compreender a função social e a forma de composição do gênero conto pela retomada da leitura-estudo do conto "A Fonte da Sorte", de J.K. Rowling, realizada na aula anterior.

1.2 Objetivos Específicos

Identificar as marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto;
Identificar os tipos de narrador e os efeitos de sentido de cada um deles na construção de narrativas;
Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa como o conto;
Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa como o conto.

2. Conhecimentos abordados

O gênero conto: forma de composição, recursos expressivos e linguísticos;
O papel dos adjetivos na construção de cenários e personagens nas narrativas;
Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
Marcas de narrador e efeitos de sentido na construção de narrativas.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)
A professora estagiária fará uma retomada da aula anterior. (10 minutos)

A professora, utilizando o conto "A Fonte da Sorte", dará continuidade a aula com a explicação sobre tipos de narrador: narrador-personagem, ou narrador em 1ª pessoa; narrador neutro, observador, ou narrador em 3ª pessoa; narrador intruso. A professora irá entregar um roteiro de estudos para que os alunos colem em seus cadernos. (30 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso: "A Fonte da Sorte";
TV / Projetor Multimídia;
Notebook;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Interesse durante a explicação do conteúdo com base no levantamento de questões ou comentários, assim como pelas respostas aos questionamentos das professoras estagiárias.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "A Fonte da Sorte". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Anexo 1 – Elementos da narrativa

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72 / Aluno(a): _____

Leitura-estudo do conto "A Fonte da Sorte", de J. K. Rowling [22]

Personagens do conto "A Fonte da Sorte", de J.K.Rowling:

Asha – doente "de uma enfermidade que nenhum Curandeiro pode curar", esperava que a Fonte fizesse desaparecer os seus sintomas;

Altheda – foi roubada e humilhada por um mago. Ela esperava que a Fonte a aliviasse de sua fraqueza e pobreza;

Amata – foi deixada por seu amado, e esperava que a Fonte aliviasse sua dor e saudade;

Cavaleiro azarado – cavaleiro de triste figura que montava um cavalo esquelético, esperava que a Fonte fizesse dele um homem de sucesso.

- **Personagens**: São aqueles que participam da ação. Normalmente é uma pessoa, mas pode ser um animal, um ser fictício, um sentimento, um objeto, desde que com características humanas, ou seja, personificados. Personagens podem ter nomes ou não, e podem ter qualquer tipo de personalidade.

Um conto envolve poucos personagens e os que existem se movimentam em torno de uma única ação.

A HISTÓRIA...

A Fonte da Sorte, protegida por forte magia, atrai pessoas (com e sem poderes mágicos) das mais distantes terras do reino durante o dia mais longo do ano por prometer sorte eterna para aquele que superar os obstáculos para chegar até ela.

Certa vez, na longa fila de pessoas que almejavam alcançar a fonte, três bruxas conversavam sobre suas desventuras. A primeira delas, Asha, sofria de uma doença que ninguém conseguia curar. A segunda bruxa, Altheda, teve todos os seus bens roubados por um bruxo do mal. Amata, terceira bruxa, sofria por ter sido abandonada por um homem que amava verdadeiramente. No meio da multidão havia um Cavaleiro de triste figura que aguardava na esperança de ser o escolhido para entrar no jardim. Todas buscavam a solução para seus problemas nas águas da Fonte, mas apenas uma pessoa poderia se banhar.

Em sua jornada à Fonte, o grupo (que contava com as três bruxas e mais um cavaleiro azarado) enfrenta três desafios e, antes mesmo de chegarem à Fonte da Sorte, conseguem realizar seus sonhos de cura.

- **Enredo (ações):** É o desenrolar dos acontecimentos. Todo enredo é composto por um conflito vivido por um ou mais personagens, cujo foco principal é prender a atenção do leitor por meio de um clima de tensão.

[22] Roteiro de leitura desenvolvido pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

Momentos da narrativa:

Situação inicial (Introdução): É o começo da história, no qual se apresentam os fatos iniciais, os personagens, e, às vezes, o tempo e o espaço.

Conflito (Complicação): Os motivos que desencadearam a ação da história.

Clímax do conflito: Momento de maior tensão na história.

Conclusão ou desfecho final: É a solução do conflito instaurado, podendo apresentar final trágico, cômico, triste, ou até mesmo surpreendente. Tudo irá depender da decisão do narrador.

Em que lugar acontece a ação no conto "A Fonte da Sorte"?

No conto "A Fonte da Sorte", a ação acontece "no alto de um morro, em um jardim encantado envolto por muros altos e protegido por poderosa magia" [...]

[...] jardim encantado, onde ervas raras, frutos e flores cresciam em abundância à margem de caminhos ensolarados [...]

- **Espaço:** É o ambiente/lugar onde se passa a ação, podendo ser numa floresta, numa praça, numa bela praia, enfim, entre tantos outros lugares.

Quando acontece a ação no conto "A Fonte da Sorte"?

No conto "A Fonte da Sorte", a ação acontece entre o nascer e o pôr do sol do dia mais longo do ano.

Curiosidade:

O dia mais longo do ano é o **dia que inicia o verão.** Essa época do ano, em que o Sol incide com maior intensidade em um dos hemisférios, é chamada de Solstício.

Esse fenômeno acontece no período do ano em que a Terra recebe uma quantidade maior de luz sobre um dos hemisférios. Os solstícios ocorrem em duas datas do ano: 21 de junho e 21 de dezembro.

No solstício de 21 de junho, dá-se início ao verão no hemisfério Norte, desse modo, os dias são mais longos do que as noites. Já no hemisfério Sul, a data em questão marca o começo do inverno, no qual as noites são mais longas que os dias.

No solstício de 21 de dezembro, inicia-se no hemisfério Norte a estação de inverno, período em que as noites são mais longas que os dias. Já no hemisfério Sul, a data determina o começo do verão, estação em que as noites são mais curtas do que os dias.

- **Tempo:** Revela o momento em que tudo acontece.

Exemplo: [...] Uma vez por ano, entre o nascer e o pôr do sol do dia mais longo do ano, um único infeliz recebia a oportunidade de competir para chegar à fonte, banhar-se em suas águas e ter sorte a vida inteira [...]

Qual o tipo de narrador do conto "A Fonte da Sorte"?

No conto "A Fonte da Sorte", o narrador é um dos personagens da história, ou é um narrador que conta o que se passou com outros personagens?

No conto “A Fonte da Sorte”, o narrador limita-se a contar os fatos, sem interferir ou manifestar opiniões.

Exemplo: [...] Três bruxas, com seus problemas e preocupações, encontraram-se nas cercanias da multidão, e contaram umas às outras suas tristezas enquanto esperavam o sol nascer [...]

➨ **Narrador:** Age como uma espécie de intermediário entre o autor e o leitor, podendo atuar de distintas formas, entre as quais destacamos:

Narrador-personagem **-** O narrador é um dos personagens da história. Ele participa de alguma forma do enredo, pois, ao mesmo tempo em que conta, demonstra também sua cota de envolvimento com a trama, geralmente **narrada em 1ª pessoa (*eu* ou *nós*).**

Exemplo:

“Foi numa sexta-feira, numa noite de profunda insônia solitária. Era madrugada, fazia calor e a lua estava cheia. **Inquieto, saí** para a rua e **encontrei meu** vizinho ocasional. **Nos conhecíamos** só de bons-dias e boas-tardes. Ele mora na Ilha Júlio Moura, número 31, e **eu**, quando **estou** aqui, **aporto** no mesmo arquipélago, na Ilha 19.” Trecho retirado do conto *Uma noite de profunda insônia solitária*, de Amilcar Neves.

Narrador-observador - Neste caso, a narrativa revela-se em **3ª pessoa**, visto que o narrador apenas observa do lado “de fora” e, de forma imparcial, repassa ao leitor o que realmente acontece, limitando-se a revelar somente o que vê, nada mais que isso.

Exemplo:

“No alto de um morro, em um jardim encantado envolto por muros e protegido por poderosa maga, **jorrava** a Fonte da Sorte.

Uma vez por ano, entre o nascer e o pôr do sol do dia mais longo do ano, **um único infeliz recebia** a oportunidade de competir para chegar â fonte, banhar-se em suas águas e ter sorte a vida inteira.” Trecho retirado do conto *A Fonte da Sorte,* de J.K.Rowling.

Narrador-onisciente - Este, além de saber tudo sobre o enredo, ainda sabe até o que os personagens pensam, revelando ao leitor os pensamentos e os sentimentos mais íntimos destes.

Exemplo:

“Um segundo depois, muito suave ainda, o pensamento ficou levemente mais intenso, quase tentador: **não dê, elas são suas.** Laura espantou-se um pouco: **por que as coisas nunca eram dela**?” Trecho retirado do conto *A Imitação da Rosa,* de Clarice Lispector.

Reparem como o narrador onisciente "lê" o pensamento da personagem, "vê" o que ninguém tem condições de ver: o mundo interior da personagem.

Depois de algumas leituras de contos...

O que é um conto?

O conto é uma obra de ficção. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. É uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa.

Por meio da leitura de contos podemos descobrir outros lugares, outros tempos, outras formas de agir e ser, outra ética.

O gênero do discurso conto tem como função entreter, divertir, comunicar fantasias ou fatos extraordinários, transmitir valores culturais, sociais e também morais.

Bons estudos!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 10- 45min. (16/06/2015- Terça- feira- 13:30h às 14:15h)

Tema: Produção de contos.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Produzir um conto com tema ligado ao universo bruxólico, considerando sua função social e forma de composição, para ser publicado em um Fanzine a ser socializado na última aula do projeto de docência.

1.2. Objetivos Específicos

Fazer uso das marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto na produção da própria narrativa;

Empregar adequadamente os verbos e os adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais na produção do próprio conto;

Empregar adequadamente adjetivos e locuções adjetivas na construção de cenários e personagens na produção do próprio conto;

Elaborar a primeira versão escrita do conto, considerando as especificidades próprias do gênero.

2. Conhecimentos abordados

O gênero conto: forma de composição, recursos expressivos e linguísticos;
Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;
Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
Marcas de narrador e efeitos de sentido na construção de narrativas;
Produção escrita de um conto.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

Em seguida, a professora irá propor que os alunos, individualmente, produzam um conto com tema ligado ao universo bruxólico. Nesta atividade os alunos deverão colocar em prática o conhecimento apropriado sobre o gênero conto, fazendo uso dos recursos discursivos, textuais e linguísticos que constituem este gênero, entregando-o na mesma aula. (40 minutos)

As professoras estarão à disposição para auxiliar os alunos caso haja necessidade.

Durante a aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Folha para a 1ª produção da primeira versão do conto;
Materiais: caderno, caneta, corretivo.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Adequação do texto produzido ao gênero conto, considerando as características e os elementos que compõem esse gênero, e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "O Bruxo e o Caldeirão Saltitante". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.p.03

Anexo 1 – Roteiro para a produção do conto

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72 / Aluno(a): _____

Agora que já lemos vários contos e estudamos sobre este gênero, você está convidado a assumir o papel de escritor(a) para criar um conto com tema ligado ao universo bruxólico. Não esqueça de usar todos os elementos que compõem um texto narrativo como o conto.

Para iniciar o conto você poderá escolher uma das sugestões abaixo ou começar a sua história de outra maneira.

1) Adolfo era um velho que andava pelas praias com uma bengala na mão. Certo dia, quando levantou sua bengala, ouviu-se um estrondo e algo se mexeu ...

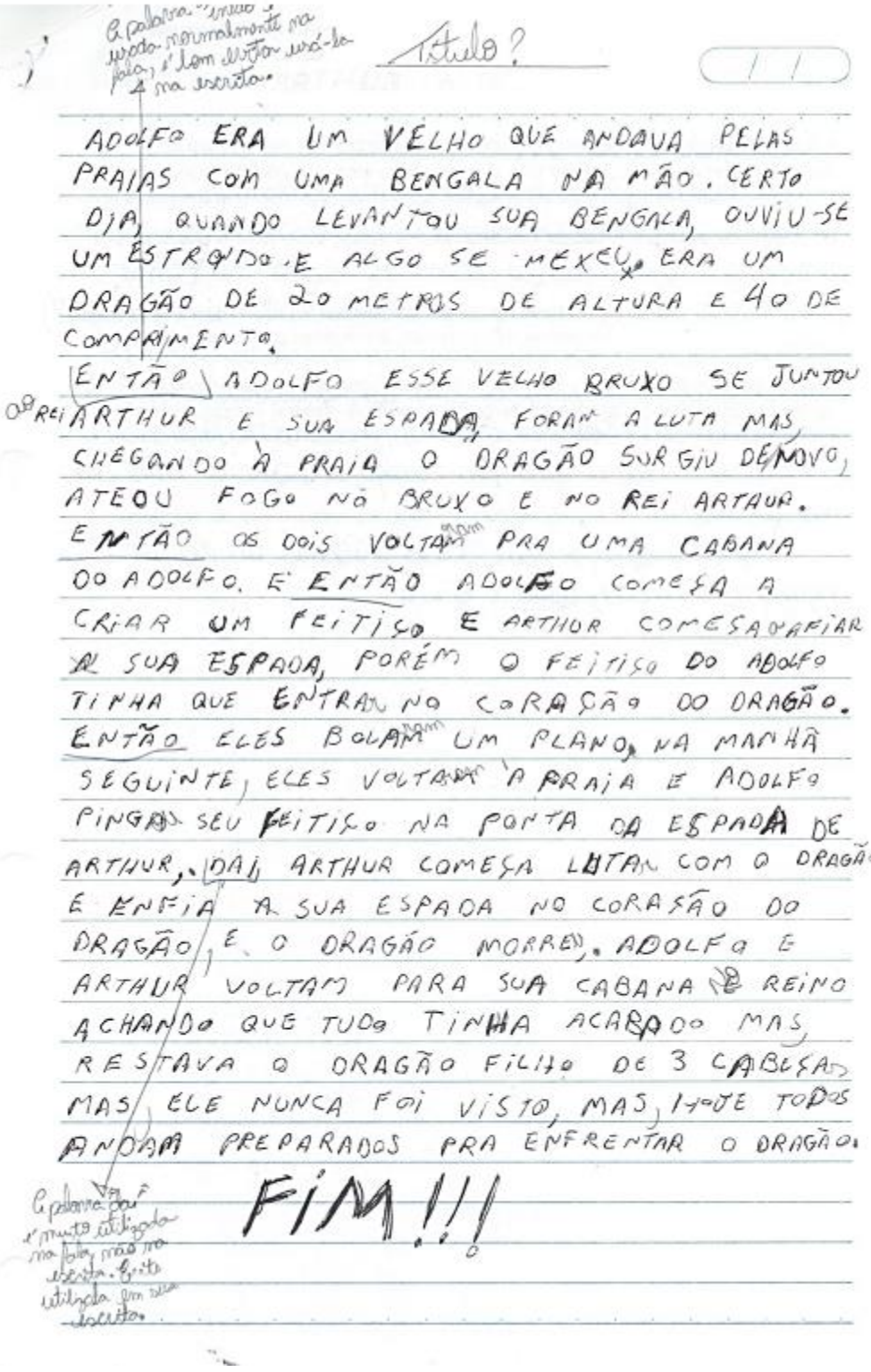
2) Plínio era um menino que parecia ter asas nos pés. Ele e seu gato não paravam de fazer peripécias, sempre tentando alcançar o inatingível. Para chegarem mais longe precisavam de um objeto voador. De repente o gato sumiu e, diante dos olhos do menino, aterrissava uma vassoura ...

Lembre-se de que o conto que você irá escrever precisa ter como tema o universo bruxólico.

Boa produção! [23]

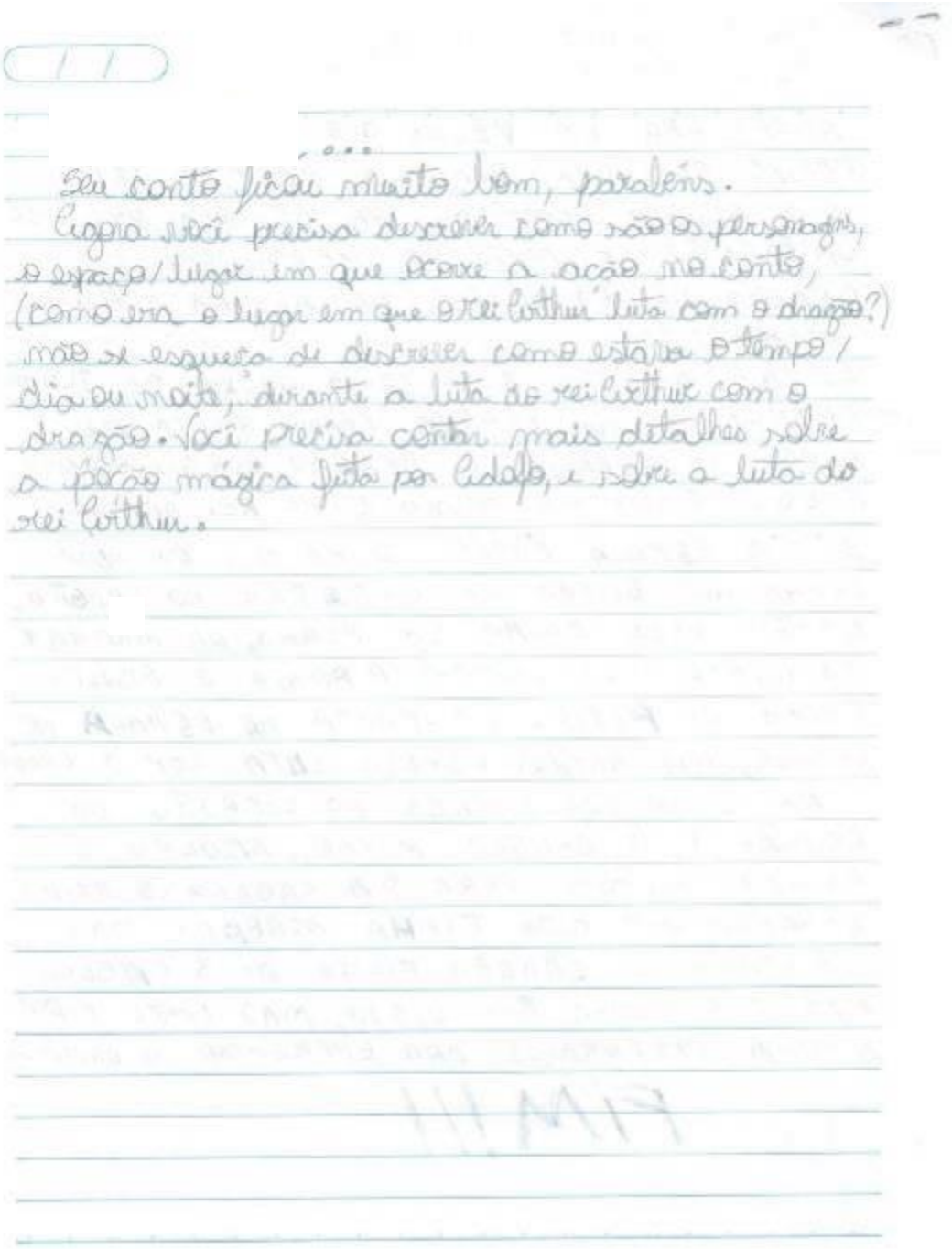
[23] Roteiro elaborado pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido para orientar a produção de contos pelos alunos.

Anexo 2 – Exemplares de contos produzidos pelos alunos



[24]

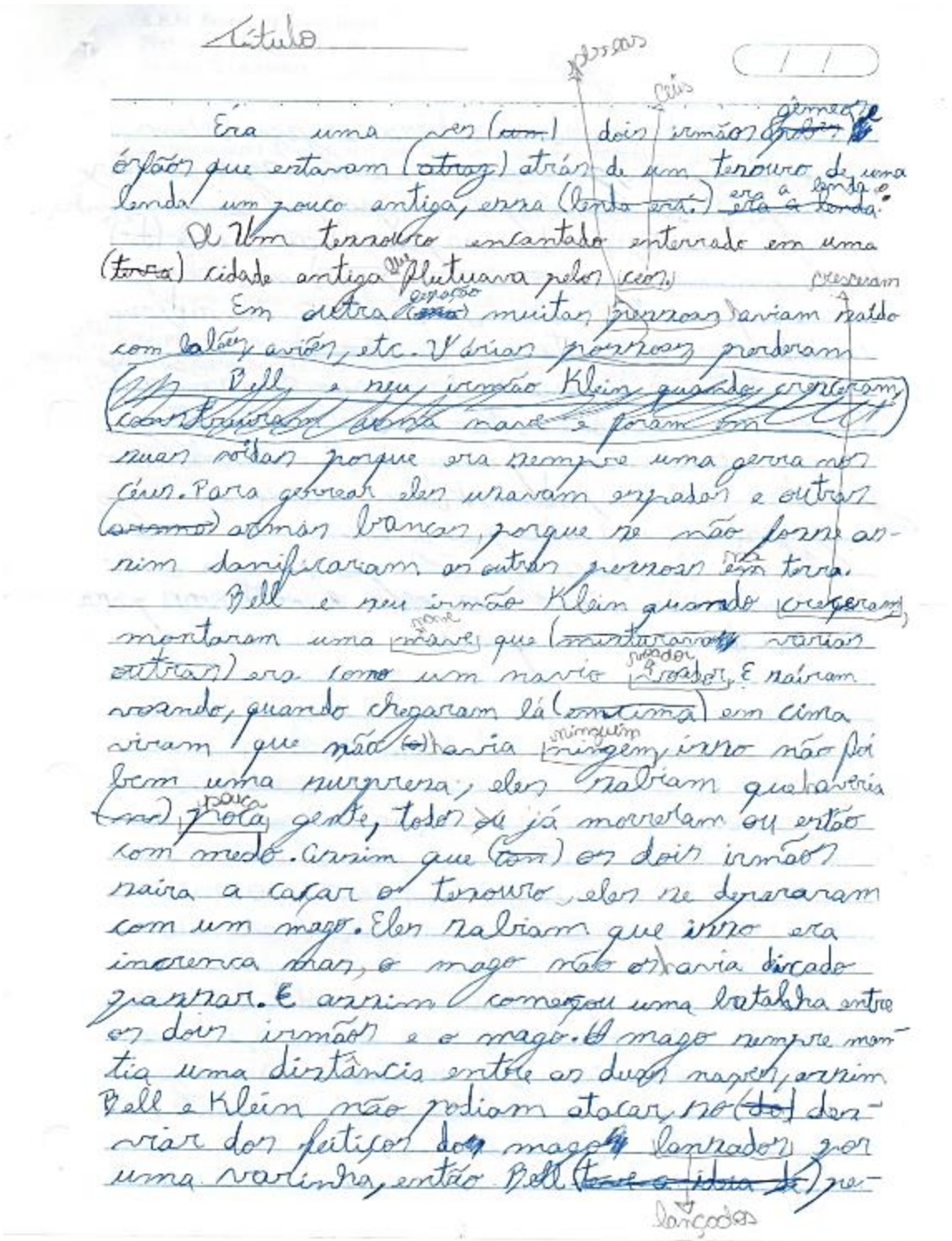
[24] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Frente)



Seu conto ficou muito bom, parabéns.
Agora você precisa descrever como são os personagens, o espaço/lugar em que ocorre a ação no conto, (como era o lugar em que o Rei Arthur luta com o dragão?) não se esqueça de descrever como está o tempo / dia ou noite, durante a luta do rei Arthur com o dragão. Você precisa contar mais detalhes sobre a poção mágica feita por Adolfo, e sobre a luta do rei Arthur.

25

[25] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Verso)



Título

Era uma vez (~~um~~) dois irmãos gêmeos e órfãos que estavam (~~atraz~~) atrás de um tesouro de uma lenda um pouco antiga, essa (~~lenda era.~~) era a lenda e ~~era a lenda~~.

Um tesouro encantado enterrado em uma (~~terra~~) cidade antiga que flutuava pelos céos.

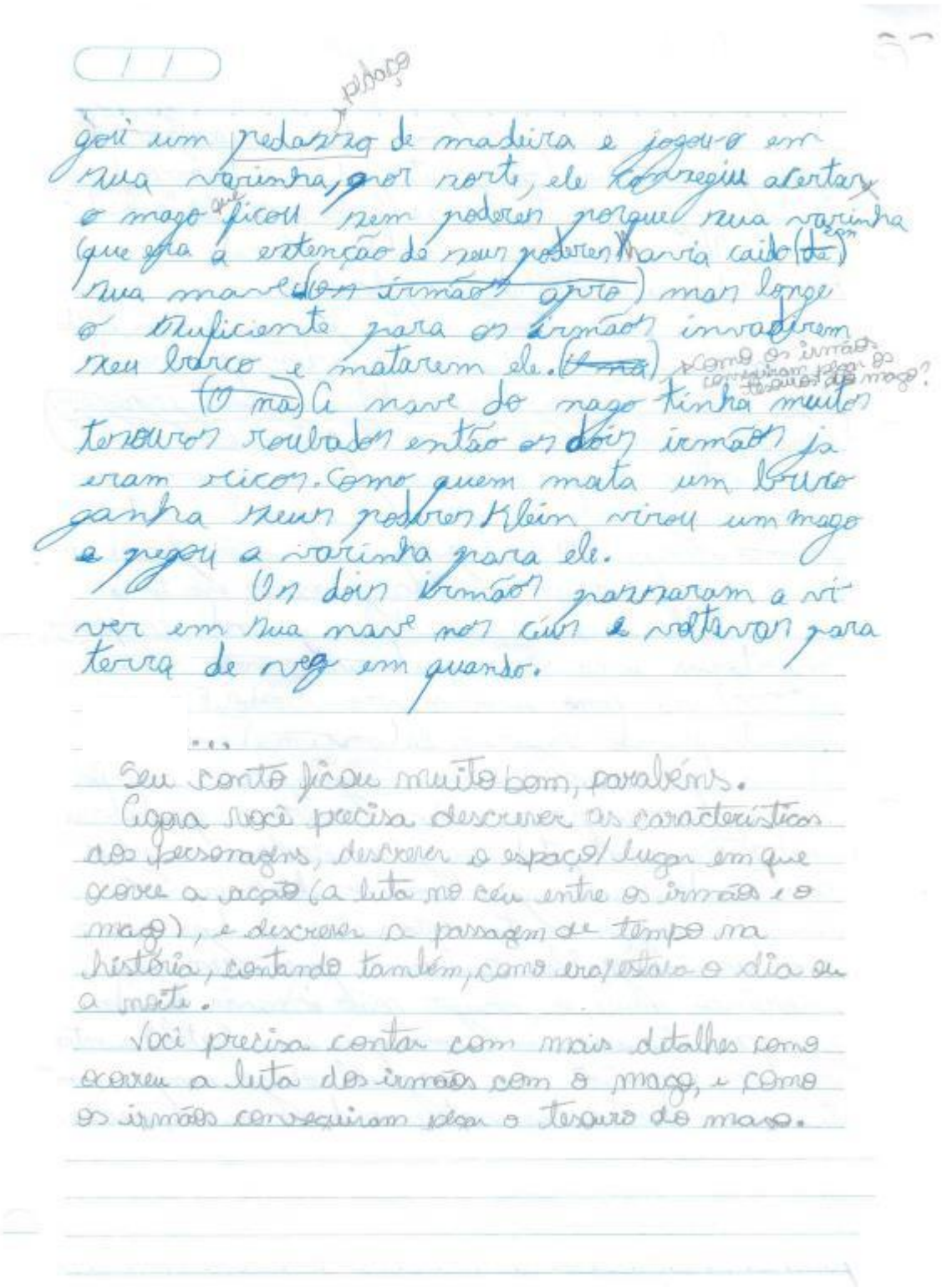
Em outra espaço (~~era~~) muitas pessoas haviam saído com balões, aviões, etc. Várias pessoas perderam ~~Bell e seu irmão Klein quando cresceram construíram uma nave e foram em~~ suas vidas porque era sempre uma gerra nos céus. Para gerrear eles usavam espadas e outras (~~armas~~) armas bancas, porque se não fosse assim danificariam as outras pessoas na terra.

Bell e seu irmão Klein quando cresceram, montaram uma nave que (~~misturava~~ varias outras) era como um navio voador. E saíram voando, quando chegaram lá (~~em cima~~) em cima viram que não (~~o~~) havia ninguém, isso não foi bem uma surpresa, eles sabiam que haveria (~~no~~) poca gente, todos ~~ou~~ já morreram ou estão com medo. Assim que (~~com~~) os dois irmãos saíra a caçar o tesouro, eles se depararam com um mago. Eles sabiam que isso era increnca mas, o mago não os havia dicado passar. E assim começou uma batalha entre os dois irmãos e o mago. O mago sempre mantia uma distância entre as duas naves, assim Bell e Klein não podiam atacar, só (~~do~~) desviar dos feitiços do mago lançados por uma varinha, então Bell (~~teve a idéia de~~) pe-

lançados

26

[26] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Frente)



pedaço

gou um pedazzo de madeira e jogou-o em sua varinha, por sorte, ele consegiu acertar o mago que ficou sem poderes porque sua varinha (que era a extenção de seus poderes) havia caido (~~de~~ com) sua nave ~~(os irmãos apro)~~ mas longe o suficiente para os irmãos invadirem seu barco e matarem ele. ~~(O na)~~ como os irmãos conseguiram pegar os tesouros do mago?

~~(O na)~~ A nave do mago tinha muitos tesouros roubados então os dois irmãos ja eram ricos. Como quem mata um bruxo ganha seus poderes Klein virou um mago e pegou a varinha para ele.

Os dois irmãos passaram a viver em sua nave nos céus e voltavam para terra de vez em quando.

...

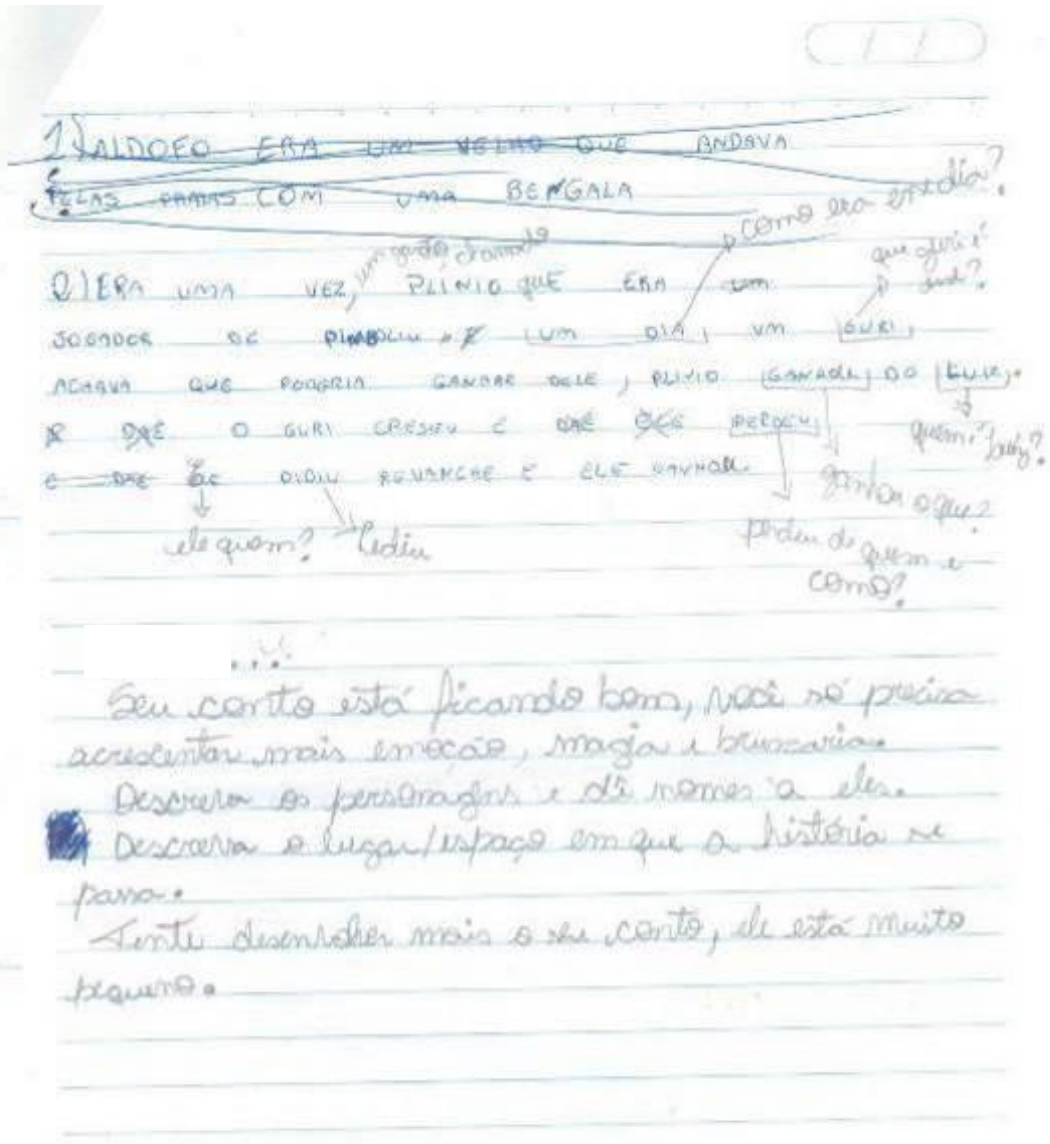
Seu conto ficou muito bom, parabéns.

Agora você precisa descrever as características dos personagens, descrever o espaço/lugar em que ocorre a ação (a luta no céu entre os irmãos e o mago), e descrever a passagem de tempo na história, contando também, como era/estava o dia ou a noite.

Você precisa contar com mais detalhes como ocorreu a luta dos irmãos com o mago, e como os irmãos conseguiram pegar o tesouro do mago.

27

[27] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Verso)



[28] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio.

E.B.M. Beatriz de Souza Brito
Professora: Bianca da Cunha
Turma: 72 / Aluno(a):

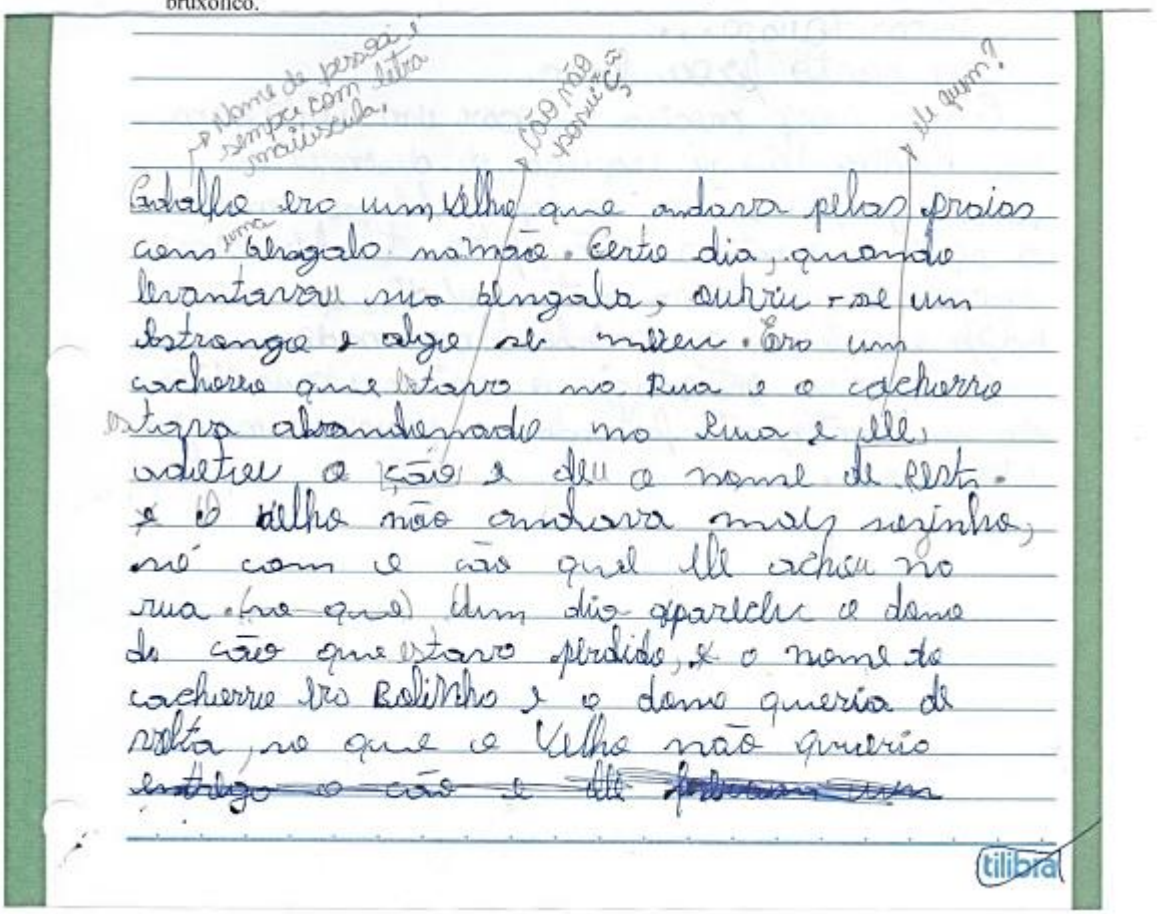
Agora que já lemos vários contos e estudamos sobre este gênero, você está convidado a assumir o papel de escritor(a) para criar um conto com tema ligado ao universo bruxólico. Não esqueça de usar todos os elementos que compõem um texto narrativo como o conto.

Para iniciar o conto você poderá escolher uma das sugestões abaixo ou começar a sua história de outra maneira.

1) Adolfo era um velho que andava pelas praias com uma bengala na mão. Certo dia, quando levantou sua bengala, ouviu-se um estrondo e algo se mexeu ...

2) Plínio era um menino que parecia ter asas nos pés. Ele e seu gato não paravam de fazer peripécias, sempre tentando alcançar o inatingível. Para chegarem mais longe precisavam de um objeto voador. De repente o gato sumiu e, diante dos olhos do menino, aterrissava uma vassoura ...

Lembre-se de que o conto que você irá escrever precisa ter como tema o universo bruxólico.



Nome de pessoa é sempre com letra maiúscula.

Cão não possui ç

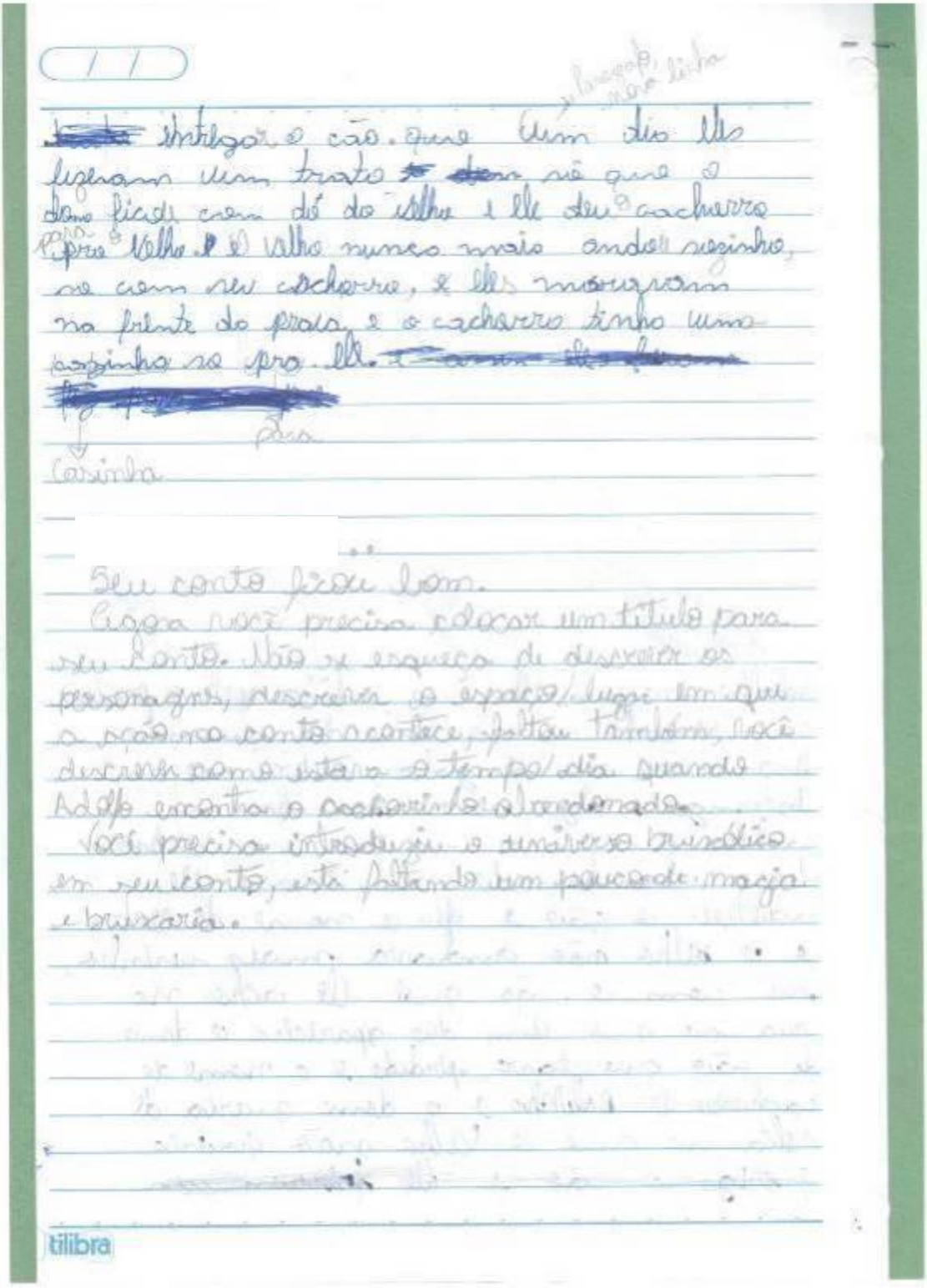
Ele quem?

Adolfo era um velho que andava pelas praias com uma bengala na mão. Certo dia, quando levantava sua bengala, ouviu-se um estrongo e algo se mexeu. Era um cachorro que estava na Rua e o cachorro estava abandonado na Rua e ele adotou o cão e deu o nome de Rest. e o velho não andava mais sozinho, só com o cão que ele achou na rua. (~~no que~~) Um dia apareceu o dono do cão que estava perdido, e o nome do cachorro era Bolinho e o dono queria de volta, so que o velho não queria ~~entrego o cão e ele [illegible]~~

tilibra

29

[29] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Frente)



Seu conto ficou bom.
Agora você precisa colocar um título para seu conto. Não se esqueça de descrever os personagens, descrever o espaço/lugar em que a ação no conto acontece, faltou também, você descrever como está o tempo/dia quando Adolfo encontra o cachorrinho abandonado.
Você precisa introduzir o universo bruxólico em seu conto, está faltando um pouco de magia e bruxaria.

tilibra

30

[30] Produção de conto com as indicações para a reescrita de um dos alunos da turma de estágio. (Verso)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 11 e 12- 2h/a (18/06/2015- Quinta- feira- 13:30h às 15:00h)

Tema: Leitura-estudo do conto: "O conto dos três irmãos", de J.K. Rowling.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Reconhecer o conto como um gênero que circula socialmente, compreendendo suas especificidades pela leitura e interpretação do texto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling.

1.2. Objetivos Específicos

Identificar as características do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling e os elementos que constituem esse gênero pela análise de recursos discursivos, textuais, estilísticos e linguísticos empregados pela autora J.K. Rowling no texto "O Conto dos Três Irmãos";

Aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise das especificidades que constituem um determinado gênero do discurso como o conto;

Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa de vídeo com uma cena da saga "Harry Potter", relativa ao conto "O Conto dos Três Irmãos";

Estabelecer a relação entre a cena do vídeo na qual a personagem Hermione faz a leitura do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling e o conto analisado na aula anterior.

2. Conhecimentos abordados

Leitura-estudo de conto;
Interpretação do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J. K. Rowling;
Forma de composição do gênero conto: recursos discursivos, textuais, estilísticos, linguísticos;
Elementos que constituem uma narrativa, como o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho;
Intertextualidade.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora fará a leitura do texto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling e passará uma cena da saga "Harry Potter", na qual a personagem Hermione lê "O Conto dos Três Irmãos". Em seguida, fará uma breve discussão do texto para verificar a compreensão dos alunos. (20 minutos)

A professora fará uma retomada das características do enredo ou momentos da narrativa e os elementos que constituem o gênero conto. Em seguida, entregará uma atividade para realizarem em sala. (1h:05min)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Conto impresso;
Crânio de plástico;
Chapéu de papelão;
Varinha de reciclável;
Pedra da ressureição de reciclável;
TV / Projetor Multimídia;
Notebook.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Interesse dos alunos durante a explicação do conteúdo, considerando o levantamento de questões ou comentários e as respostas aos questionamentos da professora;
b) Atenção ao assistir ao vídeo pela postura de escuta atenta e ativa;
c) Registro das anotações no caderno.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ROWLING, J. K. "O Conto dos Três Irmãos". In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.p.03

Vídeo: Harry Potter e as Relíquias da Morte- Parte I- cena “O Conto dos Três Irmãos”. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=38Qie_cxQqM> Acesso em: 27de abril de 2015.

Anexo 1 – O conto dos três irmãos

E.B.M. Beatriz de Souza Brito

Professora: Maria José Torresan Candido

Turma: 72

Aluno(a): _____

5

O Conto dos Três Irmãos

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado.

E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levara. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.

Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho.

Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela.

Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.

GLOSSÁRIO:

Arrebatara: furtara; raptara; roubara.
Assombrados: Atônito; espantado; admirado.***Astuta****:* indivíduo que consegue o que deseja com esperteza.
Combativo: Predisposto ao combate; agressivo.
Despiu: Tirar do corpo (a roupa).
Desposar: Casar**.**
Entrementes: Num determinado período de tempo.
Gabou: elevou; elogiou; vangloriou.
Precoce*:* Prematuro; amadureceu antes do tempo.
Ressuscitar: Fazer voltar da morte à vida.
Restituir: Devolver o que foi tomado ou o que se possui indevidamente.
Sorrateiramente: Feito às escondidas
Tortuosa: Cujas curvas ou linhas são tortas; que não é reto; retorcido; torto ou sinuoso (estrada tortuosa).
Vadear: Atravessar (o rio) a vau.
Versados: Perito; entendido.
Vetusto: Velho**.**

ROWLING, J. K. “O Conto dos Três Irmãos”. In: ROWLING, J. K. **Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.p.03

Anexo 2 – Recursos didáticos relativos ao tema do conto

[31]

[31] Aula expositivo-dialogada para retomada dos elementos que compõem um texto narrativo como o conto, tomando como referência o conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling.

Anexo 3 – Aula expositivo-dialogada

[32]

[32] Aula expositivo-dialogada para retomada dos elementos que compõem um texto narrativo como o conto, tomando como referência o conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling, e exibição de cena recortada da saga "Harry Potter".

Anexo 4 – Roteiro de leitura – O conto dos três irmãos.

E.B.M. Beatriz de Souza Brito[33]
Turma: 72
Aluno(a): _____

1- O que a Morte esperava que acontecesse aos viajantes que percorressem o caminho onde ela se encontrava?

2- Qual foi o desejo que a morte concedeu a cada um dos irmãos?

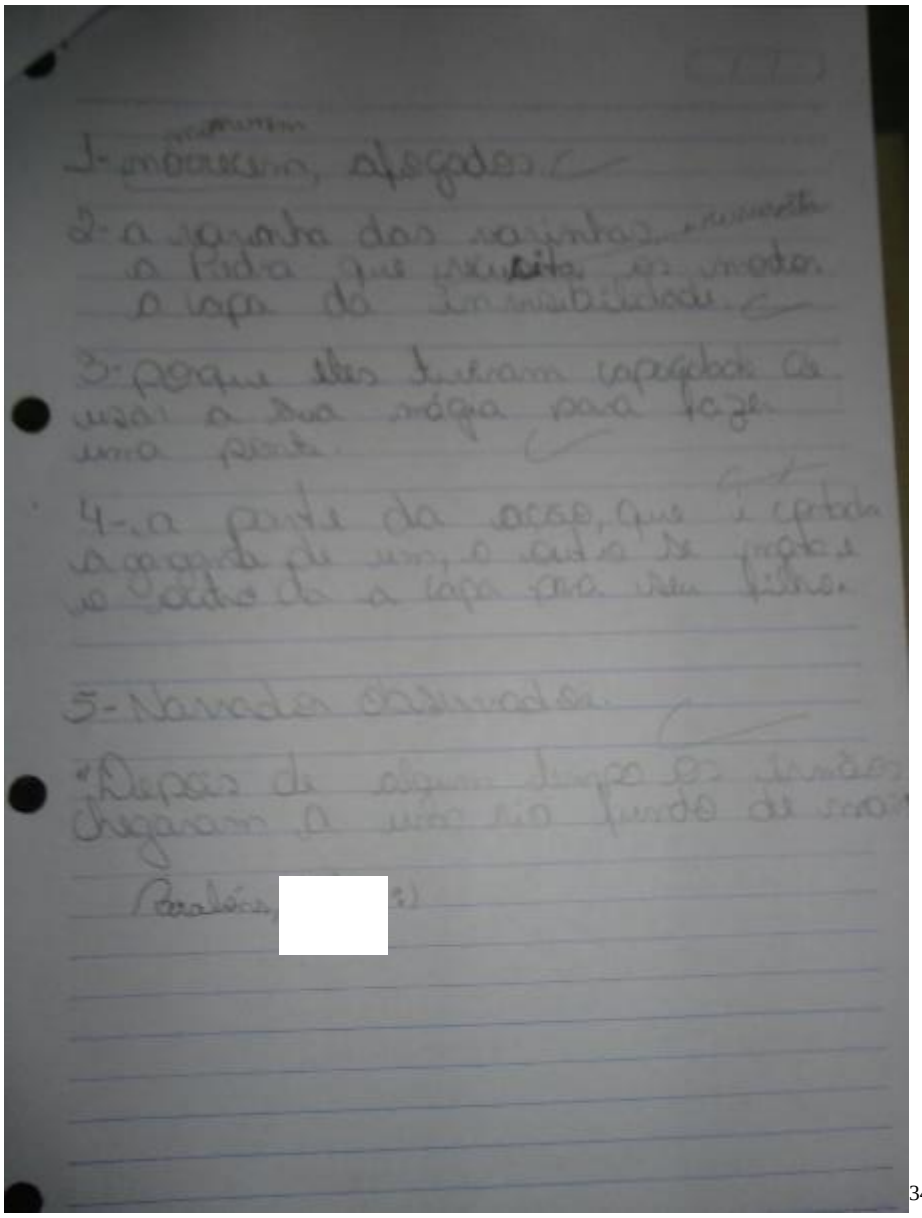
3- Por que a Morte concedeu para cada um dos irmãos um desejo?

4- Qual o momento de maior tensão presente no conto dos Três Irmãos?

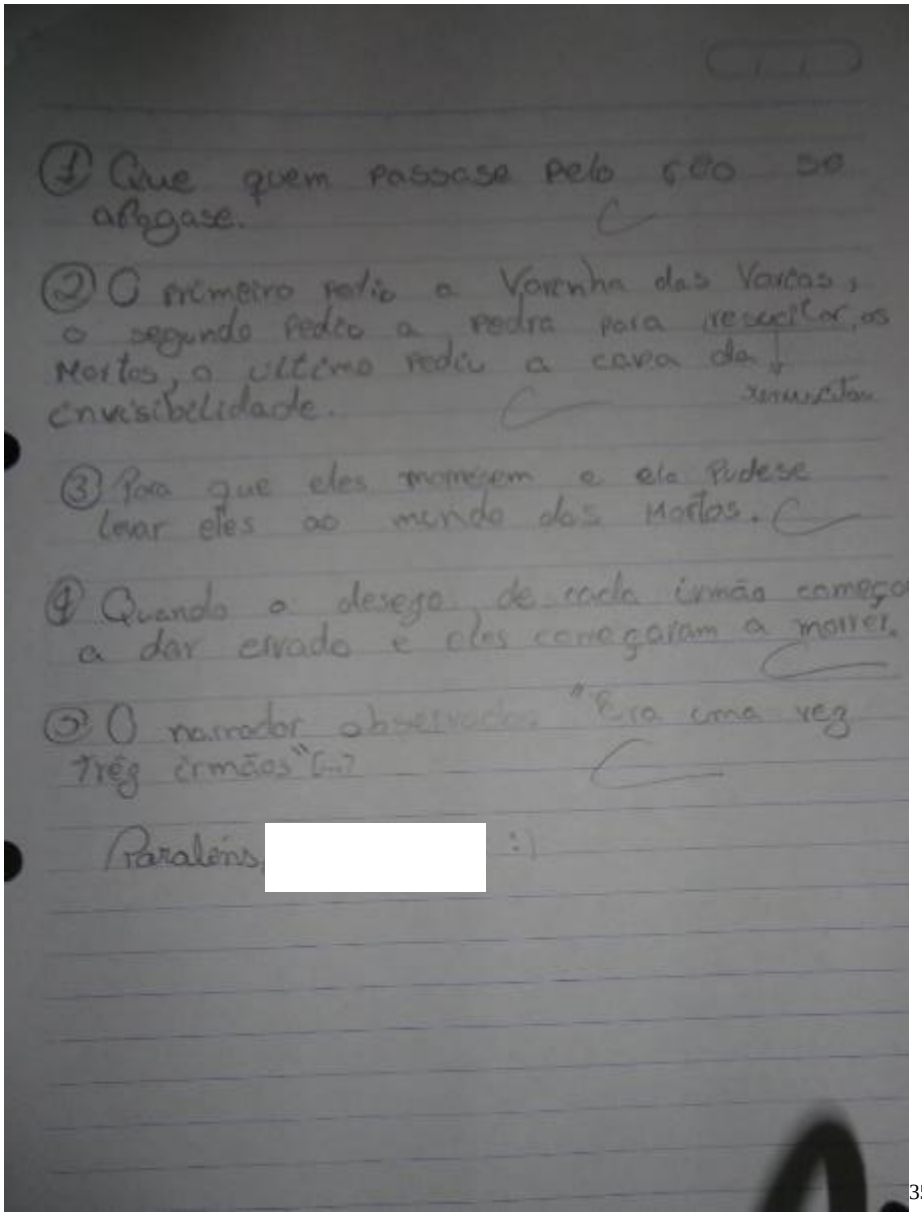
5- Qual é o tipo de narrador do conto dos Três Irmãos? Cite passagens do texto que exemplifiquem.

[33] Terceira atividade desenvolvida pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

Anexo – Resposta do aluno ao roteiro de leitura: O conto dos três irmãos.

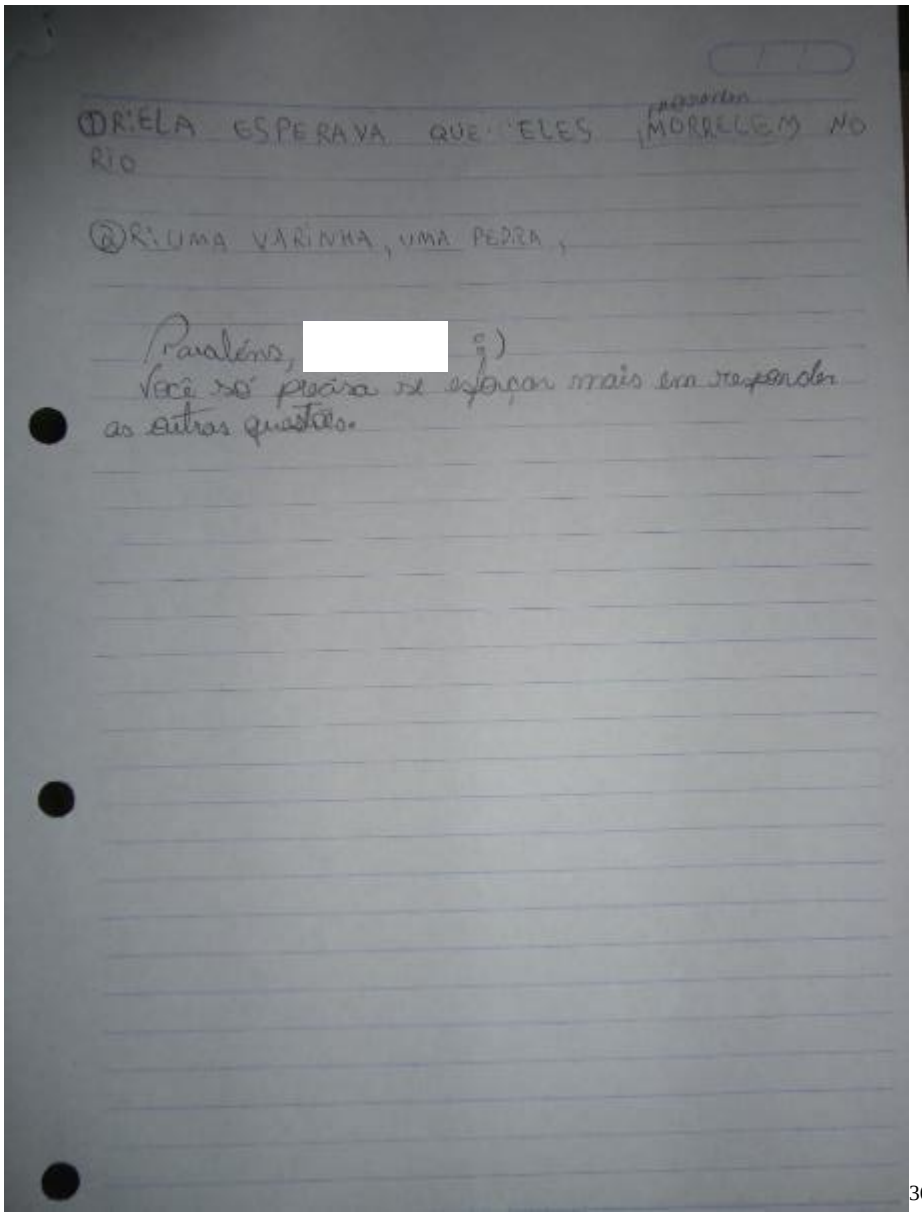
 [34]

[34] Terceira atividade de interpretação do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K.Rowling realizada por um aluno da turma de estágio.



[35]

[35] Terceira atividade de interpretação do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K.Rowling realizada por um aluno da turma de estágio.



[36]

[36] Terceira atividade de interpretação do conto "O Conto dos Três Irmãos", de J.K.Rowling realizada por um aluno da turma de estágio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 13- 45min. (22/06/2015- Segunda- feira- 15:00h às 15:45h)

Tema: Análise linguística e refacção dos contos.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Reescrever o conto elaborado no dia 16/06/2015, considerando as indicações das professoras estagiárias, de modo a adequar o texto ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

1.2 Objetivos Específicos

Analisar os recursos discursivos, textuais, estilísticos e linguísticos empregados na própria produção, com base nas indicações das professoras estagiárias;

Aprimorar a 1ª versão do conto, considerando a adequação dos elementos que constituem o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador; e as características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho;

Sanar dúvidas acerca das anotações das professoras-estagiárias na 1ª versão da primeira produção textual.

2. Conhecimentos abordados

Análise linguística com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos alunos;
Recursos discursivos, textuais, estilísticos, linguísticos;
Elementos que constituem uma narrativa, como o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho.

3. Metodologia

Na primeira aula, a professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, a professora estagiária passará no quadro a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora estagiária fará uma exposição com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos alunos para contribuir na reescrita da 1ª versão do conto. (20 minutos)

Em seguida, a professora estagiária irá orientar os alunos na refacção dos contos que serão entregues na mesma aula. (20 minutos)

As professoras estarão circulando pela sala para auxiliar os alunos.

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Materiais: caderno, lápis, borracha, caneta, corretivo;
Contos impressos.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Atenção para os apontamentos feitos pelas professoras estagiárias com base nas necessidades evidenciadas nas produções;
b) Reescrita de seu texto atentando para os apontamentos feitos pelas professoras estagiárias, de modo a melhor adequá-lo ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 14- 45min. (23/06/2015- Terça- feira- 13:30h às 14:15h)

Tema: Refacção dos contos.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Reescrever o conto elaborado no dia 16/06/2015, considerando as indicações das professoras estagiárias, de modo a adequar o texto ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

1.2 Objetivos Específicos

Analisar os recursos discursivos, textuais, estilísticos e linguísticos empregados na própria produção, com base nas indicações das professoras estagiárias;

Aprimorar a 1ª versão do conto, considerando a adequação dos elementos que constituem o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador; e as características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho;

Sanar dúvidas acerca das anotações das professoras-estagiárias na 1ª versão da primeira produção textual.

2. Conhecimentos abordados

Análise linguística com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos alunos;
Recursos discursivos, textuais, estilísticos, linguísticos;
Elementos que constituem uma narrativa, como o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho.

3. Metodologia

Na primeira aula, a professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, a professora estagiária passará no quadro a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora estagiária continuará orientando os alunos na refacção dos contos que serão entregues na mesma aula. (40 minutos)

As professoras estarão circulando pela sala para auxiliar os alunos.

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Materiais: caderno, lápis, borracha, caneta, corretivo;
Contos impressos.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Reescrita de seu texto atentando para os apontamentos feitos pelas professoras estagiárias, de modo a melhor adequá-lo ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 15 e 16- 2h/a. (25/06/2015- Quinta-feira- 13:30h às 15:00h)

Tema: Continuação da refacção dos contos.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Reescrever o conto elaborado no dia 16/06/2015, considerando as indicações das professoras estagiárias, de modo a adequar o texto ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

1.2 Objetivos Específicos

Analisar os recursos discursivos, textuais, estilísticos e linguísticos empregados na própria produção, com base nas indicações das professoras estagiárias;

Aprimorar a 1ª versão do conto, considerando a adequação dos elementos que constituem o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador; e as características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho;

Sanar dúvidas acerca das anotações das professoras-estagiárias na 1ª versão da primeira produção textual.

2. Conhecimentos abordados

Análise linguística com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos alunos;
Recursos discursivos, textuais, estilísticos, linguísticos;
Elementos que constituem uma narrativa, como o gênero conto: personagens, espaço, tempo, enredo (ações) e narrador;
Características do enredo ou momentos da narrativa: situação inicial, conflito, clímax do conflito e desfecho.

3. Metodologia

Na primeira aula, a professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, a professora estagiária passará no quadro a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora estagiária continuará orientando os alunos na refacção dos contos que serão entregues na mesma aula. (1h25min)

As professoras estarão circulando pela sala para auxiliar os alunos.

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro;
Caneta para quadro branco;
Materiais: caderno, lápis, borracha, caneta, corretivo;
Contos impressos.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Reescrita de seu texto atentando para os apontamentos feitos pelas professoras estagiárias, de modo a melhor adequá-lo ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

6. Referências

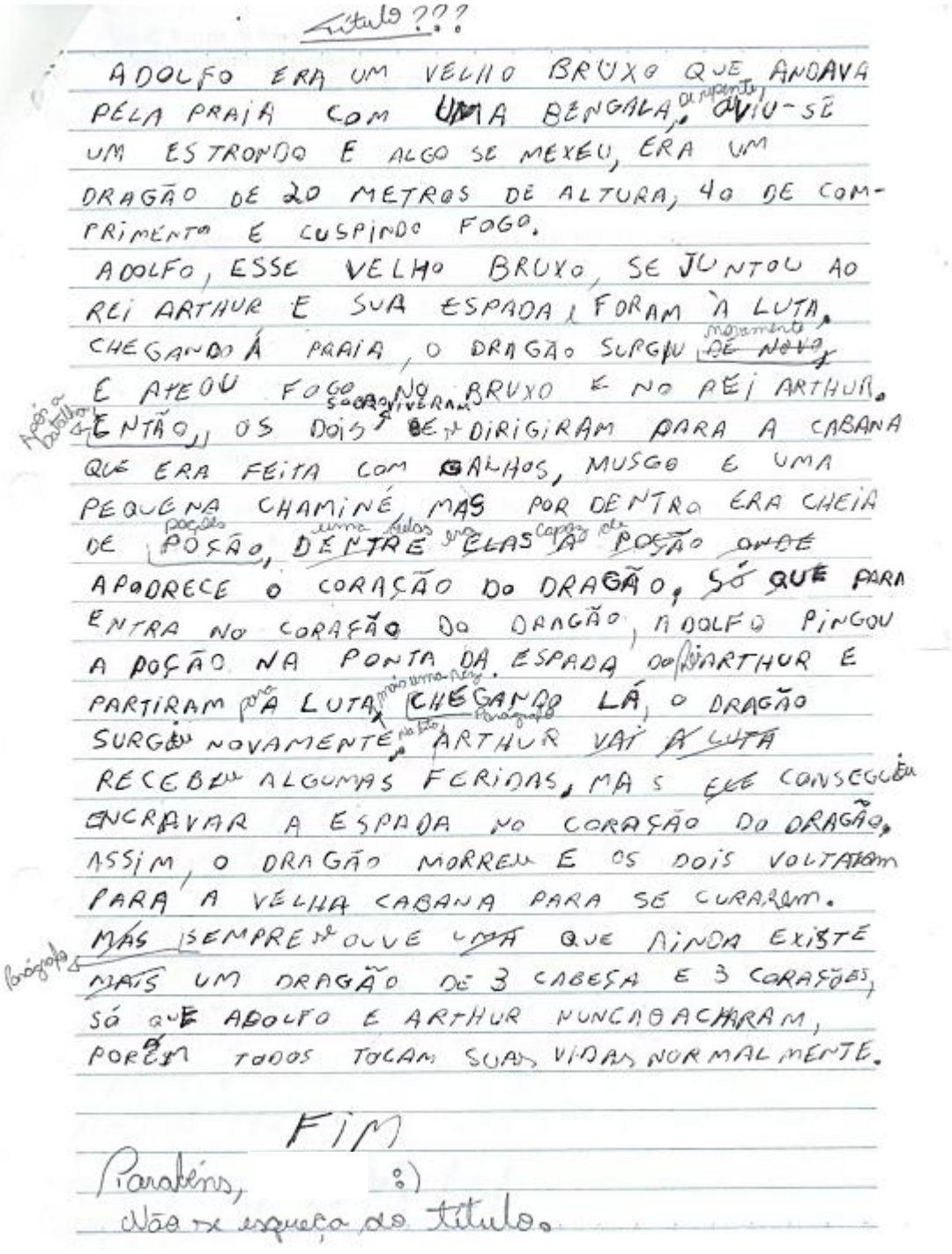
ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Anexo 1 – Contos reescritos pelos alunos



Título ???

ADOLFO ERA UM VELHO BRUXO QUE ANDAVA PELA PRAIA COM UMA BENGALA, de repente, OUVIU-SE UM ESTRONDO E ALGO SE MEXEU, ERA UM DRAGÃO DE 20 METROS DE ALTURA, 40 DE COMPRIMENTO E CUSPINDO FOGO.

ADOLFO, ESSE VELHO BRUXO, SE JUNTOU AO REI ARTHUR E SUA ESPADA, FORAM À LUTA, CHEGANDO À PRAIA, O DRAGÃO SURGIU ~~DE NOVO~~ novamente, E ATEOU FOGO NO BRUXO E NO REI ARTHUR.

Após a batalha ENTÃO, OS DOIS SOBREVIVERAM DIRIGIRAM PARA A CABANA QUE ERA FEITA COM GALHOS, MUSGO E UMA PEQUENA CHAMINÉ, MAS POR DENTRO ERA CHEIA DE POÇÃO, poções DENTRE uma delas era ELAS capaz de A POÇÃO ONDE APODRECE O CORAÇÃO DO DRAGÃO, SÓ QUE PARA ENTRA NO CORAÇÃO DO DRAGÃO, ADOLFO PINGOU A POÇÃO NA PONTA DA ESPADA DO REI ARTHUR E PARTIRAM para A LUTA, mais uma vez. CHEGANDO LÁ, O DRAGÃO SURGIU NOVAMENTE, na luta. Parágrafo ARTHUR VAI ~~A LUTA~~ RECEBEU ALGUMAS FERIDAS, MAS ELE CONSEGUIU ENCRAVAR A ESPADA NO CORAÇÃO DO DRAGÃO, ASSIM, O DRAGÃO MORREU E OS DOIS VOLTARAM PARA A VELHA CABANA PARA SE CURAREM.

Parágrafo MAS SEMPRE OUVE UMA QUE AINDA EXISTE MAIS UM DRAGÃO DE 3 CABEÇA E 3 CORAÇÕES, SÓ QUE ADOLFO E ARTHUR NUNCA ACHARAM, PORÉM TODOS TOCAM SUAS VIDAS NORMALMENTE.

FIM

Parabéns, :)

Não se esqueça do título.

[37]

[37] Refacção da produção do conto realizada por um aluno da turma de estágio.

O Grande Tesouro

Era uma vez, dois irmãos gêmeos bivitelinos e órfãos, o que nasceu primeiro era ágil, abilidoso e desleixado, vestia o que lhe era conveniente, o mais novo era educado, inteligente e elegante. Os dois estavam atrás de um tesouro de uma lenda um pouco antiga, ~~essa era a lenda:~~

A lenda era de um tesouro encantado, enterrado em uma cidade antiga que flutuava pelos céus.

Em outra geração, muitas pessoas haviam saído com balões, aviões, etc. Várias perderam suas vidas porque era sempre uma gerra nos céus. Para gerrear, eles usavam espadas e outras armas brancas, porque se não não fosse assim, danificariam as outras pessoas ~~(em)~~ na terra.

Bell, o mais velho, e seu irmão Klein, quando cresceram, montaram uma nave que era como um navio voador. E saíram voando de sua cidadesinha natal ~~(que n)~~. A cidade não tinha quase nada, apenas fazendas e casas. Parágrafo Quando chegaram à cidade que flutuava pelos céus, ~~lá em cima~~, viram que não havia ninguém, isso não foi bem uma surpresa, eles sabiam que haveria pouca gente, ~~todos~~ muitos já haviam morrido, outros estavam com medo. Parágrafo Assim que os dois ~~(saíram)~~ irmãos saíram a caça ao tesouro, eles se depararam com um mago, que usava trapos ao invés de roupas e parecia que não tomava banho a semanas. Eles sabiam que isso era Encrenca, então tentaram fugir, mas o mago os pucou com sua magia, e, assim, deu-se início ~~começou~~ uma batalha entre os dois irmãos e o mago. Parágrafo O mago sempre mantinha uma distância entre as duas naves, assim Bell e

tilibra

38

[38] Refacção da produção do conto realizada por um aluno da turma de estágio (Frente).

Klein não podiam atacar, só desviar dos feitiços do mago lançados por uma varinha, os dois irmão desviavem e se escondiam, mas o mago descobria onde eles estavam e atacava. Até que Klein teve uma ideia e contou a Bell, que ás suas ordens pegou um pedaço de madeira e o jogou na varinha do mago, por sorte ele conseguiu acertar o mago que ficou sem poderes porque sua varinha havia caído em sua nave, mas longe o suficiente para os irmãos invadirem sua nave e matarem o elle.

Klein que havia matado o mago ficou, por direito, como herdeiro dela. Os dois irmãos vasculharam a nave do inimigo por inteira, por todos os lados e acharam vários baús com moedas de ouro e ~~(roubo)~~ pegaram para eles a nave o mago, ~~(e vo)~~ ~~então~~ e voltaram para sua cidade, e viveram ali humildemente ajudando quem precisava.

E até hoje, ninguém sabe se o grande tesouro lendario existe mesmo.

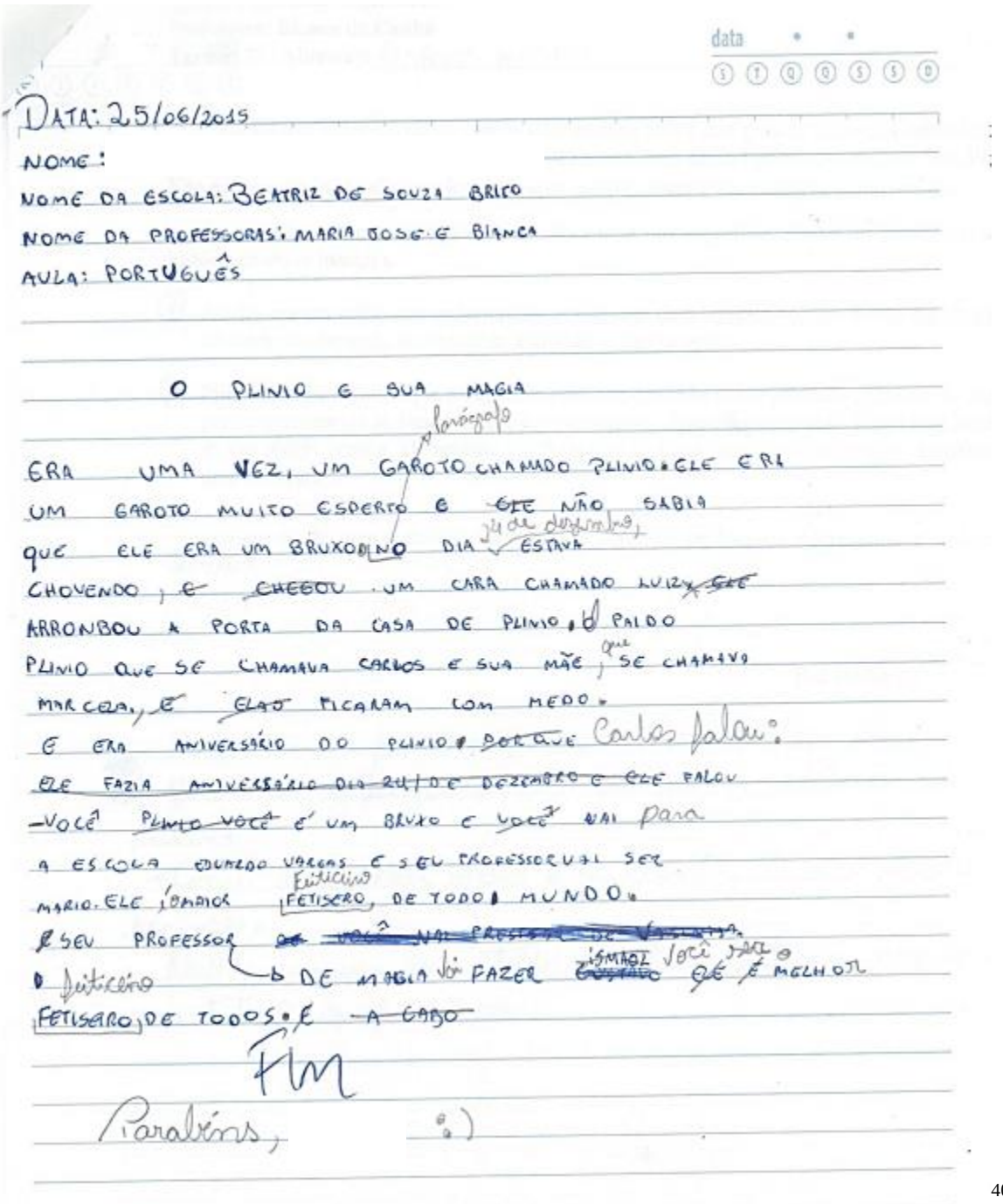
Parabéns, :)

tilibra

39

[39] Refacção da produção do conto realizada por um aluno da turma de estágio (Verso).

data



DATA: 25/06/2015

NOME:

NOME DA ESCOLA: BEATRIZ DE SOUZA BRITO

NOME DA PROFESSORAS: MARIA JOSE E BIANCA

AULA: PORTUGUÊS

O PLINIO E SUA MAGIA

parágrafo

ERA UMA VEZ, UM GAROTO CHAMADO PLINIO. ELE ERA UM GAROTO MUITO ESPERTO E ~~ELE~~ NÃO SABIA QUE ELE ERA UM BRUXO NO DIA 24 de dezembro, ESTAVA CHOVENDO, ~~E~~ ~~CHEGOU~~ UM CARA CHAMADO LUIZ ~~ELE~~ ARRONBOU A PORTA DA CASA DE PLINIO, O PAIDO PLINIO QUE SE CHAMAVA CARLOS E SUA MÃE, que SE CHAMAVA MARCELA, ~~E~~ ~~ELAS~~ FICARAM COM MEDO.

E ERA ANIVERSÁRIO DO PLINIO ~~PORQUE~~ Carlos falou:

~~ELE FAZIA ANIVERSÁRIO DIA 24/DE DEZEMBRO E ELE FALOU~~

-VOCÊ ~~PLINIO VOCÊ~~ É UM BRUXO E ~~VOCÊ~~ VAI para A ESCOLA EDUARDO VARGAS E SEU PROFESSOR VAI SER MARIO. ELE ÍSMAIOR Feiticeiro FETISERO, DE TODO MUNDO.

~~E~~ SEU PROFESSOR ~~VOCÊ VAI PRESTAR DE VASCULAR~~

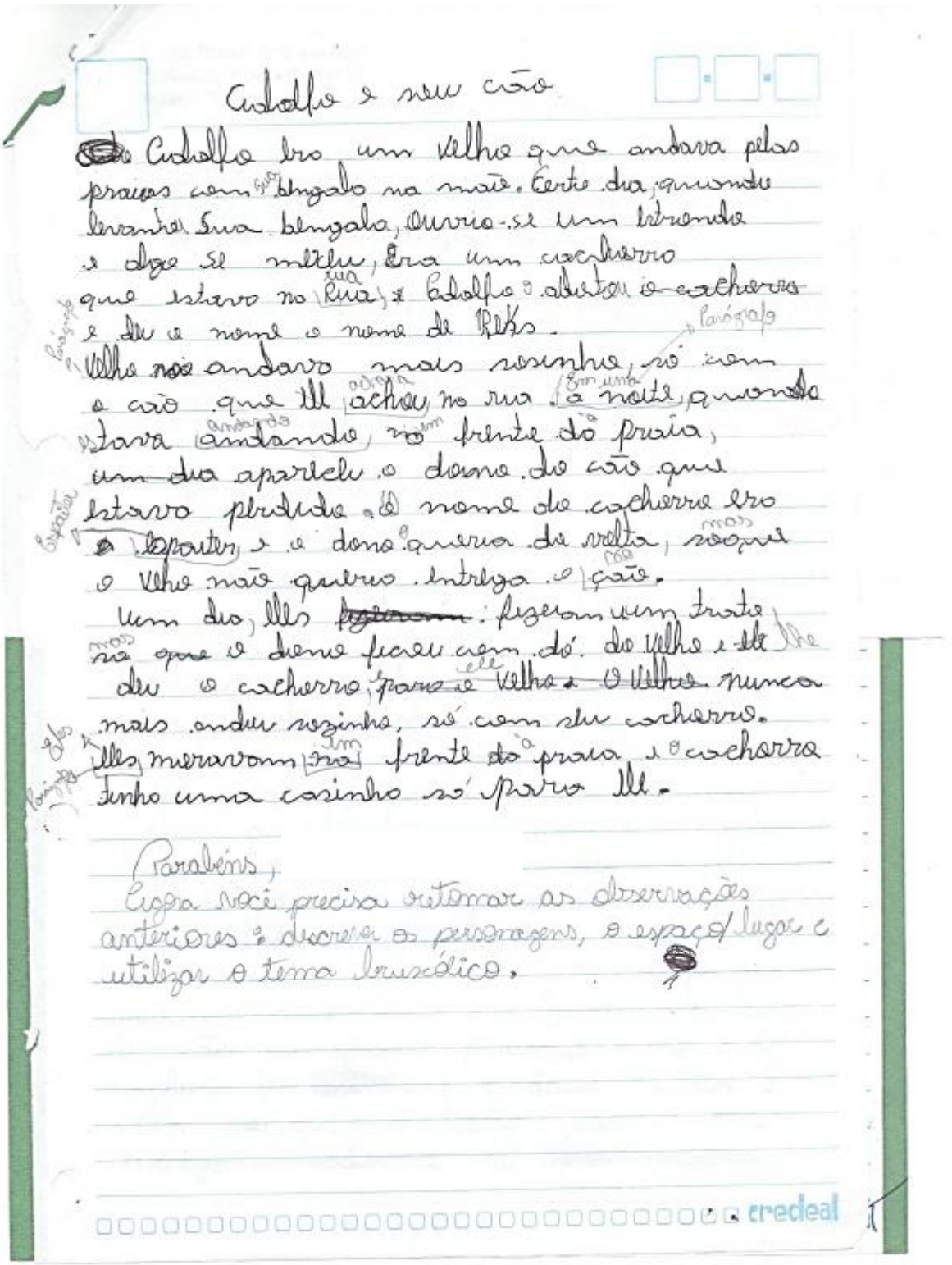
feiticeiro → DE MAGIA vai FAZER ~~GUSTAVO~~ ÍSMAOL você será o ~~ELE~~ É MELHOR FETISERO, DE TODOS. ~~E~~ ~~A CABO~~

FIM

Parabéns, :)

40

[40] Refacção da produção do conto realizada por um aluno da turma de estágio.



Adolfo e seu cão

Adolfo era um velho que andava pelas praias com sua bengala na mão. Certo dia, quando levantou sua bengala, ouvio-se um estrondo e algo se mexeu, era um cachorro que estava na rua, e Adolfo o adotou ~~o cachorro~~ e deu o nome o nome de Reks.

Parágrafo

Velho ~~não~~ andava mais sozinho, só com o cão que ele achou na rua. Em uma noite, quando estava andando, ~~no~~ em frente da praia, ~~um dia~~ apareceu o dono do cão que estava perdido. O nome do cachorro era Espaiter, e o dono queria de volta, mas ~~so que~~ o velho não queria entrega o cão.

Um dia, eles ~~fizeram~~ fizeram um trato, mas ~~so que~~ o dono ficou com dó do velho e ele lhe deu o cachorro, ~~para o velho e o velho~~ nunca mais andou sozinho, só com seu cachorro.

Eles moravam ~~na~~ em frente da praia e o cachorro tinha uma casinha só para ele.

Parabéns,

Agora você precisa retomar as observações anteriores: descrever os personagens, o espaço/lugar e utilizar o tema bruxólico.

credeal

41

[41] Refacção da produção do conto realizada por um aluno da turma de estágio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 17- 45min. (29/06/2015- Segunda-feira- 15:00h às 15:45h)

Tema: Oficina sobre fanzine.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Conhecer a função social e a forma de composição dos fanzines pela análise de diferentes exemplares desta revista.

1.2. Objetivos Específicos

Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa da exposição sobre a origem, história e características dos fanzines;

Reconhecer o fanzine como um suporte de diferentes gêneros que circula socialmente, considerando sua função social e forma de composição;

Identificar as características do fanzine pela análise de diferentes exemplares desta revista;

Pesquisar sobre tipos/modelos de fanzines para tê-los como referência para a produção a ser realizada na próxima aula.

2. Conhecimentos abordados

Fanzine: função social e forma de composição;
Tipos de fanzines;
Prática de escuta;
Pesquisa na internet.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, a professora estagiária passará no quadro a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

Após a acomodação dos alunos, a professora estagiária abrirá o PowerPoint para dar início à aula apresentando aos alunos sobre o fanzine, sua origem e características. (30 minutos)

Ao término da explicação, será entregue para os alunos alguns modelos impressos de fanzine e a professora perguntará aos alunos o que acharam desta revista e se possuem alguma dúvida em relação a sua explicação. (10 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

TV / Projetor Multimídia;
Notebook;
Internet;
Materiais: caderno, lápis, borracha, caneta, corretivo;
Fanzines impressos.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Comprometimento e participação na aula pela postura de escuta atenta e ativa na exposição sobre a história dos fanzines, manifestada por questões sobre o tema e nas respostas aos questionamentos da professora estagiária;
b) Interesse e envolvimento na pesquisa de modelos de fanzines.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.
____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Clube do Livro de Satolep, Google. Disponível em: <https://clubedolivrodesatolep.wordpress.com/2013/12/01/afinal-o-que-sao-fanzines/> Acesso: 15 de abril de 2015.

JWAVE, Google. Disponível em: <http://www.jwave.com.br/2011/01/com-fazer-um-fanzine.html> Acesso: 15 de abril de 2015.

Em diálogo, Google. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/content/fanzine-na-educacao> Acesso: 15 de abril de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 18- 45min. (30/06/2015- Terça-feira- 13:30h às 14:15h)

Tema: Produção de fanzines para socialização dos contos produzidos.

1. Objetivos

1.1 Objetivo Geral

Produzir um fanzine com o conto produzido em aulas anteriores, considerando a função social e a forma de composição desta revista como suporte de divulgação de textos de diferentes gêneros.

1.2 Objetivos Específicos

Desenvolver a criatividade na elaboração do fanzine para divulgação do conto produzido em aulas anteriores;

Estabelecer a relação entre texto e imagem na produção do fanzine.

2. Conhecimentos abordados

Leitura do conto;
Produção do fanzine.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

Os alunos deverão organizar-se individualmente em suas carteiras, para que a professora possa dar início à explicação da atividade referente à produção de fanzines. (10 minutos)

Após a explicação da atividade, a professora entregará aos alunos os materiais necessários para a produção do fanzine. Os alunos deverão produzir o fanzine tendo o conto produzido em aulas anteriores como o texto referência. (30 minutos)

No término da aula, os alunos deverão entregar os fanzines para terminarem na próxima aula.

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro branco;
Caneta para quadro branco;
Fotocópias dos contos;
Câmera fotográfica (fotos para publicação no relatório de estágio de docência);
Revistas e jornais;
Folha branca A4;
Materiais escolares: Tesoura, cola, lápis de cor, caneta hidrocor, régua, lápis de escrever, borracha, caneta esferográfica, etc.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Adequação ao gênero;
b) Criatividade na elaboração do fanzine.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Fanzine, Clube do Livro de Satolep. Disponível em: <https://clubedolivrodesatolep.wordpress.com/2013/12/01/afinal-o-que-sao-fanzines/> Acesso: 15 de abril de 2015.

Fanzine, JWAVE. Disponível em: <http://www.jwave.com.br/2011/01/com-fazer-um-fanzine.html> Acesso: 15 de abril de 2015.

Fanzine, Em diálogo. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/content/fanzine-na-educacao> Acesso: 15 de abril de 2015.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Anexo 1 – Produção de fanzine pelos alunos

[42]

[42] Produção de fanzines pelos alunos para socialização em sala de aula.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
E.B.M Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Ano: 7º - Turma: 72

Plano de aula 19 e 20- 2h/a. (02/07/2015 – Quinta-feira- 13:30h às 15:00h)

Tema: Apresentação com exposição dos fanzines e encerramento da docência.

1. Objetivos

1.1. Objetivo Geral

Socializar os contos e os fanzines produzidos, oralmente, e em varal a ser organizado na sala de aula.

1.2. Objetivos Específicos

Atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa das apresentações dos fanzines;

Expressar-se oralmente com clareza, fluência e entonação na apresentação do fanzine ao grande grupo;

Avaliar a experiência do estágio de docência expressando sua opinião acerca dos temas, das atividades desenvolvidas e da postura e atitude das professoras estagiárias.

2. Conhecimentos abordados

Fala/Escuta;
Expressividade, fluência, clareza na socialização dos fanzines;
Respeito ao outro e a suas produções.

3. Metodologia

A professora estagiária responsável pela aula irá organizar os alunos na sala para dar início à aula. Após este momento inicial, ela irá escrever no quadro branco a proposta de atividade para o dia. (05 minutos)

A professora irá orientar os alunos para se organizarem em círculo para dar início à apresentação dos fanzines. Cada aluno irá pendurar seus fanzines no varal da sala organizado pelas professoras estagiárias. (45 minutos)

Ao término da socialização, as professoras farão o encerramento da docência com um *coffee break*. (40 minutos)

Durante esta aula, a professora estagiária que não é responsável pela aula fará a chamada.

4. Recursos:

Quadro branco;
Caneta para quadro branco;
Câmera fotográfica (fotos para publicação no relatório de estágio de docência);
Fanzines produzidos pelos próprios alunos;
Barbante;
Fita;
Joaninha;
Prendedores.

5. Avaliação:

Os alunos serão avaliados com base nos seguintes aspectos:

a) Clareza, coerência e expressividade durante a apresentação oral;
b) Colaboração no decorrer das apresentações através da prática da escuta.

6. Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 3ª. ed. São Paulo: Ática, 2000.

____. Portos de passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Anexo 1 – Socialização oral dos fanzines

[43]

[43] Socialização das produções dos fanzines realizados pelos alunos da turma de estágio.

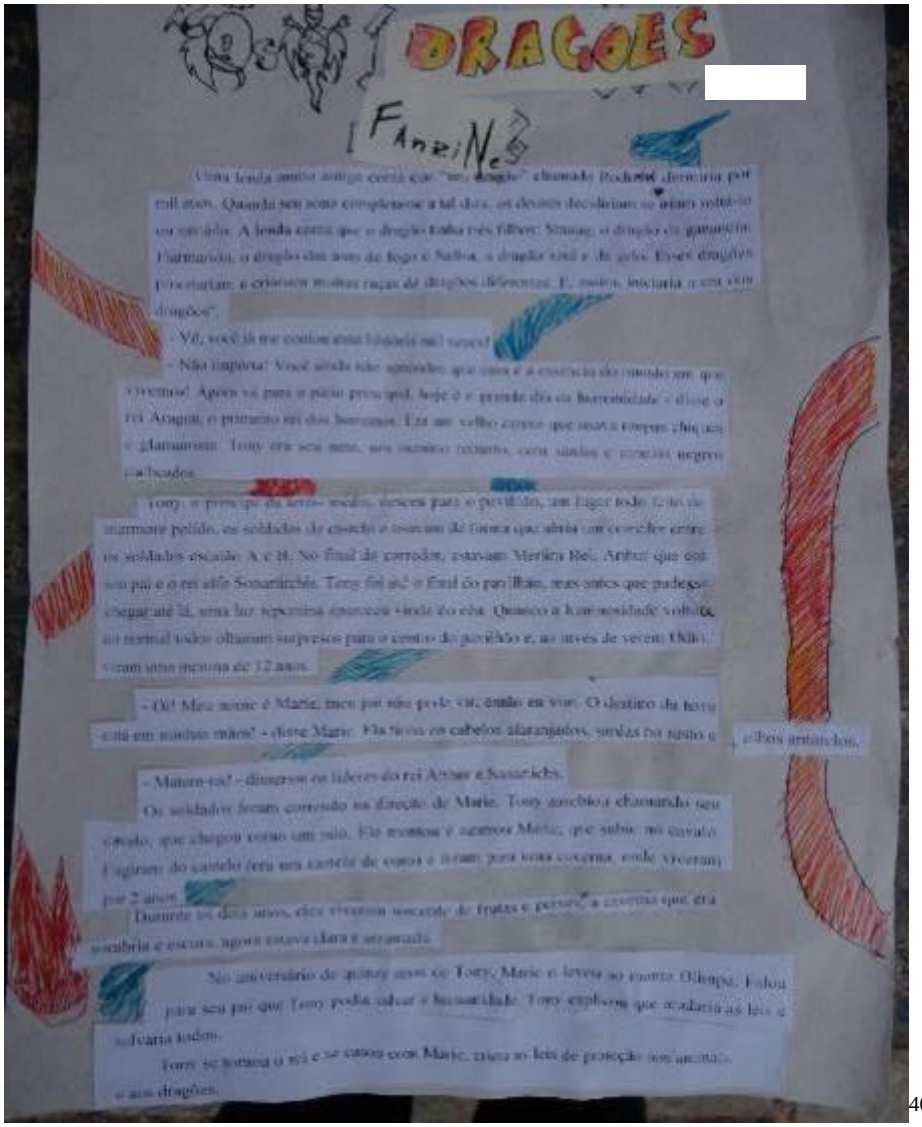
Anexo 2 – Fanzines produzidos pelos alunos

[44]

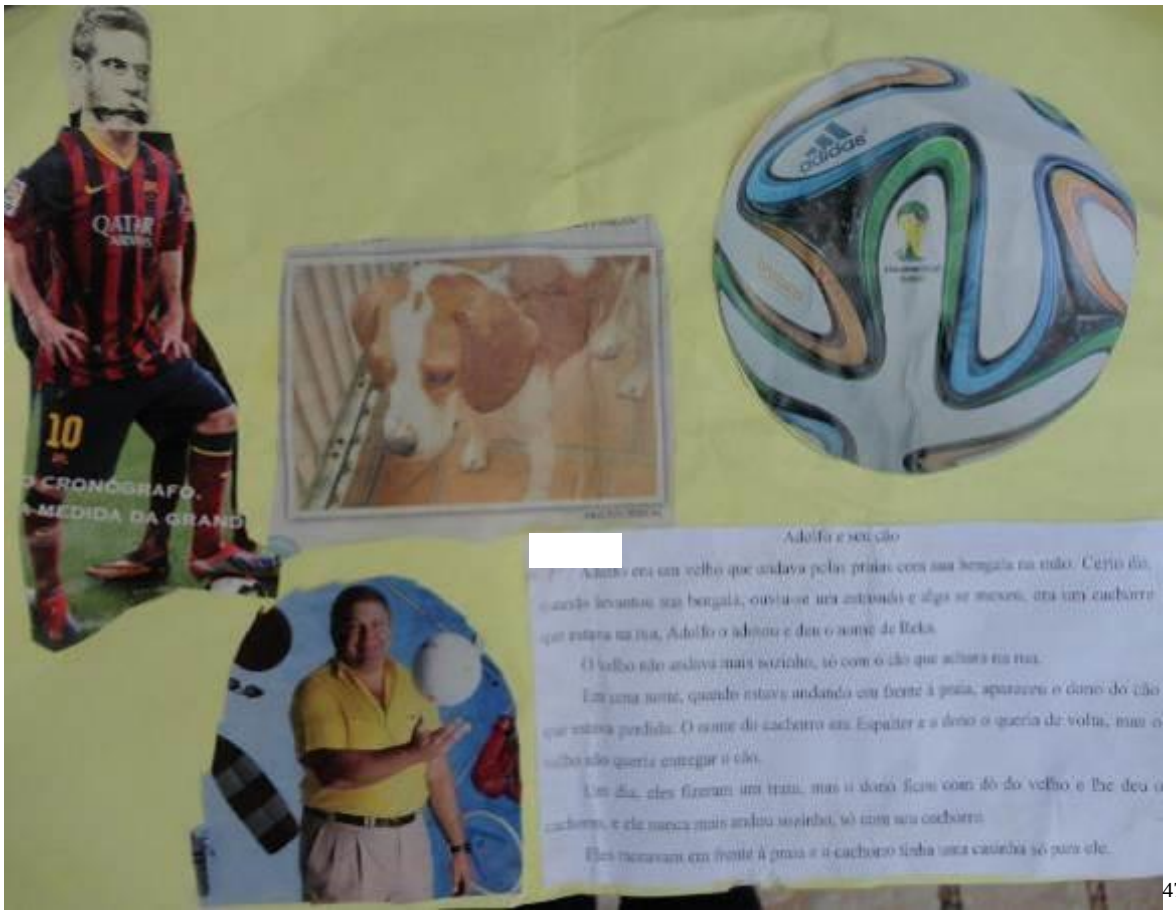
[44] Produção de fanzine desenvolvido por um aluno da turma de estágio (Frente e Verso).

[45]

[45] Produção de fanzine desenvolvido por um aluno da turma de estágio (Frente e Verso).


[46]

[46] Produção de fanzine desenvolvido por um aluno da turma de estágio.



[47]

[47] Produção de fanzine desenvolvido por um aluno da turma de estágio.

Anexo 3 – Texto de encerramento do estágio de docência

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Escola de Educação Básica Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia
Estagiárias responsáveis: Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido
Disciplina: Língua Portuguesa
Série: 7º ano - Turma: 72

Boa tarde turma,[48]

Chegou o momento da despedida. Hoje é nosso último dia de aula com a turma de vocês. Nós estivemos juntos por vinte aulas, nas quais aprendemos e ensinamos muitas coisas. Tínhamos o objetivo de ensiná-los sobre o gênero conto e consideramos que nosso objetivo foi alcançado. Além disso, gostaríamos de incentivá-los a ler, para isso, escolhemos uma temática que pudesse agradar grande parte da turma: o universo bruxólico. Os textos que usamos para as nossas aulas, na sua grande maioria, eram da escritora J.K.Rowling, a mesma da Saga Harry Potter. Durante nossas aulas fizemos leitura-fruição e leitura-estudo de contos. Houve aulas em que nós, professoras, sistematizamos o estudo do gênero conto. Propusemos atividades de interpretação e atividades sobre os elementos do gênero em estudo. Vocês produziram um conto e tiveram duas aulas de análise linguística com base nos trechos retirados das produções escritas por vocês. E, por último, produziram um fanzine. Esperamos ter contribuído de alguma forma com cada um de vocês. Agradecemos a oportunidade e o acolhimento e gostaríamos de dizer que foi um prazer fazer estágio na turma de vocês. ☺

Um abraço,
Bianca e Maria José.

[48] Texto de encerramento do estágio de docência desenvolvido pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

2.3 ANÁLISES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao refletir criticamente sobre o conjunto das aulas ministradas, acreditamos que nossa prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa foi ao encontro dos pressupostos teórico-metodológicos assumidos em nosso referencial teórico. Tentamos colocar em prática os pressupostos bakhtinianos sobre o dialogismo, a interação verbal e os gêneros discursivos, nas aulas.

Por meio de debates, após a leitura dos contos trabalhados, os alunos puderam expor seus conhecimentos a respeito da temática, dos autores dos contos lidos, da narrativa e dos elementos que compõem o gênero conto. Os alunos referenciaram outras narrativas com o mesmo tema e manifestaram sua compreensão acerca dos elementos do gênero conto com exemplos de outros livros. Tentamos valorizar os conhecimentos dos alunos, possibilitando que os mesmos participassem das aulas e desenvolvessem gosto pela leitura.

Além disso, buscamos fazer das produções de textos, elemento de interação entre os indivíduos e uma forma de atuação nos diversos espaços de comunicação. Tivemos um momento de socialização das produções textuais a partir dos fanzines, na qual, os alunos puderam narrar suas histórias. Também deixamos os fanzines expostos na sala para que outros alunos e professores pudessem ler as produções. A prática efetiva sobre o ensino da leitura empreendida em sala de aula por nós (estagiárias) contou com momentos efetivos de leitura de textos do gênero conto. Procuramos nos distanciar de qualquer prática denunciada pela autora Irandé Antunes como ineficaz. Não fizemos o estudo das nomenclaturas e classificações gramaticais se tornarem predominantes nas aulas de Língua Portuguesa, pois defendemos que não é deste modo que o aluno desenvolve e aprimora competências em leitura e escrita.

Sentimos dificuldade para avaliar as atividades realizadas pelos alunos a partir do que era pretendido. Mas, com muita orientação da professora de Estágio I, tentamos avaliar a apropriação da função social e da forma de composição do gênero conto pelos alunos, objetivo central de nosso trabalho. Além disso, consideramos o interesse e o envolvimento nas atividades propostas; o desempenho dos alunos no alcance dos objetivos estabelecidos, a cooperação dos alunos no momento de discussão dos textos, a proposição de questionamentos; o respeito aos professores e colegas; a clareza, coerência e expressividade durante a apresentação oral; a entrega das atividades.

Nós havíamos planejado dezoito aulas, mas devido à necessidade de maior tempo para os alunos finalizarem as refacções de suas produções textuais, e nossa, para concluir o Projeto de Docência como planejamos, optamos, em conversa com a nossa orientadora de estágio e com a profª regente da turma, por ministrar mais duas aulas. Durante a prática docente, muitas atividades que pretendíamos desenvolver com os alunos, não aconteceram no dia previsto. Além disso, conforme a dinâmica da turma, precisamos fazer trocas de planos de aula e exclusão de atividades. Muitas aulas precisaram ser remanejadas, pois esperávamos muito mais agilidade dos alunos em resolver as atividades e produzir os contos.

Muitos alunos se mostraram interessados com o nosso Projeto, outros não estavam completamente envolvidos. Mas, podemos dizer que todos contribuíram para que as aulas acontecessem. A seguir, relatamos mais detalhadamente como se desenvolveram as 20 aulas que estiveram sob nossa responsabilidade.

Iniciamos à docência no dia 11/05/2015, com a apresentação das estagiárias e do Projeto de Docência. A estagiária que não era responsável pela aula entregou aos alunos o texto de apresentação e a professora responsável escreveu no quadro a proposta de trabalho para o dia. A leitura do texto de apresentação aconteceu às 15h10min, nele detalhamos o que pretendíamos trabalhar no período de estágio. Após a apresentação do Projeto, a estagiária responsável deu início às atividades do dia convidando os alunos a sentarem-se em círculo para realizarem a leitura-fruição do conto *O Bruxo e o Caldeirão Saltitante,* de J.K. Rowling. Após este momento, a professora estagiária fez perguntas sobre o conto aos alunos, houve grande participação da turma. Muitos alunos expuseram suas interpretações sobre o conto e sugeriram uma moral para a história.

Após os apontamentos sobre o conto lido, a professora propôs aos alunos a criação coletiva de uma "poção mágica" para boas aulas e, aos poucos, os alunos foram indicando os elementos necessários para se ter boas aulas de Língua Portuguesa e de outras disciplinas, sendo eles: Silêncio; Cooperação; Respeito; Ouvir e Educação. Neste momento, também houve grande participação da turma. Alguns alunos não estavam tão envolvidos com esta atividade e fizeram algumas brincadeiras durante a elaboração da "poção". A estagiária que não era responsável pela aula realizou a chamada (apenas fazendo o registro no diário de classe da professora) enquanto os alunos participavam da elaboração da "poção mágica".

No dia 12/05/2015, as estagiárias se dirigiram para a sala faltando 15 minutos para o início da aula, nestes minutos escreveram no quadro a proposta de aula para o dia e os elementos elencados pelos alunos na aula anterior para a criação da "poção mágica" para se

ter boas aulas. Às 13h30min os alunos foram recebidos pela estagiária responsável e estavam um pouco agitados. Quando estavam todos sentados em seus lugares, a professora estagiária fez uma breve apresentação sobre o que os alunos teriam naquela aula e o que havia sido discutido na aula do dia 11/05/2015 referente a "poção mágica" para boas aulas. Depois disso, a estagiária instigou os alunos a continuarem elencando os ingredientes para a "poção mágica": Silêncio; Cooperação; Respeito; Ouvir; Educação; Professores preparados e Alunos dedicados. Após finalizarem a "poção", a professora pediu aos alunos que se sentassem em duplas para lerem os contos com temas bruxólicos. Ela avisou que após a leitura, eles realizariam uma atividade. Durante este momento da aula, muitos alunos estavam envolvidos com a leitura dos contos, poucos alunos não mostraram interesse com esta atividade.

A elaboração da "poção mágica" obteve muito tempo da aula e, por isso, os alunos não conseguiram concluir a atividade de leitura e interpretação dos contos entregues que estava programada para ser iniciada e concluída neste dia. A professora recolheu o conto e atividade para ser concluída na próxima aula. A estagiária que não era responsável pela aula fez a chamada durante a leitura dos contos. Este método de chamada ao final das aulas foi uma estratégia utilizada durante todas as nossas aulas.

No dia 14/05/2015, as estagiárias seguiram para a sala com meia hora de antecedência para escrever no quadro a proposta de aula para o dia, colar o cartaz sobre a proposta pedagógica da "poção mágica" para boas aulas e arrumar as carteiras em duplas, para que os alunos pudessem terminar a atividade da aula anterior.

Às 13h30min os alunos se organizaram nas carteiras em duplas de acordo com a aula passada. Antes da entrega da atividade para ser finalizada, a professora regente da turma deu um recado sobre a greve dos professores aos alunos e entregou um bilhete para que colassem em suas agendas. Após o recado, a professora responsável pela aula entregou as atividades com os contos para serem concluídas. No término da primeira aula, às 14h30min, os alunos adiantados na atividade se dirigiram à biblioteca para a troca e/ou empréstimos de livros, os demais ficaram na sala dando continuidade à atividade. Às 14h45min as professoras estagiárias recolheram as atividades. Depois disso, a docente responsável pela aula entregou aos alunos o conto *A Fonte da Sorte,* de J.K. Rowling, para ser lido nesta aula. Como os alunos estavam agitados, a professora resolveu ler em voz alta o conto, para que os alunos prestassem a devida atenção ao texto. Neste dia, foram utilizados 10 minutos da aula do professor de matemática para que a leitura do conto fosse finalizada.

A aula do dia 18/05/2015 não aconteceu por causa da greve dos professores da rede municipal de Florianópolis. Não participamos da assembleia neste dia, pois havíamos marcado reunião com nossa orientadora de estágio, mas acompanhamos o andamento da greve. Os servidores municipais de Florianópolis rejeitaram a proposta da prefeitura, que foi considerada insuficiente, apesar dos avanços no auxílio alimentação - que seria reajustado em R$ 1,50.

No dia 21/05/2015 aconteceu uma reunião de todos os estagiários da turma com a orientadora do estágio. A reunião aconteceu às 14:00h. Na reunião, discutimos sobre a greve dos professores municipais de Florianópolis e sobre as aulas ministradas pelos estagiários antes da greve.

No dia 22/05/2015 aconteceu uma nova assembleia. Com a resposta negativa da última assembleia, a administração da Prefeitura de Florianópolis retirou o que havia oferecido e avisou que só haveria novas negociações com o fim da paralisação**.**

No dia 26/05/2015 o grupo de estagiários de Letras Português e a orientadora de estágio se dirigiram à Praça Tancredo Neves, onde estava acontecendo uma nova assembleia. Depois da votação pela continuidade da greve, acompanhamos os grevistas na passeata. A Polícia Militar acompanhou a mobilização.

No dia 28/05/2015 continuava a paralisação dos servidores. Após a decisão em assembleia, os manifestantes seguiram em passeata pelo centro de Florianópolis, passando pelo Gabinete da Prefeitura e Secretaria de Administração.

No dia 01/06/2015 ocorreu uma nova assembleia. Nesta, os servidores decidiram pelo fim da paralisação, mediante proposta feita pela Prefeitura. A proposta foi a seguinte: Reposição do índice inflacionário no percentual de 8%, em quatro parcelas, sendo a primeira de 2% a partir de maio, a segunda de 2% a partir de outubro, a terceira de 2% a partir de dezembro e a quarta parcela de 2% em janeiro de 2016.

No dia 02/06/2015 a escola “Beatriz de Souza Brito” retornou às atividades, após o fim da greve que durou 15 dias. Neste dia, os alunos dos anos finais do ensino fundamental participaram da prova da OBMEP. A professora regente da turma aguardou a chegada dos alunos em sala e conversou com eles sobre a prova. Após este momento, a professora entregou os cartões resposta com a ajuda das estagiárias da turma e explicou os passos de preenchimento do cartão. Os alunos foram preenchendo os campos necessários conforme orientação da professora. Às 14h00min, a docente entregou a prova aos alunos, leu as instruções e autorizou o seu início. Às 14h30min alguns alunos já haviam terminado a prova,

mas a secretaria deu ordens para não liberá-los antes das 15h00min. A professora pediu aos alunos que já haviam terminado para se reunirem no fundo da sala e aguardarem a liberação. Os últimos alunos terminaram a prova às 15h45min. Após a prova da OBMEP, às 16h00min, os estagiários se dirigiram à sala de informática, onde aconteceu uma reunião com todos os professores da escola para esclarecimentos e discussão sobre as razões da greve e do fim da mesma. Antes da reunião foi servido lanche aos professores. Nesta reunião, o coordenador pedagógico propôs os dias de reposição das aulas "perdidas" por conta da greve dos servidores municipais, as aulas foram pensadas a partir da proposta entregue à escola pela prefeitura de Florianópolis, com o intuito do cumprimento das atividades e horas previstas. Os professores aceitaram a proposta de reposição feita pela direção da escola. A reunião foi encerrada às 16h30min e os alunos retornaram as salas de aula.

A aula do dia 08/06/2015 era para ser sobre o plano de aula 5, no qual, teríamos uma socialização das leituras realizadas para a elaboração da primeira atividade. Devido à greve que ocorreu durante nossas aulas, percebemos (em conversa com a orientadora de estágio) que seria mais adequado fazer uma mudança de plano. Os alunos poderiam não lembrar das leituras realizadas, por isso, começamos a aula com a retomada do que foi visto nas aulas anteriores a greve e seguimos com o plano de aula 6. O plano de aula 6 refere-se a leitura-estudo do conto "A Fonte da Sorte", com base em roteiro previamente elaborado pelas professoras estagiárias para interpretação do texto e identificação dos elementos da narrativa. Para a realização desta atividade os alunos se juntaram em duplas, mas cada um fez a atividade na sua folha. Os alunos não conseguiram terminar a atividade, por isso, puderam levá-la para terminar em casa e entregar na próxima aula. Neste dia, a professora que não era responsável pela aula ajudou o aluno com deficiência cognitiva na realização da atividade. A estagiária que não era responsável pela aula fez a chamada ao final da aula. Este método de chamada ao final das aulas foi uma estratégia utilizada durante todas as nossas aulas.

Na aula do dia 09/06/2015 seguimos o plano de aula 5. A professora estagiária conversou com os alunos sobre a primeira atividade de interpretação realizada em duplas antes da greve, avisou que havia corrigido as atividades e que as devolveria para reelaborarem as respostas que não estavam adequadas às questões propostas, seguindo suas observações. Ao término da refacção da atividade, foram socializados os contos lidos para a realização desta atividade. Conseguimos socializar apenas dois contos. Alguns alunos não quiseram socializar suas leituras e impressões. Precisamos insistir muito para que pelo menos um aluno da dupla falasse sobre o seu conto.

No início da aula do dia 11/06/2015, realizamos a continuação da socialização dos contos lidos. Alguns alunos não quiseram participar da socialização, por isso, a professora responsável fez a contação resumida dessas histórias. Esta socialização dos contos despertou muito o interesse dos alunos, talvez pela didática utilizada pela professora. A estagiária tentou envolver os alunos na contação e instigá-los a saber o final. Durante a socialização, o Orientador Pedagógico pediu para dar um recado para a turma, o que demorou cerca de 10 minutos. Após a socialização, a professora responsável relembrou o conto "A Fonte da Sorte" através de uma aula expositivo-dialogada sobre os elementos que compõem um texto narrativo como o conto. Os alunos continuaram participando muito da aula. A professora explicou no quadro sobre a curiosidade do dia mais longo do ano.

No dia 15/06/2015 aconteceu a revisão e continuação da aula expositivo-dialogada. Os alunos contribuíram na revisão. A professora responsável pela aula continuou a passar os slides sobre os elementos que compõem um texto narrativo como o conto e ilustrou alguns elementos do gênero com situações que aconteceram na sala. No final da aula foi entregue aos alunos um roteiro de leitura sobre o conto "A Fonte da Sorte", de J. K. Rowling para ser colado no caderno.

No dia 16/06/15 aconteceu a nossa 10ª aula, no horário entre 13h30min às 14h15min. A estagiária responsável pela aula avisou aos alunos que seria responsável pela docência das próximas nove aulas de Língua Portuguesa. Após este momento inicial, a estagiária explicou aos alunos que o objetivo da aula era a produção de contos com o tema ligado ao universo bruxólico. Em seguida, a estagiária leu o enunciado da questão com as sugestões para iniciar o conto e chamou a atenção para o uso de todos os elementos que compõem esse texto narrativo. Depois de explicar a tarefa, os alunos puderam começar a escrever. Muitos dos discentes apresentaram dúvidas sobre o que deveriam fazer na aula, alguns deles estavam conversando no momento da explicação da professora responsável. Para sanar as dúvidas, pedimos que levantassem a mão para que as professoras se dirigissem até suas carteiras. À medida que os alunos iam produzindo seus contos, eles nos chamavam para perguntar se estavam fazendo "correto".

Neste dia, apenas um aluno não veio e todos participaram da atividade proposta. Estava previsto que terminassem o conto nesta aula, mas não foi o que aconteceu, pois poucos alunos entregaram. As estagiárias, em conversa com a orientadora de estágio, acharam mais viável que os alunos levassem seus contos para terminarem em casa. A professora estagiária

avisou que a entrega deveria acontecer no nosso próximo encontro e que para aqueles que não entregassem a nota seria menor.

No dia 18/06/15, nossa aula aconteceu das 13h30min às 15h00min. A estagiária responsável esperou os alunos se organizarem em suas carteiras para dar início à aula. A leitura-estudo do conto *O Conto dos Três Irmãos,* da autora J.K.Rowling, foi o objetivo desta aula. Após a leitura individual do conto, a professora perguntou aos alunos o que acharam da história, e muitos relataram já conhecê-la, pois o conto foi relatado no último livro da saga Harry Potter: *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2010). A professora levou alguns objetos simbólicos do último livro da saga confeccionados por ela para provocar o interesse dos alunos pela história, dentre os objetos tínhamos: *chapéu seletor*, a *varinha* das *varinhas*, e *o símbolo das relíquias da morte* desenhado em um quadro e estampado na camiseta da estagiária responsável pela aula. Depois de apresentar os objetos aos alunos e explicar o significado deles, foram retomados elementos que compõem um texto narrativo como o conto, tendo como referência "O Conto dos Três Irmãos". A professora fazia perguntas sobre os elementos do gênero conto e apontava os trechos do conto em que eles apareciam. Os alunos mostraram que compreenderam esses elementos e, no final da explanação, já estavam inquietos. A professora terminou sua exposição e entregou uma atividade de compreensão do conto para que eles respondessem nos 30 minutos finais de aula. A atividade não estava prevista no plano de aula, mas foi uma estratégia para caso a aula expositivo-dialogada terminasse mais cedo do que o previsto, o que aconteceu. Alguns alunos mostraram dúvidas sobre a compreensão da história e quando perguntados sobre o porquê da não compreensão, responderam não terem lido o conto e outros apresentaram dificuldades de interpretação. Nos minutos finais, a professora recolheu a atividade.

No dia 22/06/2015 a estagiária responsável esperou os alunos se organizarem em suas carteiras e avisou que a aula seria de análise linguística com base nas necessidades evidenciadas nas produções dos contos. A professora explicou como funcionaria a análise linguística. Em seguida, com o auxílio de slides, iniciou a explicação das inadequações apresentadas, ilustrando cada uma das situações com trechos retirados dos contos dos alunos. Houve conversa paralela, alguns alunos indicaram serem os autores dos contos lidos e perguntaram o porquê dos trechos deles estarem nos slides. O objetivo da atividade foi explicado no início da aula, mas alguns alunos apresentaram dúvidas acerca do seu objetivo. A professora procurou responder todos os questionamentos.

No dia 23/06/2015, a estagiária esperou os alunos se organizarem em suas carteiras para começar a aula. Os alunos estavam um pouco agitados e uma das funcionárias da coordenação passou na sala para carimbar a presença nas agendas. A aula teve início com 10 minutos de atraso. A professora fez uma breve retomada sobre o que viram na aula anterior e avisou que a aula seria de continuação da análise linguística. Após a professora dar início à análise com base nos contos produzidos pelos alunos e direcionar os minutos finais para a refacção dos contos, o coordenador pedagógico entrou em sala para pedir que um grupo de alunos se dirigisse a sua sala para resolver alguns detalhes da Olimpíada. Os alunos que ficaram em sala começaram a refacção. Todos foram orientados que se precisassem de ajuda, iríamos até suas carteiras. Os alunos levantaram muitos questionamentos sobre as anotações feitas pela estagiária. Neste dia, poucos alunos deram início a refacção.

No dia 25/06/2015, a estagiária esperou os alunos se organizarem em suas carteiras para começar a aula. A professora avisou aos alunos que a aula seria para continuação das refacções e que se precisassem de ajuda, iríamos até suas carteiras. Algumas alunas questionaram se poderiam acrescentar ações na história e outro aluno disse que gostaria de excluir a parte de sua história que contava sobre o mito. Alguns alunos não entenderam as anotações feitas pela professora e perguntaram o que era para fazer. Tentamos sanar todas as dúvidas. Enquanto os alunos reescreviam o texto, as professoras estagiárias passaram nas carteiras dos alunos que estavam devendo atividades para entregar o bilhete de aviso aos pais ou responsáveis da falta destas atividades. Na metade da segunda aula, alguns discentes já haviam terminado suas refacções e a estagiária sugeriu que começassem a desenhar sobre suas histórias, pois precisariam para a confecção dos fanzines. Ao final da aula, a estagiária recolheu as produções daqueles que ainda não haviam terminado a refacção e os desenhos.

No dia 29/06/2015, a professora estagiária esperou os alunos se organizarem em suas carteiras para começar a aula. No início, eles estavam um pouco agitados, por isso, a aula começou com 10 minutos de atraso. A professora avisou que a aula seria sobre fanzines. Muitos alunos se mostraram curiosos, pois nunca haviam ouvido falar sobre fanzine. A professora explicou a origem deste suporte de gêneros e tentou sanar todas as dúvidas que os alunos apresentavam. Além disso, trouxe muitos exemplos, alguns deles feitos por alunos de outras escolas. A professora avisou que o objetivo da próxima aula seria a produção dos fanzines de seus contos e que era para todos trazerem recortes e materiais necessários para a confecção. Nos minutos finais, a professora perguntou se os alunos haviam realizado as

tarefas pendentes. A professora recolheu as atividades daqueles que as trouxeram. A aula chegou ao fim.

No dia 30/06/2015, a professora cedeu um tempo para os alunos se organizarem em suas carteiras. A professora avisou que a aula seria para a produção de fanzine e distribuiu os materiais em duas mesas para que os alunos se dirigissem até elas. Os alunos se mostraram muito interessados durante a produção. Ao final da aula, eles ainda não haviam terminado suas produções, por isso, a professora regente da turma sugeriu duas opções aos alunos: a primeira seria terminar os fanzines nas aulas de Ed. Física, a outra opção seria terminar em casa, mas não poderiam esquecer e/ou deixar de trazê-los para a aula de quinta-feira (02/07/2015), dia da socialização das produções e encerramento do estágio de docência. Os alunos optaram por terminar os fanzines em casa e prometeram entregar na próxima aula para socialização e exposição.

No dia 02/07/2015, as professoras estagiárias organizaram a sala em círculo para o último dia de estágio de docência. A professora explicou como seria a aula de socialização das produções dos fanzines e contos, avisando que aqueles que se negassem a apresentar ficariam sem pontuação na apresentação. Os alunos, em sua grande maioria, apresentaram suas produções. Na metade da segunda aula, a professora leu o texto de encerramento e agradeceu a oportunidade e o acolhimento da turma durante o estágio de docência. Depois disso, as professoras estagiárias começaram a organizar as coisas para o *coffee break*. Todos teriam que ficar em suas carteiras e seriam servidos pelas professoras (estagiárias, orientadora do estágio de docência e regente da turma). As estagiárias se despediram dos alunos e colocaram seus fanzines em exposição na sala de aula durante a aula de Ed. Física.

Acreditamos que nossa prática pedagógica foi satisfatória. As mudanças nos planos nos fizeram perceber que a sala de aula é um ambiente muito dinâmico, no qual, muitas vezes, se tornou necessário ajustar as atividades ao ritmo dos alunos para que pudessem atingir os objetivos de aprendizagem relativos ao gênero conto.

3 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1.1 Introduções

Em 2011, os estagiários da disciplina de Língua Portuguesa criaram o jornal escolar *Notícias do Beatriz,* intitulado nesta época *Notícias da Bia*, como parte das atividades do estágio de docência no ensino fundamental. Devido ao sucesso da primeira edição do jornal na comunidade escolar e ao engajamento de alguns alunos que, de fato, se encontraram escrevendo no *Notícias do Beatriz*, a direção da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), decidiu que o projeto do jornal continuasse. Assim, a cada nova edição o jornal vem ganhando força, uma vez que agora faz parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) e da cultura da escola.

O jornal escolar, presente em muitas instituições de ensino, é um projeto de suma importância tanto para a prática docente quanto para a aprendizagem dos alunos, pois na esfera jornalística circulam diferentes gêneros como: carta do leitor, crônica, artigo de opinião, entrevista, reportagem, charge e anúncio, bem como as tipologias textuais inerentes aos respectivos gêneros. Ou seja, o jornal possibilita ao professor trabalhar inúmeros gêneros, desde os elaborados especificamente para o jornal, bem como os literários, já que o jornal escolar apresenta essa singularidade. Além disso, um jornal pode trabalhar com temas locais, portanto, presente na comunidade desses alunos, e com temas globais, que extrapolam esses limites. Dessa forma, o jornal oportuniza a socialização das produções textuais dos alunos, assim como possibilita a manifestação de suas posições políticas, de modo que eles possam criticar problemas tanto de ordem intraescolar quanto extraescolar, mostrar seus gostos, enfim, fazer sua própria pauta.

Outros pontos trabalhados no jornal e de grande relevância são a escrita e a leitura, pois a escrita nessa esfera exige pesquisa de campo e leituras afins a respeito do tema escolhido. Ambos os pontos são essenciais em uma sociedade grafocêntrica, porque cada vez mais são exigidas dos indivíduos as habilidades de leitura e escrita. Vale lembrar que o PPP da escola é alicerçado no eixo “Ler e escrever: compromisso de todos e de todas as áreas”. Portanto, fundamentada nesse propósito, a escola trabalha com interdisciplinaridade, logo, a prática da leitura e da escrita é compromisso de todos os professores.

3.1.2 Justificativa

A decisão da escola em continuar com o Jornal *Notícias do Beatriz* só endossa a importância que ela dá à leitura, já apontada na introdução, pois nesse jornal escolar os alunos trabalham no contraturno, como atividade extraclasse. Isso quer dizer que, além das atividades já previstas em sala de aula com diferentes gêneros do discurso, leitura e escrita, os alunos ainda se dedicam ao *Notícias do Beatriz*.

Mais que um excelente meio de comunicação, o jornal possibilita aos alunos a experiência ímpar de trabalharem em grupo. Portanto, podem discutir os assuntos de maneira coletiva, antes de publicarem seus textos é possível que mostrem aos seus colegas de jornal a fim de obterem uma opinião relevante. Do mesmo modo, para nós, futuros professores, pois também trabalhamos em grupo e tudo era decidido de maneira coletiva, ou seja, um aprendendo com o outro e respeitando o espaço do outro.

No que diz respeito à prática docente, o projeto extraclasse nos proporcionou a execução de um planejamento de aula diferente, visto que há novos desafios, pois o número de encontros é mais reduzido e, ao contrário das turmas com as quais trabalhamos em que houve mais um mês de observação, no projeto extraclasse não houve tempo para isso. Em resumo, tem um caráter de oficina[49]. Sendo assim, no que diz respeito à docência, esse número de aulas mais reduzido nos propiciou ver como desenvolver o ensino de língua de outras formas e em outros espaços, os quais os alunos poderão ver seus trabalhos expostos, seja entrevista, seja reportagem e assim por diante. Como nos relatou um dos professores-estagiários, "Nunca vi um trabalho meu exposto", sendo assim, no projeto do jornal escolar a possibilidade de exposição das atividades realizadas ocorre de forma a dar voz aos alunos.

Dessa forma, a produção de um jornal na escola possibilita que os alunos vivenciem de fato a experiência de tomar uma posição em relação ao dizer outro, pois na medida em que precisam entrevistar as pessoas e com a base nos dados coletados produzir as matérias, torná-las públicas estão participando de situações de interação em que os sujeitos de fato tomam a palavra e se fazem ouvir, assim como produzem contrapalavras aos discursos do outro, em uma atitude de compreensão responsiva ativa, tal como propõe Bakhtin (2012).

[49] O lugar onde se fabrica, elabora ou conserta algo recebe o nome de oficina, a partir do latim *officina*, um derivado de *officium*, com o sentido de "serviço", "cargo", "dever". Seu derivado *officina* é antigo e era usado para designar o espaço em que se desenvolviam esses tipos de atividades, de modo que podia indicar uma oficina ou uma escola. A última aplicação persiste na ligação do termo com a atividade de investigação acadêmica.

Outro dado importante, é que os alunos que participaram do projeto do jornal são de turmas diferentes, logo, trouxeram dúvidas diferentes e assumiram posturas distintas diante de cada situação, o que enriqueceu o jornal escolar.

3.1.3 **Reflexões teórica**

3.1.3.1 Linguagens[50]

A concepção de linguagem que elegemos para fundamentar as ações previstas em nosso projeto extraclasse ancora-se na perspectiva dialógica e sócio-histórica de Bakhtin, que concebe a linguagem como um constante processo de interação entre os falantes da língua, mediada pelo diálogo com o outro. A língua, nessa concepção, só existe em função do uso que locutores e interlocutores fazem dela em situações de comunicação.

Para Bakhtin [Volochínov] (2009, p. 127, grifo do autor), "a verdadeira substância da língua não é constituída pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*". Com isso, o enunciado, como a unidade real e concreta da comunicação discursiva, "é concebido como produto da interação de dois ou mais indivíduos socialmente constituídos que, em uma dada situação de interlocução, interagem por meio da linguagem" (ACOSTA-PEREIRA, 2012, p. 27).

Sendo assim, concordando com as teorias de interação verbal e gêneros do discurso de Bakhtin (2012), construímos este projeto pensando no sujeito como alguém que em sua singularidade se faz no mundo, que se marca no mundo através de sua ação concreta. Portanto, o sujeito só se constitui como tal a partir do diálogo com os outros falantes, ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro.

> Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p. 115).

[50] Esta seção foi baseada principalmente no "Referencial Teórico" do projeto de docência *Era uma vez: o bruxólico e o imaginário no estudo de contos***,** de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido, e no projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

Para Bakhtin (2014, p. 89), "o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica". Sendo assim, a linguagem possui caráter dialógico, desse modo, toda enunciação é um diálogo, pois é de cunho social, ou seja, a verdadeira essência da língua não está ligada a um sistema abstrato de formas linguísticas, ela é real, constituída pelo fenômeno social da interação verbal, que se concretiza através da enunciação.

Para Bakhtin, "A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas nem no psiquismo individual dos falantes*" (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Molon e Vianna (2012), ao analisarem os escritos de Bakhtin e Volochínov (2006) em *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirmam que a língua evolui historicamente na comunicação verbal concreta, sendo assim, uma ordem metodológica de ensino da língua é apresentada na obra:

> 1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
> 2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
> 3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2006, p.129).

É essa concepção de linguagem, e que compreende uma noção de gêneros do discurso, de ensino de língua, de leitura/escrita e de fala/escuta, tal como apresentaremos na sequência, que assumimos para fundamentar nossa ação docente no ensino de língua portuguesa, neste projeto de docência extraclasse.

3.1.3.2 Gêneros do Discurso[51]

A noção bakhtiniana de gêneros do discurso está ancorada na relação entre linguagem e indivíduo, na qual o ato de comunicação exerce a função de intermediário dessa relação de enunciado e enunciador, na medida em que permite a interação entre sujeitos a partir da articulação da *langue* (língua) com *parole* (fala). Dessa forma, o discurso só pode ter existência pela forma de enunciado assumido pelo falante, provendo a comunicação humana.

[51] A seguinte seção foi baseada principalmente no "Referencial Teórico" presente do projeto de docência de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

Cada enunciado representa um novo acontecimento, um evento histórico único constituído pela interação dos falantes e associado ao tempo e espaço em que se realiza. O locutor, portanto, ao produzir discurso expressa sua relação com o mundo e tenta adequar-se a uma determinada esfera social da atividade humana. Cabe ressaltar que, quando Bakhtin (2006) fala de esfera social, estão implicados valores ideológicos (visões de mundo) que sustentam cada uma dessas esferas, papéis sociais que os sujeitos ocupam na situação de interação, função social dos discursos em cada uma delas. Com base nessa concepção, "[...] o centro organizador de toda a enunciação, de toda a expressão não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo" (BAKHTIN, 2006, p. 123-124).

Para Bakhtin (2003), nenhum enunciado é produzido sem levar em consideração a noção de gêneros discursivos, já que para ele a utilização de uma língua acontece pela mediação dos mesmos. É a heterogeneidade dos gêneros do discurso integrados à fala que permite que cada qual seja condicionado a um campo específico da atividade humana.

> Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKTHIN, 2003, p. 261).

Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) define os gêneros do discurso como tipos de enunciados que estão inteiramente ligados à comunicação social; isto é, os gêneros se constituem a partir da interação com a vida, na relação intrínseca com as diferentes esferas sociais da atividade humana, considerando o aspecto *socioideológico e discursivo dos gêneros*.

Para fomentar uma reflexão acerca do que é proposto para a prática de ensino dos gêneros discursivos, recorremos Marcuschi (2008), que também relaciona os gêneros às práticas sociais de uso da língua. Para este autor, ao se tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino, a abordagem pedagógica precisa ultrapassar a ideia de gêneros como modelos, exemplos de estruturas convencionadas ou ferramenta de ensino; propõe estudá-los vinculados ao seu papel social. É o que tentamos proporcionar aos nossos alunos pela leitura e escrita de textos de gêneros da esfera jornalística ao longo do desenvolvimento do projeto de docência extraclasse para a elaboração da sexta edição do *Jornal Notícias do Beatriz*, em seu quinto ano de circulação.

3.1.3.3 Estudos da Língua[52]

Segundo Antunes (2003, p. 124, grifos nosso), o estudo da língua deve centrar-se:

> Em atividades, em produções (não no sentido mecânico de fazer para "encher o tempo", ou para cumprir a praxe do "dever", simplesmente). Tais atividades de produção teriam a função de promover (não de "treinar") no aluno a prática da comunicação verbal fluente, adequada e relevante, e *o conteúdo dessas atividades,* repito, giraria em torno *das habilidades de falar, ouvir, ler e escrever textos* [...].

Nesse sentido, ressaltamos que a produção de textos, para além das aulas de Língua Portuguesa, como é o caso do projeto extraclasse do jornal Notícias do Beatriz, não deve servir para exercitar mecanicamente os conteúdos elucidados nas aulas (ANTUNES, 2003). A prática pedagógica ideal para essas atividades que envolvem a leitura e a escrita considera a produção de textos como elemento de interação entre os indivíduos ou como forma de atuação nos diversos espaços de comunicação, neste caso através de um jornal escolar, no qual os alunos são os protagonistas.

O trabalho com a língua portuguesa deve desenvolver no aluno a visão de língua como um fator de identidade cultural e como elemento de interação verbal, ao invés de persistir em uma prática pedagógica que, "em muitos aspectos, mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas" (ANTUNES, 2003, p. 19). Ao fazer o estudo das nomenclaturas e classificações gramaticais se tornarem predominantes nas aulas de língua portuguesa, não estaremos contribuindo para que o aluno adquira competências em leitura e escrita. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 32) refere-se ao ensino dessa gramática como:

> [...] uma gramática voltada para a nomenclatura e a classificação das unidades; portanto, uma gramática dos "nomes" das unidades, das classes e subclasses dessas unidades (e não das regras de seus usos). Pelos limites estreitos dessa gramática, o que se pode desenvolver nos alunos é apenas a capacidade de "reconhecer" as unidades e de nomeá-las corretamente. Vale a pena lembrar que, de tudo o que diz respeito à língua, a nomenclatura é a parte menos móvel, menos flexível, mais estanque e mais distante das intervenções dos falantes. Talvez, por isso mesmo, seja a parte "mais fácil" de virar objeto das aulas de língua.

Outra prática denunciada pela autora, refere-se a tornar a aula de língua cheia de preconceitos linguísticos:

[52] A seguinte seção foi baseada principalmente no "Referencial Teórico" presente do projeto de docência de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

> A língua não pode ser vista tão simplistamente, como uma questão, apenas, de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado. *A língua é muito mais que isso tudo. É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social.* É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. *É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço.* (ANTUNES, 2007, p. 22, grifos nosso).

Sendo assim, procuramos efetivar o ensino da língua portuguesa nesse projeto extraclasse, que prevê a elaboração de mais uma edição do jornal Notícias do Beatriz pelas práticas sociais do uso da linguagem, privilegiando a prática da leitura e da escrita, mas voltando-se também à oralidade e à análise linguística.

Considerando o que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino de língua portuguesa deve oferecer condições para que o aluno desenvolva os seguintes conhecimentos:

> - Ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais;
> - Expressar-se apropriadamente em situações de interação oral diferentes daquelas próprias de seu universo imediato;
> - Refletir sobre os fenômenos da linguagem, particularmente os que tocam a questão da variedade lingüística, combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua. (BRASIL, 1998, p. 59).

Dessa forma, consideramos que as concepções de Irandé Antunes (2003, 2007) sobre o ensino de língua portuguesa estão mais relacionadas com o que propõem os PCNs e com o que desenvolvemos durante a prática docente no ensino de língua em atividades extraclasse. Para isso, procuramos nos distanciar de qualquer prática denunciada pela autora como ineficaz.

3.1.3.4 Leitura e Escrita

Considerando que os processos de leitura e escrita são primordiais para o desenvolvimento dos alunos, nas oficinas do projeto extraclasse Jornal *Notícias do Beatriz* as atividades destinadas à leitura e escrita foram embasadas nos estudos de Geraldi (1993).

Em *Portos de Passagem*, Geraldi (1993, p. 137) salienta a importância da leitura e da produção textual, apontando para a necessidade de "ter o que dizer" (conteúdo); "uma razão para dizer o que se tem a dizer" e que "se tenha para quem dizer o que se tem a dizer", como base para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre texto – leitor.

Vianna e Silva (1997, p. 83), ao falarem sobre o jornal na sala de aula, escrevem que "Não basta, por exemplo, incentivar somente o gosto pela leitura, é primordial que se desenvolva nos alunos a capacidade de bem interpretar o que leem, num processo que chamamos de amadurecimento da leitura crítica".

Geraldi considera que é "no texto que a língua – objeto de estudos – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas [...], quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva [...]" (GERALDI, 1993, p. 135). Ao usar o texto como objeto de estudos, o aluno poderá aprender as regras gramaticais da gramática normativa, identificará as marcas pessoais do autor e terá grande chance de produzir textos coesos e coerentes, de forma contextualizada.

Sendo assim, o professor ao ler as produções dos alunos não pode desconsiderar as suas ideias, e também precisa agir como interlocutor dos textos dos alunos em oposição ao papel do professor-avaliador. Nesse sentido, o professor não pode ver a produção de texto como um produto final, um resultado do processo, mas precisa agir como interlocutor e também assumir a posição de leitor do Jornal *Notícias do Beatriz*, o que também significa questionar, sugerir, testar o texto do aluno como leitor, construir-se como "coautor" que aponta caminhos possíveis para o aluno dizer o que quer dizer na forma que escolheu (GERALDI, 1993). Dessa forma, o jornal escolar traz outras possibilidades para professor e alunos se posicionarem no mundo.

No que se refere à produção de texto, para Geraldi (2006), ainda há artificialidade, pois o único interlocutor do texto do aluno é o professor, que geralmente não o lê, apenas corrige. Neste caso, o caráter dialógico da linguagem não é levado em consideração, porque o aluno não considera os possíveis leitores de seu texto e por isso não se esforça para criar estratégias discursivas para mover o texto em sua direção. Na nossa prática extraclasse, porém, a produção de texto é ligada à produção do jornal da escola. Jornal este que circula entre os alunos, os pais e na comunidade em torno da escola. Dessa forma, tentamos fugir da produção artificial dos gêneros ligados ao jornal.

3.1.3.5 O Jornal e seus Gêneros

O jornal, por si, não é um gênero, mas um suporte no qual vários gêneros estão presentes. A sexta edição do jornal que realizamos com os alunos não só teve os textos escritos por eles, como sua circulação estava inserida no meio onde vivem: na escola, em casa

e na comunidade. Assim, o conteúdo do jornal e os seus gêneros precisam ser modelados para atender a esse público leitor, pois, conforme Bakhtin (2011, p. 285), cada esfera da atividade humana produz seus respectivos gêneros discursivos e "quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, [...] refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação". Dessa forma, os principais gêneros presentes em um jornal e que trabalhamos com os alunos são: notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, entre outros que fazem parte da esfera jornalística[53].

Para Faria e Zanchetta Junior (2012), a função da linguagem no jornal dependerá do tipo de público que o jornal deseja ter. Em um trecho sobre a linguagem na notícia que não busca o sensacionalismo – mas que serve para os outros gêneros correlatos –, os autores escrevem:

> Os jornais que buscam cativar o leitor por meio de informações menos afetadas e mais explicativas utilizam *predominantemente a função referencial* em suas notícias. É uma maneira de demonstrar distanciamento entre o jornal e o fato narrado, dando a aparência de neutralidade. Predomina nesses jornais uma linguagem objetiva, com menos adjetivos, dando ao leitor certa margem para estabelecer juízos sobre as matérias publicadas. Outras funções não são descartadas, acabam apenas camufladas. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 15, *grifo nosso*).

Dessa forma, não se espera desse tipo de jornal, ao menos de forma explícita, um texto que apresenta um juízo de valor. Em jornais sensacionalistas, por outro lado, "a linguagem referencial tende a dar lugar para registros emotivos e insinuantes, estabelecendo-se escancaradamente juízos de valor" (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 15). No caso do Jornal Notícias do Beatriz, procuramos nos aproximar da linha editorial de jornais que utilizam a função referencial da linguagem. Portanto, os alunos "jornalistas" deverão ter uma atitude ética e respeitar as fontes e os indivíduos participantes.

A partir dessas questões, nas seções seguintes, apresentamos alguns gêneros jornalísticos, como: notícia, reportagem e entrevista.

3.1.3.5.1 Notícias

A notícia referência as informações de um acontecimento e é vista como um dos principais gêneros do jornal. Para se decidir o que pode ou não virar notícia, precisamos

[53] Além desses, também trabalharemos com gêneros importantes, mas que não são "obrigatórios" em um jornal, como: tirinha, charge, classificados, anúncio e resenha. O editorial será elaborado pelos estagiários.

observar as seguintes características: “ineditismo, atualidade, veracidade, e a potencial importância ou interesse que [o fato] pode ter para uma dada parcela da sociedade” (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 26).

Segundo Faria e Zanchetta Junior (2012, p. 26), o texto noticioso virou referência para o padrão de escrita na sociedade brasileira:

> Na própria sociedade, sobretudo em sua parcela com acesso regular à cultura escrita, gradativamente foram se modificando os referenciais de linguagem. Até meados do século 20, a literatura era uma espécie de padrão para se definir a linguagem de prestígio. [...] Nos anos seguintes, a “linguagem culta” também passou a abarcar um registro mais informal, mais próximo do cotidiano, porém cuidado: toma-se como parâmetro a linguagem erudita, mas de maneira absoluta, flertando-se inclusive com os registros coloquial e popular. Hoje um dos principais indicadores de linguagem de prestígio são os jornais de maior circulação no país.

Tal assertiva, combinada com as considerações anteriores que fizemos sobre o ensino de língua, reafirma a necessidade da leitura e produção de textos deste gênero na escola, para que os alunos possam organizar seu discurso em função do outro, de se comprometerem com sua palavra, tornando-se, assim, autores e responsáveis pelo seu dizer.

3.1.3.5.2 Reportagens

Ao contrário da notícia, a reportagem não precisa ter o mesmo imediatismo e, por isso, pode ser feito a partir de uma investigação maior do fato a ser reportado. Interessantemente, a reportagem escrita permite outro tipo de apresentação do texto:

> Não raramente, notam-se traços maios elaborados de composição, fazendo aproximar o texto jornalístico do texto literário. Basta lembrar que boa parte dos escritores brasileiros contemporâneos, como Carlos Heitor Cony, João Ubaldo Ribeiro e Luís Fernando Veríssimo, são ou atuaram como jornalistas. (FARIA; ZANCHETTA JUNIOR, 2012, p. 49).

Segundo Faria e Zanchetta (2012), a reportagem busca recuperar as informações apresentadas no dia a dia e aprofundá-las, além de informar pontualmente sobre um fato, observa as suas raízes e o desenrolar dele, o que dá ainda mais liberdade de composição e torna o gênero ainda mais interessante para ser usado na escola. A reportagem, assim como os outros gêneros jornalísticos, são produzidos em uma determinada esfera da comunicação

humana, o que requer que se tenha clareza de sua função social e dos papéis (aluno-autor e professor-leitor) a serem assumidos no ensino-aprendizagem desse gênero.

.

3.1.3.5.3 Entrevistas

A entrevista é o gênero que mais destoa dos dois principais vistos até aqui: não tem o imediatismo da notícia nem a liberdade da reportagem. Exige-se não apenas habilidade de escrita por parte do autor, mas também capacidade de fazer as perguntas certas, escrever o que o *outro* falou, tudo de uma forma que interesse ao leitor. Segundo Faria e Zanchetta Junior (2012, p. 57):

> A entrevista de cunho jornalístico pode auxiliar no desenvolvimento de uma série de habilidades: (a) o estímulo ao contato formal entre as pessoas, abarcando-se não apenas fatores posturais, como o de respeito mútuo entre entrevistados e entrevistadores, mas ainda a necessidade de reflexão, tanto na entrevista como na sua edição, perfil de linguagem a ser adotado [...]; (b) observação do peso social das palavras, pois as declarações de quem quer que seja serão transformadas em documentos a partir do momento em que estiverem gravadas ou impressas; (c) o fomento à pesquisa preparatória da entrevista [...], não devendo também exigir do entrevistado uma "aula" sobre o assunto a ser abordado na entrevista, mas sim seus posicionamentos acerca de determinada questão; (d) além da obrigação de zelar pela integridade da fala do entrevistado, os alunos estarão diante de posicionamentos que podem divergir dos seus: estará ele lidando, na prática, com a questão ética; (e) contato efetivo com diferentes situações de construção do discurso (discurso direto e indireto).

O fato do estudante ser *mediador* entre o entrevistado e o leitor, tendo, por questões éticas, que se manter quase invisível no processo, torna esse gênero único entre os trabalhados na escola.

3.1.3.6 Avaliações[54]

A concepção de Irandé Antunes (2003) nos norteou para pensarmos o processo avaliativo no projeto extraclasse. Para a autora, a avaliação precisa ser uma prática contínua e

[54] Esta seção foi baseada principalmente no "Referencial Teórico" do projeto de docência *Era uma vez: o bruxólico e o imaginário no estudo de contos***,** de Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido, e no projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

progressiva. Nesse processo, a autonomia didática do professor assume papel importante para que as aulas de português sejam para falar, ouvir, ler e escrever textos, contribuindo de uma forma crítica, pedagógica e relevante para o aprendizado dos alunos. É através da avaliação que o docente irá conhecer o que foi apropriado pelo aluno no processo de aprendizagem e poderá planejar como dar continuidade ao processo de ensino.

Por uma didática que diga não à mecanização em relação à oralidade, a escrita, a leitura e a gramática, que objetive ensinar a língua e seu funcionamento, e não apenas o ensino de "uma gramática, fragmentada, de frases inventadas, da palavra e da frase isoladas, sem sujeitos interlocutores, sem contexto, sem função: frases feitas para servir de lição, para virar exercício" (ANTUNES, 2003, p. 31), foi fundamental que nas aulas de Língua Portuguesa e também nas oficinas do projeto extraclasse Jornal *Notícias do Beatriz* se trabalhasse os diversos tipos de gêneros textuais e fosse realizada uma análise linguística contextualizada.

Ensinar as nomenclaturas e classificações das orações, não contribui no desenvolvimento do aluno, desse modo, foi necessário reinventar as atividades trabalhadas nas oficinas do projeto, com o intuito de melhorar o meio de aquisição do aluno na prática da oralidade, escrita, leitura e análise linguística, considerando que o trabalho com o gênero textual é fundamental para a competência discursiva dos sujeitos, uma vez que os sujeitos utilizam dos gêneros textuais para atuarem nos diferentes domínios da atividade humana.

Com base nas proposições acima, levando em conta as singularidades de cada aluno, a avaliação foi feita de forma processual. Para tanto, consideramos os seguintes aspectos: o interesse e o envolvimento nas produções textuais; o desempenho dos alunos no alcance dos objetivos estabelecidos; a cooperação dos alunos no momento da socialização das produções; a proposição de questionamentos; e a entrega das produções textuais que irão compor o Jornal *Notícias do Beatriz*.

O desempenho dos alunos no alcance dos objetivos foi avaliada a partir da produção e refacção de textos, se os mesmos se apropriaram da função social e da forma de composição dos gêneros presentes nos jornais impressos.

3.1.4 Objetivos

3.1.4.1 Objetivos geral

Produzir a sexta edição do Jornal Escolar "Notícias do Beatriz" com as produções textuais dos alunos do turno matutino da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.

3.1.4.2 Objetivos específicos

- Ampliar o conhecimento acerca dos gêneros da esfera jornalística, tais como: notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas, por meio da leitura-estudo de textos presentes nos exemplares dos jornais impressos: "Notícias da Bia", "Notícias do Beatriz", "Hora de Santa Catarina" e "Diário Catarinense";
- Compreender a função social, o espaço de circulação e a forma de composição do jornal impresso;
- Reconhecer os diferentes tipos de textos presentes nos exemplares dos jornais impressos analisados, considerando sua função social, tema, estilo e forma de composição;
- Conhecer diferentes formas de apresentação de notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas, pela análise de exemplares de cada um desses gêneros em diferentes jornais;
- Aprimorar prática da escrita através da produção e reescrita de textos dos gêneros estudados, considerando sua função social e a sua forma composicional;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa na socialização das análises realizadas e produções textuais elaboradas para a 6ª edição do jornal *Notícias do Beatriz.*

3.1.5 Conhecimentos trabalhados

Com base na concepção dialógica de linguagem o objeto de conhecimento das aulas de Língua Portuguesa é a própria língua, sintetizada nas práticas de uso que dela se faz: fala/escuta (oralidade) leitura/escrita e reflexão sobre os próprios recursos da língua (análise linguística). A unidade de ensino passa a ser o texto e o objeto de ensino os gêneros jornalísticos. Nesse sentido, no desenvolvimento deste projeto de docência de ensino de língua em atividades extraclasse, trabalhamos com[55]:

[55] Este parágrafo foi retirado do projeto *A narrativa mítica e a arte de Franklin Cascaes: o mito e o fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Ana Carolina de Souza Ostetto e Morgana Ferreira.

- Expressividade, clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuíam sobre o projeto “Jornal Escolar Notícias do Beatriz” e sobre o fazer jornalístico;
- O fazer jornalístico propriamente dito;
- Contexto de circulação do jornal;
- Debate e exposição de ideias;
- Leitura-fruição dos exemplares impressos de jornais;
- Gêneros do discurso e pesquisa na esfera jornalística;
- Leitura para busca de informações nos exemplares impressos de jornais;
- Pesquisa e coleta de dados e informações;
- Produção do jornal;
- Análise linguística;
- Escrita e reescrita do texto de acordo com as características de cada gênero.

3.1.6 Metodologia

A realização do projeto do jornal escolar Notícias do Beatriz, como atividade extraclasse, visou primordialmente, que os alunos aprendessem sobre os gêneros da esfera jornalística que circulam em nosso dia a dia, objetivando o estudo das características peculiares que distinguem estes gêneros de outros. Este projeto também pretendeu atrair a atenção dos alunos de modo que se sentissem motivados e envolvidos com os temas que envolvem o jornal, e que conseguissem realizar plenamente as atividades solicitadas.

Este projeto foi desenvolvido no período vespertino e, como se caracteriza como atividade extraclasse, os alunos que tiveram possibilidade de participar das oficinas do jornal da escola foram os do sexto ao nono ano do turno matutino do Ensino Fundamental.

Para a realização do 6º número do *Jornal Notícias do Beatriz,* foi necessário que os professores estagiários do curso de Letras – Língua e Literaturas Português da UFSC que realizam seu estágio de docência nesta escola estivessem todos envolvidos em uma ação coletiva, desde o seu planejamento até a realização das oficinas e a diagramação do boneco para impressão.

As oficinas foram planejadas e desenvolvidas considerando os principais elementos de um jornal e os gêneros que circulam na esfera jornalística. Sendo assim, cada estagiário ficou responsável por trabalhar uma seção do jornal, sendo elas: notícia, reportagem, entrevista, tirinha e charge, classificados e anúncios, e resenha. A partir das decisões relevantes às seções do jornal e da definição das equipes, foi feito o estudo dos gêneros específicos de cada seção, com o objetivo de instrumentalizar a escrita dos alunos.

Com o estudo desses gêneros jornalísticos trabalhamos com a construção de novos aprendizados, procurando desenvolver a criatividade e a escrita dos alunos envolvidos, através da elaboração dos textos e de suas respectivas reescritas.

A produção do jornal visou à participação dos alunos que precisaram pesquisar sobre os temas das matérias, selecionar imagens, assim como redigir os textos. Ressaltamos que eles foram orientados pelos professores estagiários e pela professora orientadora da disciplina em todas as etapas que envolveram a produção do jornal.

Após a produção escrita, os estagiários fizeram a avaliação do material produzido para que, com base nas orientações e indicações em relação aos problemas identificados, os alunos pudessem reescrever os textos para serem publicados no *Jornal Notícias do Beatriz.* A edição da versão final dos textos e a diagramação do jornal foram realizadas pelos estagiários.

Após todo esse processo, o *Jornal Notícias do Beatriz* foi encaminhado para impressão e posterior distribuição e circulação na comunidade escolar.

Apresentamos a seguir os recursos materiais e bibliográficos utilizados para a realização do Projeto e o cronograma com a síntese das atividades que foram desenvolvidas durante a prática docente.

3.1.6.1 Recursos materiais

- Caderno para anotações;
- Câmera fotográfica (fotos para publicação no relatório de estágio de docência em Projeto Extraclasse);
- Caneta hidrocor;
- Caneta para quadro branco;
- Cola;
- Computador;
- Exemplares de jornais impressos: *Notícias da Bia*, *Notícias do Beatriz*, *Hora de Santa Catarina* e *Diário Catarinense*;
- Folha branca A4;
- Folha pautada;
- Lápis de cor;
- Projetor multimídia;
- Quadro branco;
- Régua;
- Tesoura;
- Textos jornalísticos impressos: notícias, reportagens, entrevistas, tirinhas, charges, classificados, anúncios e resenhas.

3.1.6.2 Recursos bibliográficos

O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda, de Rodrigo- Acosta Pereira

Aula de português: encontro e interação, de Irandé Antunes.

Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho, de Irandé Antunes.

Estética da criação verbal, de Mikhail Bakhtin.

Marxismo e filosofia da linguagem, de Mikhail Bakhtin (Volochínov).

Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem, de Mikhail Bakhtin (Volochínov).

Para uma filosofia do ato responsável, de Mikhail Bakhtin.

Parâmetro curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental.

Para ler e fazer o jornal na sala de aula, de Alice Maria Faria e Juvenal Zanchetta Junior.

Portos de passagem, de João Wanderley Geraldi.

Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI. João Wanderley. *O texto na sala de aula,* de João Wanderley Geraldi.

Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.) *Gêneros textuais & ensino*, de Luiz Antônio Marcuschi.

O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada, de Newton Duarte Molon E Rodolfo. Vianna.

O jornal e a prática pedagógica. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). *Aprender a ensinar textos não escolares*, de Fernando Valeriano Vianna e Joana da Silva Yanaray.

3.1.7 Cronograma das aulas

DATA, AULAS e HORÁRIO	ATIVIDADES DESEMPENHADAS
17/06/2015- 1ª Oficina- 13h30min às 15h45min.	✓ Apresentação do projeto extraclasse e palestra da Jornalista Mayara Rinaldi sobre o fazer jornalístico
19/06/2015- 2ª Oficina-13h30min às 15h45min.	✓ Estudo do jornal e divisão dos grupos.
44/06/2015- 3ª Oficina-13h30min às 15h45min.	✓ Escrita da primeira versão.
26/06/2015- 4ª Oficina- 13h30min às 15h45min.	✓ Reescrita e entrega da versão final.
01/07/2015- 5ª Oficina-13h30min às 15h45min.	✓ Saída de estudos.

3.1.8 Planos de aula

Na sequência, apresentamos o plano de cada uma das aulas sintetizadas no cronograma de docência.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Rita de Cássia Peres
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

Plano de aula - encontro 1 **Data 17/6 – das 13h30min às 15h45min**

Tema: Apresentação do projeto extraclasse e palestra sobre o fazer jornalístico.

Objetivos gerais

- Apresentar- se e ficar atento às apresentações dos professores estagiários;
- Conhecer o projeto extraclasse denominado "Jornal Escolar Notícias do Beatriz" já desenvolvido em semestres anteriores por estagiários do curso de Letras - Português da UFSC;
- Dialogar com um profissional da área do jornalismo, conhecendo, assim, um pouco sobre a esfera jornalística e o fazer jornalístico.

Objetivos específicos

- Socializar saberes que possuem sobre o projeto denominado "Jornal Escolar Notícias do Beatriz" desenvolvido na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito e sobre o fazer jornalístico;
- Conhecer aspectos gerais do fazer jornalístico por meio de uma palestra com um profissional da área do jornalismo;
- Refletir sobre a importância do projeto "Jornal Escolar Notícias do Beatriz" na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito.
- Expressividade, clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuíam sobre o projeto "Jornal Escolar Notícias do Beatriz" e sobre o fazer jornalístico;

Conteúdo

- O fazer jornalístico;
- A importância do Projeto extraclasse "Jornal Escolar Notícias do Beatriz";

- Expressividade, clareza, objetividade e coerência na socialização dos saberes que já possuem sobre o projeto *Jornal Notícias do Beatriz;*
- A escrita como recurso para registro da fala do outro.

Metodologia

- Apresentar professores estagiários e alunos;
- Provocar os alunos a socializarem o que já conhecem sobre o projeto do jornal Notícias do Beatriz e sobre a esfera jornalística;
- Explicar a proposta do projeto para a turma;
- Organizar os alunos para palestra-dialogada .

Recursos didáticos

- Jornais impressos;
- Computador com internet;
- Projetor multimídia;

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, considerando a pertinência das intervenções e pelo o respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se, em linhas gerais, o aluno compreender a importância do projeto e da esfera jornalística para o aprendizado da língua materna.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português:* encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal**. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXOS

[56]

[56] Mayara Rinaldi Nunes, ex editora do jornal Diário Catarinense, realiza palestra sobre o jornal.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Rita de Cássia Peres
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

Plano de aula - encontro 2 **Data 19/6 – das 13h30min às 15h45min**

Tema: Estudo do jornal e divisão dos grupos.

Objetivos gerais

- Analisar sistematicamente exemplares impressos de Jornais conceituados e de Jornais elaborados por alunos da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito em semestres anteriores.

Objetivos específicos

- Refletir sobre a função social do jornal, com base na análise de diferentes exemplares;
- Identificar os meios de circulação do jornal;
- Compreender a importância da pesquisa no fazer jornalístico;
- Reconhecer os diferentes gêneros que fazem parte da esfera jornalística;
- Aprofundar o estudo daqueles gêneros que farão parte do jornal a ser elaborado: sua função social, forma de composição e a linguagem utilizada.

Conteúdo

- Gêneros do discurso e pesquisa na esfera jornalística;
- Contexto de circulação do jornal;
- Leitura-fruição dos exemplares impressos de jornais;
-Leitura-estudo de exemplares impressos de jornais;
- Leitura para busca de informações nos exemplares impressos de jornais;

Metodologia

- Provocar os alunos a socializarem o que já conhecem sobre a esfera jornalística – função social, meios de circulação, gêneros que o integram;
- Distribuir exemplares dos jornais para leitura-fruição e busca de informações;
- Retomar a proposta do projeto para a turma;
- Exposição dialogada sobre a função social do jornal e seu contexto de circulação;
- Definir as equipes levando em consideração que: o estagiário Alexandre ficou responsável pelo gênero resenha; a estagiária Ana Carolina ficou responsável pelo gênero notícia; Bianca, por classificados e anúncios; José, reportagem; Maria ficou responsável pelos gêneros tirinha e charge; e Morgana, entrevista.
- Entregar roteiros específicos para cada gênero textual, a fim de que os grupos de alunos façam uma leitura/estudo orientada;
- Escolher o tema a partir do qual cada grupo desenvolverá seu texto de acordo com o gênero textual;
- Orientar os alunos para o próximo encontro, sugerindo alguns materiais que possam ser úteis para a escrita da primeira versão da produção textual. .

Recursos didáticos

- Cópias impressas dos roteiros;
- Jornais impressos;
- Computador com internet;
- Projetor multimídia;

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, considerando a pertinência das intervenções e pelo o respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se, em linhas gerais, o aluno compreender os gêneros do discurso, a função social e os meios de circulação da esfera jornalística.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português:* encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal**. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXO

[57]

[57] Mateus, aluno da 8ª fase do curso de Jornalismo UFSC. Apresentou o Zero, jornal desenvolvido em uma matéria do curso de jornalismo.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Rita de Cássia Peres
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

Plano de aula - encontro 3 **Data 24/6 – das 13h30min às 15h45min**

Tema: Escrita da primeira versão.

Objetivos gerais

- Elaborar a primeira versão escrita dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio.

Objetivos específicos

- Anotar dados e informações coletadas durante a pesquisa para construção dos textos;
- Empregar adequadamente os recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio, na produção dos textos para o jornal.

Conteúdo

- Pesquisa e coleta de dados e informações;
- Gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio;
- Recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha, anúncio;
- Escrita do texto de acordo com as características de cada gênero.

Metodologia

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar as equipes para realizarem as pesquisas que, a princípio, serão realizadas apenas na própria escola;

- Sair a campo e coletar os dados necessários para a produção dos textos a partir dessas informações;
- Retornar ao local onde o projeto está sendo desenvolvido para iniciarem a primeira versão escrita;
- Entregar a primeira versão escrita.

Recursos didáticos

- Folha pautada;
- Lápis;

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como pelo respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se o aluno elaborar seu texto de acordo com o estudo realizado sobre as características do gênero do discurso pelo qual ficou responsável para a constituição do Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português:* encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal**. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXO

[58]

[58] Escrita da primeira versão.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Rita de Cássia Peres
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

Plano de aula - encontro 4 **Data 26/06 – das 13h30min às 15h45min**

Tema: Reescrita e entrega da versão final.

Objetivos gerais

- Produzir a versão final do texto que irá compor o jornal, de acordo com os apontamentos feitos pelos estagiários na primeira versão do texto.

Objetivos específicos

- Reescrever o texto que irá ser publicado no jornal Notícias do Beatriz;
- Adequar o texto ao gênero de acordo com os apontamentos feitos pelos professores estagiários, levando em conta os elementos textuais, os recursos linguísticos e expressivos;

Conteúdo

- Reescrita dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio;
- Recursos discursivos, expressivos, textuais e linguísticos dos gêneros reportagem, notícia, entrevista, resenha, charge, tirinha e anúncio;
- Análise linguística.

Metodologia

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar as equipes para realizarem a reescrita do texto que será publicado no Jornal Escolar Notícias do Beatriz;
- Acompanhar os alunos para qualquer dúvida que possa surgir;
- Entregar a versão final escrita do texto que será publicado.

Recursos didáticos

- Folha pautada;
- Lápis;

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como pelo respeito aos colegas e aos professores. Será satisfatório se o aluno reelaborar seu texto de acordo com os apontamentos realizados pelos professores estagiários, considerando a adequação ao gênero e às normas da escrita formal da língua portuguesa.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português:* encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal***. Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXOS

ANÚNCIOS[59]

Alunos que produziram: Guilherme da Silva Ribeiro, Emanuelle Barbosa, Luan de Paulo da Cruz, Rafael Robson da Silva

Fique por dentro!
Oportunidades para ingresso nas melhores escolas de Floripa!

Escola: Colégio Catarinense oferece bolsas com 100% de benefício para a 1ª série do Ensino Médio. Poderão ser classificados os alunos de famílias que não ultrapassem a renda *per capita* de 1,5 salários mínimos.
Forma de ingresso: Entrevista com a(o) profissional do serviço social da instituição.
Fique atento para o dia da abertura do processo seletivo para bolsas integrais do Colégio Catarinense pelo site: http://www.colegiocatarinense.g12.br/

(Disponível em: http://www.jesuitasbrasil.com/jst/conteudo/visualiza_lo12.php?pag=;portaljesuitas;paginas;visualiza_lo12&cod=2572&secao=256)

Escola: Colégio da Polícia Militar oferece 10% das vagas a estudantes da Comunidade em Geral.
Forma de ingresso: Sorteio.
Fique atento para a data de inscrição que será divulgada no mês de outubro pelo site: http://www.cfnp.com.br/

Escola: Colégio de Aplicação da UFSC.
Forma de ingresso: Sorteio.
Fique atento ao período de inscrições para participar do sorteio de candidatos pelo site http://www.ca.ufsc.br/

(
Disponível em: http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/18301-divulgado-edital-para-inscricoes-no-colegio-de-aplicacao-da-ufsc.html)

[59] Anúncios produzidos por alunos do projeto extraclasse como produção final da oficina.

Escola: IFSC.
Forma de ingresso: Prova que acontece duas vezes ao ano.
Fique atento aos cursos ofertados e às informações sobre as inscrições na página do Portal de Ingresso: http://www.ifsc.edu.br/ingresso-inicio

(Disponível em: http://linkdigital.ifsc.edu.br/2012/07/06/greve-no-ifsc-confira-como-foi-a-terceira-semana-de-paralisacao/)

Não percam!
Em 11 de dezembro, formatura dos 65 alunos das turmas 91 e 92 da EBM Beatriz de Souza Britto, na Igreja Santo Agostinho. Ocorrerá uma cerimônia de entrega de diplomas e será oferecido um coquetel aos convidados.
Venham prestigiar o dia que marcará a conclusão da primeira etapa de formação desses adolescentes!
O evento promete fortes emoções!

CLASSIFICADOS[60]

Vendo violão preto, marca Memphis. Acompanha capa preta e afinador. Produto em bom estado. Valor: R$ 150,00. Interessados(as) falar com Guilherme da Silva Ribeiro, aluno do 9º ano, turma 91.

Vendo adesivos para unhas. Vários modelos de decoração. Valor: R$ 2,50. Se você se interessar, falar com Guilherme da Silva Ribeiro, aluno do 9º ano, turma 91.

[60] Classificados feitos por um aluno do projeto extraclasse como produção final da oficina.

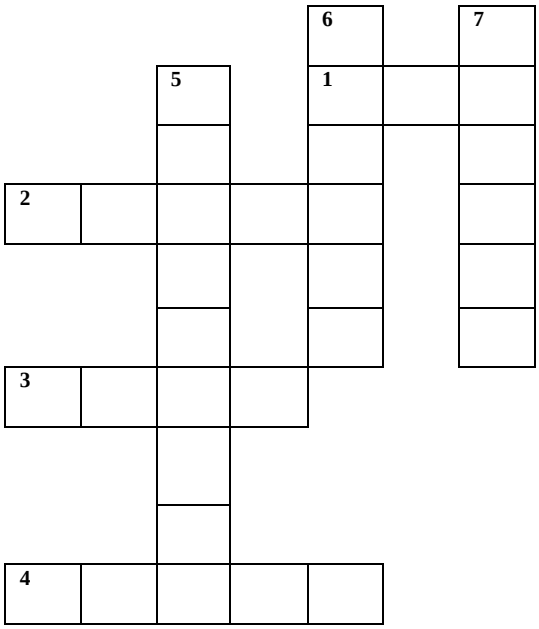
CRUZADINHA: TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS MUSICAIS[61]

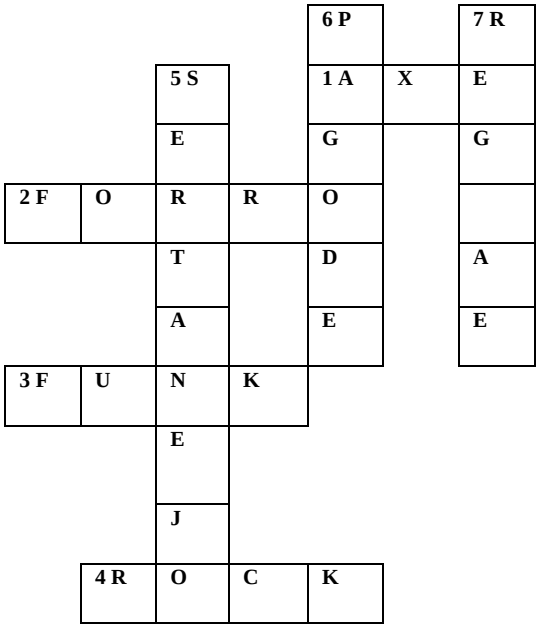
Horizontais:

1. Gênero musical que surgiu no Carnaval de Salvador.
2. Ritmo de dança também conhecido como arrasta-pé.
3. Gênero musical que se originou nos Estados Unidos, reconhecido pelas batidas repetitivas.
4. Gênero musical que, muitas vezes, é acompanhado pela guitarra elétrica.

Verticais:

5. Estilo de música cantado por duplas, como: Zezé Di Camargo e Luciano.
6. Estilo de samba. Os cantores quase sempre estão acompanhados de percussão, violão e cavaquinho.
7. Gênero com origem na Jamaica. O cantor Bob Marley é o representante deste estilo musical.



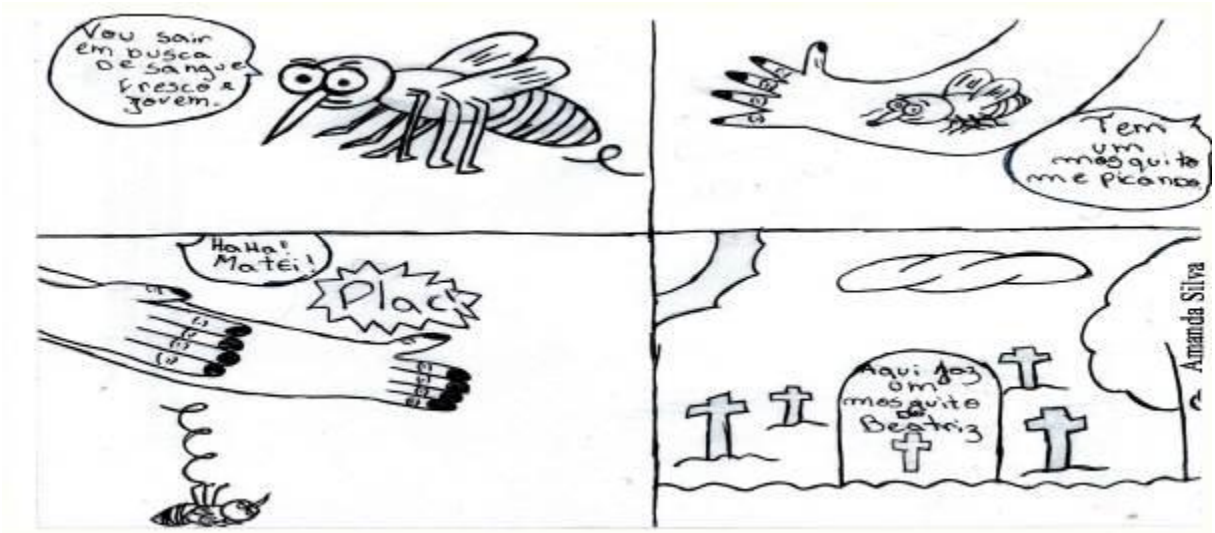


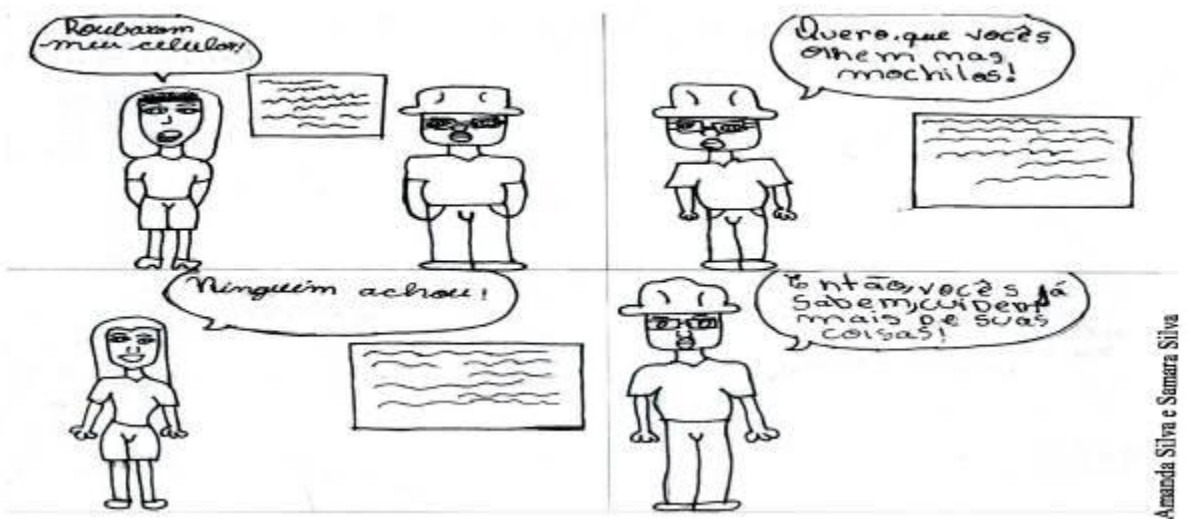
[61] Cruzadinha produzida por alunos do projeto extraclasse como produção final da oficina.

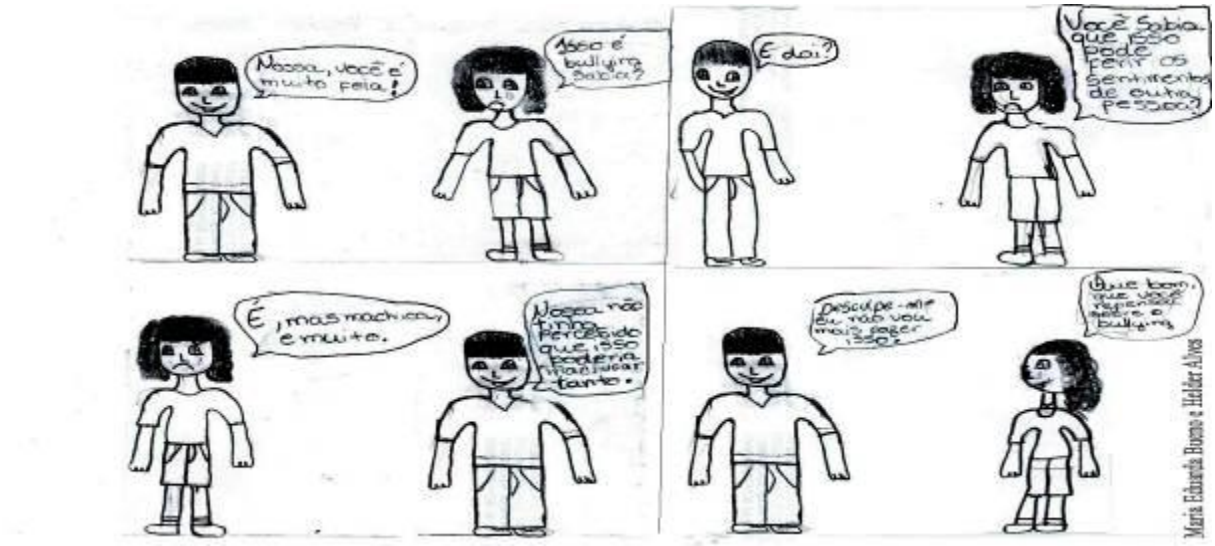
CHARGE[62]

[62] Charge produzida por um aluno do projeto extraclasse.

TIRINHAS[63]







[63] Tirinhas produzidas por alunos do projeto extraclasse.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente: Rita de Cássia Peres
Jornal Escolar Notícias do Beatriz
Estagiários responsáveis: Alexandre Lemke, Ana Carolina de Souza Ostetto, Bianca da Cunha, José Luiz Amorim, Maria José Torresan Candido, Morgana Ferreira.

Plano de aula - encontro 5 **Data 1/7 – das 13h30min às 15h45min**

Tema: Saída de estudos.

Objetivos gerais

- Conhecer os laboratórios do curso de Jornalismo da UFSC, como forma de aprimorar os conhecimentos sobre o fazer jornalístico.

Objetivos específicos

- Compreender os processos envolvidos no fazer jornalístico, pela escuta atenta e ativa da explicação sobre funcionamento dos diferentes laboratórios do curso de Jornalismo da UFSC.

Conteúdo

- O fazer jornalístico.

Metodologia

- Orientar os alunos sobre as atividades a serem desenvolvidas neste encontro;
- Organizar os alunos para saída de estudo;
- Organizar os alunos em dois grupos para a visita dos diferentes laboratórios do curso de jornalismo;
- Finalizar a produção dos textos dos grupos que ainda não concluíram o trabalho.

Recursos didáticos

- Folha pautada;
- Lápis;

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir da participação nas atividades propostas, assim como pelo respeito aos colegas, aos professores e aos demais envolvidos nas atividades.

Referências

ANTUNES, Irandé. *Aula de português:* encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal**. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ANEXO[64]

[64] Saída de campo para o curso de Jornalismo da UFSC.

[65]

[65] Laboratório de foto jornalismo.

[66]

[66] Studio de gravação.

[67]

[67] Saída de campo para o curso de Jornalismo da UFSC.

3.2 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE

O ensino de Língua Portuguesa em atividades extraclasse foi um momento de muito aprendizado. Ao refletir sobre a nossa prática pedagógica, concordamos que tentamos seguir os pressupostos do nosso referencial teórico, apresentado na seção: O projeto de docência. Nossa prática pedagógica foi ao encontro do que é considerado para Bakhtin (2003) e Marcuschi (2008) como o "ideal" para a prática de ensino dos gêneros discursivos, pois estudamos os gêneros vinculados ao seu papel social.

Participamos da elaboração da sexta edição do Jornal "Notícias do Beatriz", em seu quinto ano de circulação. Os alunos trabalharam no contraturno, o que significa que, além das atividades já previstas em sala de aula com diferentes gêneros do discurso, leitura e escrita, os alunos que participaram do projeto eram os que realmente queriam fazer parte da realização do Jornal "Notícias do Beatriz". O fato de termos apenas alunos que queriam participar das atividades e termos grupos de quatro alunos por gênero para orientar, fez toda diferença. Os alunos se mostraram muito interessados com a escolha do tema e com a produção dos textos, talvez por estarem em pequenos grupos e conseguirem expor mais suas opiniões ou por terem um contato mais próximo com o(a) professor(a). Por isso, consideramos muito satisfatórios os resultados obtidos nos encontros, os alunos conseguiram fazer boas produções para publicação no jornal.

Fizemos algumas alterações nos planos de aula. Para os primeiros dois encontros havíamos escolhido vídeos para exposição, caso nossos convidados não comparecessem ao "Beatriz". De maneira geral, os alunos se envolveram com as apresentações dos nossos palestrantes: a jornalista Mayara Rinaldi, que abordou o fazer jornalístico; e Mateus Bandeira Vargas, bolsista de monitoria do jornal "Zero", que expôs sobre a estrutura e organização do jornal e sobre os gêneros jornalísticos.

A seguir, descrevemos cada encontro do projeto extraclasse.

Nosso primeiro encontro aconteceu dia 17/06/205, das 13h30min às 15h45min. Iniciamos este encontro no refeitório, onde realizamos uma conversa com os alunos participantes do projeto do jornal Notícias do Beatriz. O objetivo da conversa foi apresentar estagiários e alunos entre si, saber dos alunos quem já havia participado do projeto e em que ano, a turma de cada aluno e explicar, de modo geral, o objetivo e a importância do jornal do Beatriz – oportunizar o ensino da língua em outros espaços (neste caso, a oficina) e a

socializar as produções textuais dos alunos, por exemplo – os gêneros do discurso, já que o jornal é o suporte destes gêneros. Este primeiro momento durou cerca de 30min e foi coordenado pela estagiária Morgana, que contou com a participação de seus colegas estagiários Alexandre, Ana Carolina, Bianca, José Luiz e Maria José, assim como dos alunos do projeto, da professora de Língua Portuguesa da escola Beatriz e da orientadora de estágio do curso de Letras-Português da UFSC. Os alunos foram bem participativos, pois aqueles que já haviam participado do jornal contaram a experiência para o grupo e aqueles que estavam participando pela primeira vez demonstraram certa curiosidade para saber como seria o desenrolar do projeto.

Após este momento, nos direcionamos para a sala de informática para a apresentação da jornalista Mayara Rinaldi Nunes, antiga responsável pela editora de Notícias do "Diário Catarinense", sobre o fazer jornalístico. A jornalista preparou sua apresentação no *power point*. Nestes slides nos foram apresentados tópicos sobre os jornais, que são: as etapas e funções que se referem às definições das pautas, apuração dos fatos, produção, diagramação, edição e revisão, e impressão; saber qual é o público do jornal, divisão do conteúdo por editorias, critérios de noticiabilidade/valores notícia; divisão de pautas entre os repórteres, entrevista com fontes de informação, especialistas no assunto, entrevistas com testemunhas/envolvidos, pesquisa a fontes documentais e bases de dados; produção do jornal; e diagramação/edição. A jornalista os explicou de forma clara e didática, através de exemplos, todas as etapas de construção de um jornal.

O estagiário Alexandre foi quem coordenou a apresentação da jornalista para o grupo e foi quem fechou a palestra com os agradecimentos. Houve efetiva participação dos alunos do projeto, principalmente no tempo disponibilizado para perguntas, no final da palestra.

No encontro do dia 19/06/2015, que aconteceu das 13h30min às 15h45min na sala de informática, recebemos a visita do monitor da disciplina de jornalismo da UFSC. Mateus é aluno da 8ª fase do curso de jornalismo da UFSC e presta serviços à editora Companhia das Letras. Ele apresentou o "Zero", jornal desenvolvido em uma matéria do curso de jornalismo. Por essa natureza, o jornal se aproxima mais do jornal que estávamos produzindo no Beatriz (semestral, fruto de um trabalho de aprendizado, poucas notícias). Ele entregou aos alunos exemplares do jornal e explicou para os alunos a estrutura do jornal, o porquê do nome, número de edições do "Zero" publicadas por ano (quatro jornais por semestre/oito por ano). A estagiária que coordenou este momento da oficina foi Ana Carolina, a qual também fechou a análise do jornal com as considerações que julgou importante, fazendo assim, um resumo do

que foi explicado pelo aluno do curso de jornalismo da UFSC. Os alunos do projeto ouviram atentamente as explicações e a análise e contribuíram com o andamento da oficina por meio de suas indagações.

Terminada a fala do Mateus, foram feitos os agradecimentos ao convidado. A estagiária Ana Carolina começou a divisão dos grupos por gênero do discurso, ou seja, o estagiário Alexandre ficou responsável pelo gênero resenha; a estagiária Ana Carolina ficou responsável pelo gênero notícia; Bianca, por classificados e anúncios; José Luiz, reportagem; Maria José ficou responsável pelos gêneros tirinha e charge; e Morgana, entrevista. Logo, os alunos foram escolhendo o gênero que queriam produzir para o jornal e formando os grupos. Não foi uma tarefa difícil, já que os alunos do projeto estavam bem decididos quanto ao gênero que queriam. Alguns alunos que haviam participado do jornal em semestres anteriores optaram por ficar com o mesmo gênero que já produziram. Outros, porém, quiseram inovar e aprofundar os conhecimentos em outro gênero.

Formados os grupos, cada estagiário analisou especificamente o gênero do discurso pelo qual estava responsável junto ao seu grupo. Vale ressaltar que cada gênero foi estudado analisando os exemplos que circulavam nos exemplares de jornais impressos levados pelos estagiários e pela professora orientadora do estágio. Alguns estagiários organizaram, ainda, roteiros com as características do gênero e distribuíram aos alunos do seu grupo.

No dia 24/06/2015, os estagiários responsáveis pelo projeto extraclasse se reuniram com seus respectivos grupos para a produção dos textos. Alguns grupos conseguiram definir rapidamente sobre o que iriam escrever, outros precisaram da ajuda do estagiário para a escolha do assunto. Ao final do encontro, os estagiários recolheram as produções e encaminharam (cada qual ao seu grupo) algumas atividades para o próximo encontro.

No dia 26/06/2015, os estagiários responsáveis pelo projeto extraclasse voltaram a se reunir com seus respectivos grupos. Fizemos algumas sugestões de adequação nos textos e explicamos o porquê das modificações. Como sugestão da monitora da disciplina, aqueles que terminassem mais cedo, poderiam fazer cruzadinha. Após o término das produções do grupo do gênero anúncios e classificados, foi sugerido aos alunos que realizassem esta atividade. Eles se mostraram resistentes e disseram que estavam participando do projeto somente para produção de anúncios. A monitora explicou o objetivo do projeto e os convenceu a fazer a cruzadinha sobre gêneros musicais. O grupo da cruzadinha ganhou mais três alunas da equipe da reportagem, elas contribuíram com a descrição de um gênero musical e saíram do grupo.

Com muita insistência, os alunos conseguiram terminar as cruzadinhas. Ao final da aula, os estagiários recolheram as produções de todos os alunos.

No dia 01/07/2015, os estagiários responsáveis pelo jornal, a professora de Língua Portuguesa, a orientadora do estágio de docência e os alunos participantes, foram até a UFSC para conhecer os laboratórios do curso de Jornalismo, utilizados para a produção do jornal Zero e para a gravação de alguns canais do *youtube*. Após a visita em alguns espaços do curso, voltamos a Escola "Beatriz" para finalizar as produções dos textos. Os alunos que já haviam terminado as produções puderam ser dispensados, os demais continuaram a realizar suas tarefas até às 15h45min.

O projeto extraclasse nos permitiu ensinar a língua de uma maneira menos tradicional. O modelo tradicional de aula, isto é, a organização das carteiras em fileiras, professor detendo a palavra, alunos ouvintes, quadro negro e anotações, foi deixado de lado durante a realização do projeto extraclasse. O projeto extraclasse proporcionou aos alunos trabalhar com os recursos tecnológicos, alguns fizeram entrevistas por e-mail e outros usaram o celular para tirar fotos. O uso destes recursos desperta muito interesse nos alunos, por isso, acreditamos que o projeto foi um grande exemplo de que as mudanças culturais e as inovações tornam-se imprescindíveis numa era em que os alunos possuem novos anseios e estão mais ligados às evoluções.

4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

O primeiro contato para decidirmos o gênero a ser trabalhado durante o nosso estágio de docência aconteceu em uma reunião com a professora de Língua Portuguesa. Nesta reunião, foi apresentado o plano de ensino da professora regente e, a partir disso, cada dupla escolheu um gênero para trabalhar com sua turma.

Durante a prática docente aconteceu uma greve dos professores da rede municipal de Florianópolis. Todos os professores da escola e os estagiários do curso de letras participaram deste período de reivindicações, das passeatas e acompanhamos as negociações. Foi um momento de muito aprendizado, nunca havíamos participado de uma mobilização grevista. Este período de negociações foi importante para nossa formação como docentes, pois acompanhamos a luta dos professores por melhores condições de trabalho e aumento salarial.

Após a greve dos professores municipais, ocorreu na escola "Beatriz" a OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas), ficamos responsáveis por ajudar a professora da turma 72 na aplicação da prova. Durante a realização da prova, percebemos que a turma, de maneira geral, estava interessada em resolver as questões. Dois alunos passaram para a segunda fase, para nosso orgulho e dos professores da escola. Ao término da prova da OBMEP, o coordenador pedagógico solicitou a presença de todos os professores e estagiários para conversar sobre os dias de reposição das aulas "perdidas", além disso, discutiram os motivos da greve e o seu término. Todos os professores puderam opinar e sugerir alterações na proposta de reposição das aulas.

Não tivemos a oportunidade de participar do conselho de classe, pois não havíamos sido informadas do dia que aconteceria. Mas, tivemos a oportunidade de participar da entrega de boletins. Outra experiência muito marcante durante este processo de formação docente. Ministramos as aulas em uma turma com 28 alunos, mas somente dois responsáveis compareceram para conversar com a professora da disciplina de Língua Portuguesa. Após a entrega dos boletins, participamos de uma reunião com os pais presentes para maiores esclarecimentos sobre a greve e para anunciar como aconteceria a reposição das aulas. Os pais também puderam sugerir alterações no calendário de reposição, mas concordaram com o cronograma apresentado pelo coordenador pedagógico.

Por fim, foi realizada uma saída de estudo com os alunos do projeto extraclasse para conhecer os laboratórios do curso de jornalismo da UFSC, onde os alunos aprenderam sobre a

produção do jornal “Zero” e tudo que o envolve. Esta saída de campo nos revelou o quanto os alunos aprendem também fora dos muros da escola. Esta experiência foi maravilhosa, pois percebemos que os alunos se mostraram interessados nas explicações dadas pelos profissionais do curso de jornalismo e curiosos em relação ao local visitado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio obrigatório foi um período extremamente valioso e importante para nós, pois aprendemos o quanto o papel do professor é fundamental. Cada aula se tornou única, o envolvimento dos alunos contribuiu para que cada aula acontecesse. Conseguimos colocar em prática muitas atividades planejadas, outras precisarem ser remanejadas, pois algumas produções não aconteceram no tempo previsto. O grande diferencial da turma estava no fato de muitos alunos participarem das exposições, levantarem questionamentos, trazerem curiosidades e informações relevantes que contribuíram para o estudo do gênero conto.

Procuramos partir da leitura-fruição de contos e, em seguida, fizemos a sistematização do estudo do gênero. Os momentos de leitura dos textos de temática bruxólica foram muito aproveitados pelos alunos. A extensão dos textos causou estranhamento nos discentes, uma vez que estavam acostumados com leituras de textos curtos em sala de aula. A professora regente havia começado o ano letivo com o estudo do gênero poesia, todos de curta extensão. Por isso, foi um desafio fazer com que todos lessem os contos (que variavam entre duas e três páginas) sem reclamações.

Tivemos um período de vinte aulas para trabalhar com o gênero conto na turma de sétimo ano (72), mas acreditamos ter conseguido alcançar todos os nossos objetivos. O que mais significou para nós, como futuras professoras, foi a participação efetiva da grande maioria dos alunos durante as aulas, nos surpreendemos com o resultado da aprendizagem ao final do Projeto.

Durante a realização do Projeto estivemos muito próximas dos alunos, isto facilitou nas exposições das aulas, pois o contato mais próximo e as conversas informais nos fizeram saber dos gostos dos alunos quanto às temáticas e às abordagens dos conteúdos. Com isso, após as aulas, conseguíamos ter um retorno dos alunos, se gostaram ou não.

A partir da experiência proporcionada através da docência na escola Beatriz de Souza Brito, concluímos que essas vinte aulas ministradas na turma 72 foram muito prazerosas e contribuíram para nosso crescimento pessoal e profissional.

Esta experiência nos fez perceber que a tarefa do professor não começa e termina simplesmente dentro da sala de aula, mas vai muito além dela. Podemos dizer que esse período de docência no Colégio “Beatriz” foi de grande conhecimento, aprendizado e reflexão e levaremos por toda vida essa experiência maravilhosa. Guardaremos em nossos corações o carinho, a atenção e a confiança que nos foi depositada.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA-PEREIRA, Rodrigo. *O gênero carta de conselhos em revistas online:* na fronteira ente o entretenimento e a autoajuda. 2012. 259 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem.* 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro & João, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetro curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 4 maio 2015.

CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.) "Uma noite de profunda insônia solitária". In: **13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CARDOZO. Flávio José; MIGUEL. Salim, (org.) "O abençoado". In: **13 CASCAES.** Ilustrações de Tércio da Gama e Franklin Cascaes. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 3ª reimpressão, 2011.

CASCAES, Franklin. "Vassoura bruxólica". In: **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed da UFSC, 2012.

CO-EDIÇÃO LATINO-AMERICANA. "A Boitatá". In: **Contos de Animais Fantásticos**. São Paulo: Ática S.A., 1992.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. ***Para ler e fazer o jornal na sala de aula.*** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI. João Wanderley. *O texto na sala de aula.* 4. ed. São Paulo, Ática, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. et al. (Org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-45732012000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: maio 2015.

Projeto Político-Pedagógico da Escola Beatriz de Souza Brito. Disponível em: < >. Acesso em: 02 de abril de 2015.

ROWLING, J. K. "O Coração Peludo do Mago". In: ROWLING, J. K**. Os Contos de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K. "Babbitty, A Coelha, e seu Toco Gargalhante". In: ROWLING, J. K**. Os de Beedle, O Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. 2. ed., p. 13-60.

VIANNA, Fernando Valeriano; SILVA, Yanaray Joana da. O jornal e a prática pedagógica. In: CHIAPPINI, Ligia (Coord.). *Aprender a ensinar textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997. v. 3. p. 79-97.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Fanzine, Clube do Livro de Satolep. Disponível em: <https://clubedolivrodesatolep.wordpress.com/2013/12/01/afinal-o-que-sao-fanzines/> Acesso: 15 de abril de 2015.

Fanzine, JWAVE. Disponível em: <http://www.jwave.com.br/2011/01/com-fazer-um-fanzine.html> Acesso: 15 de abril de 2015.

Fanzine, Em diálogo. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/content/fanzine-na-educacao> Acesso: 15 de abril de 2015.

7 ANEXOS

Anexo 1 – Questionário aplicado aos alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiárias: Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido
Disciplina: Letras Português
Turma: 72

Caras alunas e caros alunos,[68]

Nós, estagiárias do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estamos realizando um questionário com a finalidade de conhecê-los melhor. Convidamos você a contribuir para a elaboração do nosso Projeto de docência. Você não precisa colocar seu nome e, portanto, poderá responder às questões com total liberdade.

Contamos com você!

1. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2. Idade:_____

3. Cidade que você nasceu: _____

4. Bairro onde mora: _____

5. Com quem você mora?
_____
_____

6. Você sempre estudou na escola Beatriz de Souza Brito? Se não, em que série/ano começou a estudar aqui?
_____
_____
_____

7. Você vem para a escola:

( ) de bicicleta ( ) de ônibus ( ) de carro ( ) de moto ( ) de ônibus escolar ( ) à pé

8. Na sua avaliação, seus pais ou seus responsáveis se interessam pelos seus estudos?

[68] Questionário para aplicar aos discentes, produzido pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido.

( ) Sim, muito ( ) Têm interesse, mas não muito ( ) Não se interessam

9. A disciplina que eu mais gosto é: _____Por quê?
_____
_____
_____

10. A disciplina que eu menos gosto é:_____Por quê?
_____
_____
_____

11. O que eu costumo fazer quando não estou na escola é:
_____
_____

12. Você tem o hábito de ler?

( ) Sim ( ) Não

13. Se você está lendo algum livro atualmente, escreva o nome dele:
_____
_____

14. Se você não está lendo nenhum livro atualmente, escreva o nome do último livro que você leu:
_____ _____
_____

15. Você costuma acessar a internet? Se sim, com que frequência? E, o que costuma navegar/acessar na internet?
_____
_____
_____

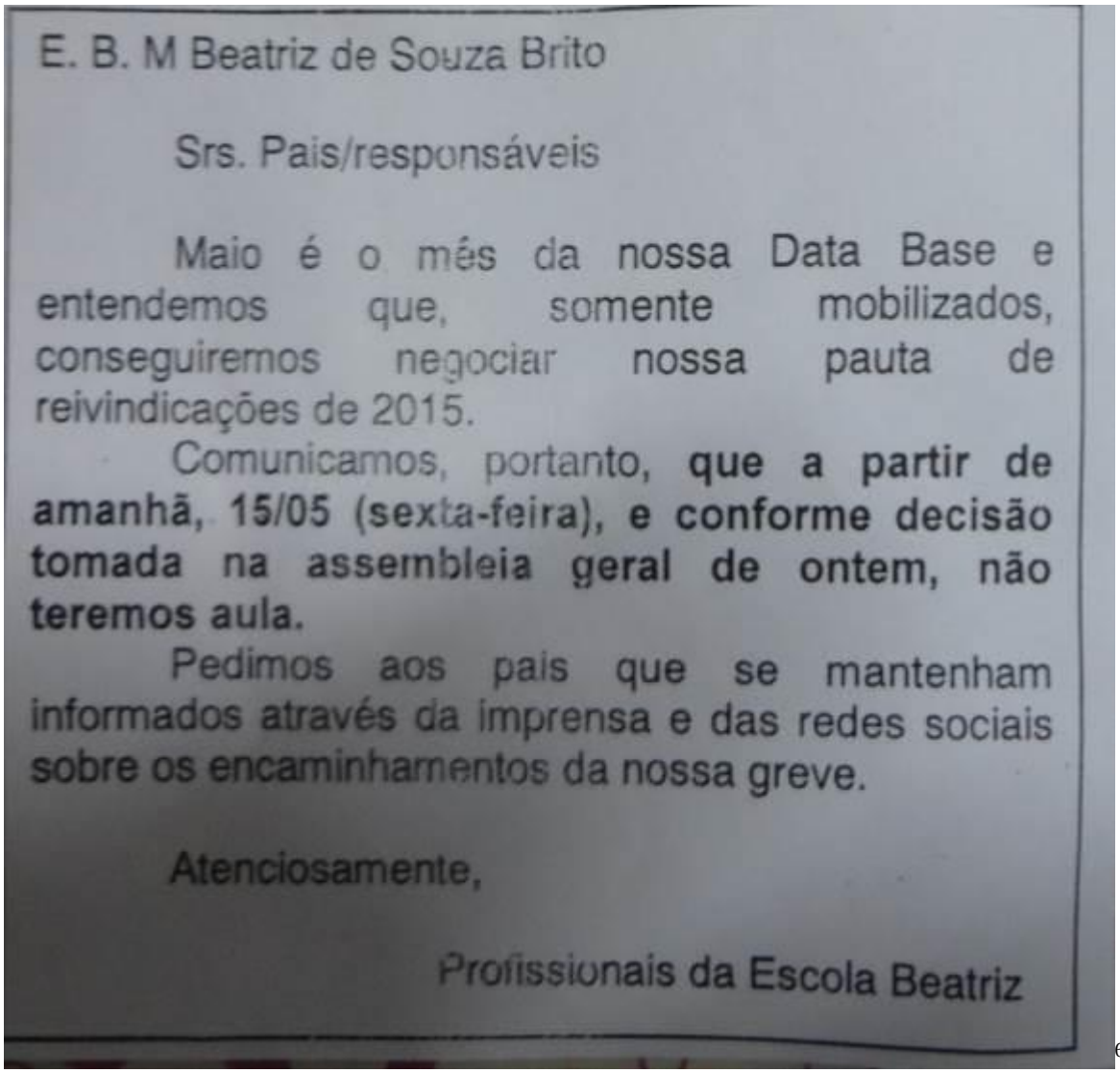
16. Que gênero musical você mais gosta de ouvir?
_____
_____

17. Como você define sua dedicação às atividades escolares:

( ) Eu me dedico muito às atividades escolares
( ) Eu me dedico pouco às atividades escolares
( ) Eu quase não me dedico às atividades escolares

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

Anexo 2 – Bilhete referente a greve dos professores da rede municipal de Florianópolis



E. B. M Beatriz de Souza Brito

Srs. Pais/responsáveis

Maio é o mês da nossa Data Base e entendemos que, somente mobilizados, conseguiremos negociar nossa pauta de reivindicações de 2015.

Comunicamos, portanto, **que a partir de amanhã, 15/05 (sexta-feira), e conforme decisão tomada na assembleia geral de ontem, não teremos aula.**

Pedimos aos pais que se mantenham informados através da imprensa e das redes sociais sobre os encaminhamentos da nossa greve.

Atenciosamente,

Profissionais da Escola Beatriz

[69]

[69] Bilhete entregue aos alunos sobre a greve dos professores.

Anexo 3 – Bilhete aos alunos que não entregaram as atividades

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA BEATRIZ DE SOUZA BRITO

Senhores pais ou responsáveis,

Comunicamos que _____ da turma 72, não realizou a(s) atividade(s) da disciplina de Língua Portuguesa assinalada(s) abaixo:

( ) Atividade de interpretação de contos **a** partir de roteiro de estudo;
( ) Atividade de interpretação do conto "A Fonte da Sorte" e dos elementos da narrativa;
( )Atividade de interpretação do conto " O Conto dos Três Irmãos"
( ) Produção escrita de texto do gênero conto.

Esclarecemos que todas estas atividades foram entregues e realizadas em sala de aula. Nosso objetivo é ajudar na formação de seu filho. Mas, somente juntos, família e escola, alcançaremos este objetivo.

Atenciosamente,

Bianca da Cunha e Maria José Torresan.
Professoras estagiárias de Língua Portuguesa

_____
Assinatura do responsável

[70]

[70] Bilhete produzido pelas estagiárias Bianca da Cunha e Maria José Torresan Candido para ser colado nas agendas e assinados pelos responsáveis dos alunos.

Anexo 4- Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 598448

O(A) **Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação**, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Edilton Luis Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Bianca Da Cunha**, CPF **081.759.419-10**, telefone **99074626**, e-mail **biancacunha1502@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11201877** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2015** e vinculado à disciplina **MEN7001**.

Art. 2º: O(A) Prof.(a) **Maria Izabel De Bortoli Hentz**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de **14 horas (com no máximo 3 horas diárias)**, a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) **Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**, de **09/03/2015** a **18/07/2015**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Rita De Cássia Peres**.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **1018200512554** da seguradora **Capemisa Seguradora de Vida e Previdencia S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32)**.

Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.

Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio **sem remuneração**.

Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 598448

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis, 26 de março de 2015

Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Bianca Da Cunha - Estagiário

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 598448 - Gerado pelo SIARE em 23/03/2015 às 09:07:24 hs.

Anexo 5- Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 598443

O(A) **Prefeitura Municipal de Florianópolis-Secretaria Municipal de Educação**, CNPJ 82.892.282/0009-09, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). **Edilton Luis Piacentini**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Maria José Torresan Candido**, CPF **078.105.939-94**, telefone **4832433740**, e-mail **mariajose-tc@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **11201897** no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a **CONCEDENTE e a UFSC em 01/03/2015** e vinculado à disciplina **MEN7001**.

Art. 2º: O(A) Prof.(a) **Maria Izabel De Bortoli Hentz**, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de **14 horas (com no máximo 3 horas diárias)**, a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) **Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**, de **09/03/2015** a **18/07/2015**, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) **Rita De Cássia Peres**.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº **1018200512554** da seguradora **Capemisa Seguradora de Vida e Previdencia S/A (CNPJ 08.602.745/0001-32)**.

Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.

Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio **sem remuneração**.

Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 598443

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estagio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data: Florianópolis 26 de março de 2015

Edilton Luis Piacentini - Representante na CONCEDENTE

Jose Ernesto De Vargas - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Maria José Torresan Candido - Estagiário

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Rita De Cássia Peres - Supervisor(a) no local de Estágio

TCE Nº 598443 - Gerado pelo SIARE em 21/03/2015 às 17:56:18 hs.

Anexo 6- Registro de Observação das Aulas de Língua Portuguesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243 – 3721-3567

METODOLOGIA MEN DE ENSINO

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Turma: 7º ano - 72
Professor(a): Rita de Cássia Peres
Estagiário(a): Bianca da Cunha
Período de observação total:

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/03/15	15:00H - 15:45H	Gênero Textual: Poema Cultura Haicai	
Aula 2	17/03/15	13:30H - 14:15H	Exercícios de compreensão do Haicai	
Aula 3	19/03/15	13:30H - 14:15H	Exercícios sobre linguagem e construção texto	
Aula 4	19/03/15	14:15H - 15:00H	Figura de Linguagem	
Aula 5	24/03/15	13:30H - 14:15H	Reflexão Linguística	
Aula 6	26/03/15	13:30H - 14:15H	Levantamento dos sugestões de aula feita pelos alunos	
Aula 7	26/03/15	14:15H - 15:00H	Refacção Reconto	
Aula 8	30/03/15	15:00H - 15:45H	Visita à biblioteca e refacção de texto reconto	
Aula 9	31/03/15	13:30H - 14:15H	Conclusão da Refacção do Reconto	
Aula 10	06/04/15	15:00H - 15:45H	Aplicação questionários pelos estagiários e refacção reconto	
Aula 11	07/04/15	13:30H - 14:15H	Continuação da refacção do reconto	
Aula 12	09/04/15	13:30H - 14:15H	Correção das atividades do L.D.	
Aula 13	09/04/15	14:15H - 15:00H	Visita à biblioteca e leitura.	
Aula 14				

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola

Anexo 6- Registro de Observação das Aulas de Língua Portuguesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODLOGIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO
Campus Universitário - Caixa Postal: 476 - 88040-900 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone: (48) 3721-9243 – 3721-3567

METODOLOGIA DE ENSINO

REGISTRO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Escola: Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Turma: 72
Professor(a): Rita de Cássia Reves
Estagiário(a): Maria José Soares Candido
Período de observação total:

Aula	Dia	Hora	Conteúdo ministrado	Assinatura do(a) professor(a) titular
Aula 1	16/03	15 hrs	Leitura do poema Haicai e exercícios	
Aula 2	17/03	13:30 hrs	exercícios do livro de Haicai	
Aula 3	19/03	13:30-14:15	correção de exercícios sobre linguagem e construção textual	
Aula 4	19/03	14:15-15:00	Identificação das palavras quanto ao número de sílabas	
Aula 5	24/03	13:30-14:15	Reflexão linguística	
Aula 6	26/03	13:30-14:15	Atividades sugeridas pelo livro	
Aula 7	26/03	14:15-15:00	Aplicação	
Aula 8	30/03	15:00-15:45	Visita à biblioteca e Aplicação do Texto escrito	
Aula 9	31/03	13:30-14:15	Conclusão da aplicação do texto escrito	
Aula 10	06/04	15:00-15:45	Aplicação do questionário pelas estagiárias de Leitura e Redação	
Aula 11	07/04	13:30-14:15	Reescrita do texto para quem não terminou	
Aula 12	09/04	13:30-14:15	Leitura e correção dos exercícios - pg: 24 e 25	
Aula 13	09/04	14:15-15:00	Visita à biblioteca p/ troca de livros	
Aula 14				

Assinatura do Coordenador Pedagógico da Escola